



Câmpus  
Anápolis de Ciências  
Socioeconômicas  
e Humanas



Universidade  
Estadual de Goiás

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
Câmpus Anápolis De Ciências Socioeconômicas E Humanas  
Programa De Pós-Graduação Ciências Sociais e Humanidades  
“Territórios e Expressões Culturais no Cerrado”

THALITA AGUIAR SIQUEIRA

**CORPOS SEGREGADOS E POBREZA ABSOLUTA NO PROCESSO DE  
PRODUÇÃO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM ANÁPOLIS (GO)**

Anápolis  
2019

THALITA AGUIAR SIQUEIRA

**CORPOS SEGREGADOS E POBREZA ABSOLUTA NO PROCESSO DE  
PRODUÇÃO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM ANÁPOLIS (GO)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação TECCER, da Universidade Estadual de Goiás, como requisito Parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, na área interdisciplinar, linha de pesquisa: Dinâmicas territoriais no cerrado.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Mello

Anápolis  
2019

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UEG com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SI618c Siqueira, Thalita Aguiar

Corpos Segregados e Pobreza Absoluta no Processo de Produção de Pessoas em Situação de Rua em Anápolis (GO) / Thalita Aguiar Siqueira; orientador Marcelo de Mello. -- Anápolis, 2019.

122 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado) -- Câmpus-Anápolis CSEH, Universidade Estadual de Goiás, 2019.

1. Segregação sócio-espacial. 2. Refuncionalização. 3. Espaço Urbano  
4. Pobreza Absoluta. 5. População em Situação de Rua. I. de Mello, Marcelo, orient. II. Título.

THALITA AGUIAR SIQUEIRA

**CORPOS SEGREGADOS E POBREZA ABSOLUTA NO PROCESSO DE  
PRODUÇÃO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM ANÁPOLIS (GO)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação TECCER, da Universidade Estadual de Goiás, como requisito Parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, na área interdisciplinar, linha de pesquisa: Dinâmicas territoriais no cerrado.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Mello

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Marcelo de Mello  
Presidente /UEG - TECCER

---

Prof. (a). Dr. (a). Milena d'Ayala Valva  
Membro/UEG – TECCER

---

Prof. (a). Dr. (a). Dra. Luiza Pereira Monteiro  
Membro/UEG-Anápolis

---

Prof. Dr. Anisteu Geovani de Oliveira  
Suplente/UEG – Morrinhos

---

Prof. (a). Dra. Janes Socorro da Luz  
Suplente/UEG – TECCER

Anápolis, 17 de abril de 2019

A todas as pessoas que lutam por um mundo melhor.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de conhecer pessoas que contribuíram positivamente para o meu crescimento tanto pessoal quanto profissional. Em casa, agradeço a minha querida mãe, a dona Jô, pelo apoio incondicional desde o início da minha jornada. Ao meu esposo Rodrigo pela paciência, compreensão e companheirismo. Ao meu filho José Pedro que mesmo sem consciência disso me deu forças para seguir em frente, as minhas irmãs que me deram socorro sempre que precisei.

Na Universidade Estadual de Goiás, agradeço ao Professor Dr. Marcelo de Mello, pelo apoio e dedicação nas orientações que renderam muitos frutos ao longo dessa jornada. A coordenação do programa de Pós-Graduação territórios e expressões culturais no cerrado, na pessoa da coordenadora do programa, a Prof. Divina Aparecida Leonel Lunas. Agradeço também aos professores que contribuíram com seu conhecimento através das disciplinas que cursei neste período, em especial a professora Janes Socorro da Luz por quem tenho grande carinho e admiração. A banca examinadora composta pelos professores; Prof. Dr. Marcelo de Mello, Prof. (a). Dra. Milena d’Ayala Valva, Prof. (a). Dra. Luiza Pereira Monteiro, Prof. Dr. Anisteu Geovani de Oliveira e Prof. (a). Dra. Janes Socorro da Luz. E agradeço as minhas amigas, Sara Pereira de Deus e Bruna Marquezan Silva com as quais dividi minhas angústias e alegrias nestes dois anos.

Agradeço imensamente o coordenador do Albergue Noturno Bom Samaritano, Bauer dos Reis pelo apoio na realização desta pesquisa. Agradeço ao assistente social Jordan de Souza, pelas informações sobre a população em situação de rua em Anápolis. Agradeço também as pessoas (Habitantes das ruas) que se disponibilizaram a participar contribuindo para que este trabalho se tornasse ainda mais rico. Agradeço o Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho na pessoa de Jairo Alves Leite pelo apoio nas pesquisas realizadas no Museu. Ao Dr. Bill Fanstone e sua esposa Virginia, pela ajuda no levantamento da história da Associação beneficente Bom Samaritano – ABBS, responsável pelo Albergue noturno Bom Samaritano.

Agradeço a CAPES por conceder a bolsa que viabilizou a presente pesquisa. E por fim agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste Trabalho.

“O mundo está cheio de coisas óbvias, que ninguém, jamais, observa. ”

Arthur Conan Doyle

## RESUMO

A segregação sócio-espacial é produto das desigualdades sociais. Assim, para entendê-la, é necessário inseri-la no contexto do modo de produção capitalista, que produz e reproduz uma sociedade de classes. São vários os tipos de segregação presentes no espaço urbano, a presente pesquisa analisou a segregação que repercute na questão do habitar e na pobreza absoluta, que, por sua vez, promovem a produção pessoas em situação de rua. Relacionamos a segregação com o processo de refuncionalização do espaço urbano, considerando a redefinição de sentidos atribuídos aos objetos e fenômenos pelos habitantes da rua. Para tanto, ressaltamos os processos contraditórios decorrentes da refuncionalização do espaço urbano. O intuito foi entender a valorização de alguns lugares e a desvalorização de outros, com vistas ao entendimento da relação travada entre os habitantes das ruas e o espaço urbano da cidade de Anápolis (GO). No decorrer da investigação, recorremos a autores como Correa (1995); Carlos (2007b); Lefebvre (2001); Harvey (1996); Maricato (2015) e Santos (2003). Estes autores não se restringiram aos fatores econômicos e culturais isoladamente e investigaram a realidade urbana como produto de relações complexas e contraditórias. Os pesquisadores aqui destacados ofereceram teorias e conceitos que permitiram uma aproximação com o mundo concreto. Entre suas contribuições destacamos: a ordem próxima e a ordem distante, a sociedade burocrática do consumo dirigido, de Lefebvre (1991); a economia política dos signos de Harvey (2004); a fala falante e a fala falada de Merleau-Ponty (1999) e as zonas urbanas luminosas e opacas de Santos (1997); bem como o mundo como fábula do mesmo autor. Estes são elementos importantes para o entendimento da realidade contemporânea, quando se almeja compreender processos segregadores e a produção da pobreza absoluta na cidade. Ao considerar as dimensões materiais e imateriais presentes na produção do espaço urbano, evidenciamos a existência de intencionalidades hegemônicas e marginais. Para o entendimento destas questões, recorremos às contribuições de Merleau-Ponty (1989). O filósofo francês buscou abrir caminhos para a restituição do mundo da percepção através da experiência. A presente pesquisa contemplou a relação estabelecida entre linguagem e a produção de corpos segregados; bem como mapeou a trajetória das pessoas em situação de rua na cidade de Anápolis. Interessou-nos compreender como se dá à experiência de diferentes segmentos da sociedade no espaço urbano, considerando a especificidade de cada um. Nesta perspectiva, privilegiamos a relação do homem descartado/segregado com os espaços descartados/segregados da cidade de Anápolis (GO), por meio de suas experiências.

**Palavras-Chave:** Segregação sócio-espacial. Refuncionalização do espaço urbano. Experiência. Percepção. Linguagem.

## ABSTRACT

The socio-spatial segregation is product of the social inequalities. This way, to understand them, is necessary to put them in the context of the capitalists ways of production, which produces and reproduces a society of classes. There are many types of segregation existing in the urban space, and this research analyzed the segregation that impacts in the question of the dwell and absolute poverty, which, in turn, promote the production of street people. We relate the segregation with the process of refunctionalization of the urban space, considering the redefinition of the meanings attributed to the objects and phenomena by the inhabitants of the street. For this, we highlight the contradictory processes resulting from the refunctionalization of the urban space. The intention was to understand the valuation of some places and the devaluation of others, with a view to analyzing the relationship between the inhabitants of the streets and the urban space of the city of Anápolis (GO). During the investigation, we used authors such as Correa (1995); Carlos (2007b); Lefebvre (2001); Harvey (1996); Maricato (2015) and Santos (2003). These authors were not restricted to economic and cultural factors in isolation and investigated the urban reality as a product of complex and contradictory relations. The researchers here highlighted offered theories and concepts that allowed an approximation with the concrete world. Among his contributions we highlight: the close order and the distant order, the bureaucratic society of directed consumption, by Lefebvre (1991); the Political Economy of Harvey's Signs (2004); the spoken and spoken speech of Merleau-Ponty (1999) and the luminous and opaque urban areas of Santos (1997); as well as the world as fable of the same author. These are important elements for the understanding of contemporary reality, when it is sought to understand segregating processes and the production of absolute poverty in the city. In considering the material and immaterial dimensions present in the production of the urban space, we show the existence of hegemonic and marginal intentions. For the understanding of these questions, we used the contributions of Merleau-Ponty (1989). The French philosopher sought to open paths for the restitution of the world of perception through experience. The present research contemplated the established relation between language and the production of segregated bodies; as well as mapped the trajectory of the people in street situation in the city of Anápolis. We were interested in understanding how the experience of different segments of society in urban space is given, considering the specificity of each one. In this perspective, we privilege the relationship of the discarded / segregated man to the discarded / segregated spaces of the city of Anápolis (GO), through his experiences.

**Keywords:** Socio-spatial segregation. Refunctionalization of urban space. Experience. Perception. Language.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 -	Inserção corporal do sujeito na cidade.....	38
Ilustração 2 -	Construção e Percepção da Cidade .....	41
Ilustração 3 -	Experiência do Morador de Rua na Cidade.....	43
Ilustração 4 -	Avenida Paulista – “Noturno” Obra de Nilda Luz – 2001.....	45
Ilustração 5 -	A Rua Montorgueil, Festival de 30 de junho de 1878.....	46
Ilustração 6 -	Antiga Paróquia de Sant’Ana em 1935.....	51
Ilustração 7 -	Rua Antônio Carlos (Atual Manoel D’Abadia) – 1949.....	51
Ilustração 8 -	Reportagem Esquina do Cine-Goyanaz.....	52
Ilustração 9 -	Inauguração da Estação Ferroviária, Anápolis – 1935.....	54
Ilustração 10 -	Retirada Dos Trilhos Do Centro de Anápolis em 1976.....	55
Ilustração 11 -	Praça Bom Jesus – 1937.....	55
Ilustração 12 -	Praça Bom Jesus – 1970.....	55
Ilustração 13 -	Galpões na Avenida Miguel João - 2003.....	57
Ilustração 14 -	Trecho da Avenida Miguel João – 2018.....	57
Ilustração 15 -	Senhores Na Praça Americano do Brasil - 2019.....	63
Ilustração 16 -	Croqui Áreas de Influência Setor Central e Bairro Jundiaí.....	65
Ilustração 17 -	Locais de permanência Setor Central e Bairro Jundiaí.....	68
Ilustração 18 -	Fluxos dos Habitantes das Ruas no Setor Central e no Bairro Jundiaí.....	70
Ilustração 19 -	Albergue Noturno Bom Samaritano.....	79
Ilustração 20 -	Setor Central.....	80
Ilustração 21 -	Bairro Jundiaí.....	81
Ilustração 22 -	Vila Santana, entre o Setor Central e o Bairro Jundiaí.....	82
Ilustração 23 -	Gráfico do local onde dormem com frequência.....	85
Ilustração 24 -	Morador de rua faz da praça Bom Jesus a sua casa.....	86
Ilustração 25 -	Gráfico dos lugares que passam a maior parte do tempo durante o dia	86
Ilustração 26 -	Quadro síntese do perfil das pessoas em Situação de Rua entrevistados em Anápolis (GO) – 2018.....	87
Ilustração 27 -	Origem dos entrevistados no Albergue Bom Samaritano – 2018.....	88
Ilustração 28 -	Gráfico percentual da população em situação de rua, segundo o tempo em que mora na rua, Anápolis – 2018.....	90

Ilustração 29 -	Gráfico dos motivos que levam a situação de Rua – 2018.....	90
Ilustração 30 -	Possui Documentos Pessoais.....	92
Ilustração 31 -	Problemas de saúde declarados e não declarados.....	92
Ilustração 32 -	Gráfico contato com familiares.....	93
Ilustração 33 -	Gráfico da Situação financeira dos familiares.....	94
Ilustração 34 -	Principais serviços socioassistenciais acessados pela população em situação de rua em Anápolis.....	95
Ilustração 35 -	Percepção dos Habitantes das Ruas sobre os espaços da Cidade de Anápolis (GO).....	97

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1-	Moradores de Rua com problemas na justiça e total de atendimentos no Albergue Noturno Bom Samaritano 2016 – 2018.....	84
Tabela 2-	Moradores de Rua por sexo atendidos no Albergue Noturno Bom Samaritano 2016 – 2018.....	96

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Centro POP -	Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua
OSEGO -	Organização de Saúde do Estado de Goiás
SESC -	Serviço Social do Comércio
CAPS -	Centro de Atenção Psicossocial
CREAS -	Centro de Referência Especializado em Assistência Social
SUS -	Sistema Único de Saúde
ABBS -	Associação Beneficente Bom Samaritano
ACP -	Ação Civil Pública
DPU -	Defensoria Pública da União
MDS -	Ministério do Desenvolvimento Social
CRAS -	Centro de Referência de Assistência social

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	14
<b>1</b>	<b>A SEGREGAÇÃO E A VALORIZAÇÃO DIFERENCIADA DO ESPAÇO URBANO.....</b>	19
1.1	A SEGREGAÇÃO: BREVE HISTÓRICO.....	21
1.2	O CONCEITO DE SEGREGAÇÃO.....	23
1.3	OS DIFERENTES TIPOS DE SEGREGAÇÃO.....	25
1.4	A CIDADE E O URBANO: A INTERSUBJETIVIDADE NA REFUNCIONALIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO.....	28
<b>2</b>	<b>SEGREGAÇÃO SOCIO-ESPACIAL E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO: DISCURSOS E IDEOLOGIAS NO PROCESSO DE (RE) PRODUÇÃO DE CORPOS.....</b>	35
2.1	REALIDADE E PERCEPÇÃO: A CIDADE COMO OBRA DE ARTE HETEROGÊNEA.....	36
2.2	A RELAÇÃO DE CORPOS COM OS ESPAÇOS PÚBLICOS E O MEDO COMO COMPONENTE URBANO.....	44
2.3	DO VALOR AOS USOS DO SOLO URBANO: DISCURSOS E RELAÇÕES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE CENTRALIDADES EM ANÁPOLIS – GO.....	49
2.4	A DESIGUALDADE SÓCIO-ESPACIAL: UMA CARTOGRAFIA DA CIDADE HETEROGENEAMENTE HABITADA.....	58
<b>3</b>	<b>A REESTRUTURAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS EM ANÁPOLIS (GO).....</b>	72
3.1	DOS DISCURSOS HEGEMÔNICOS A PRODUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS MARGINAIS NO ESPAÇO URBANO DE ANÁPOLIS (GO) .....	72
<b>3.1.1</b>	<b>O Que Os Habitantes Das Ruas Veem?.....</b>	74
<b>3.1.2</b>	<b>Os habitantes da rua e a cidade: quem são e o que desejam?.....</b>	76
3.2	OS LUGARES DE PERMANÊNCIA DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DA CIDADE DE ANÁPOLIS (GO).....	82
3.3	POR UMA CARTOGRAFIA DAS PERCEPÇÕES DOS HABITANTES DAS RUAS DA CIDADE DE ANÁPOLIS: ENTRE EXPERIÊNCIAS E SENTIDOS.....	87
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	98
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	103
	<b>APÊNDICES.....</b>	109
	<b>ANEXOS.....</b>	115

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa apresenta com um de seus elementos centrais a segregação urbana. No entendimento do trabalho aqui apresentado, a segregação urbana advém de um processo histórico que se manifesta, espacialmente, através da materialização das diferenças entre as classes sociais no espaço. Os segmentos sociais que dispõem de capital adquirem as terras mais caras e os segmentos sociais sem recursos ficam com as terras mais baratas.

Esta realidade faz com que haja áreas marcadas por habitações de alto padrão e, simultaneamente, conjuntos habitacionais de interesse social, caracterizados pela ausência de serviços e equipamentos públicos; bem como moradias construídas de forma precária. Esta distinção promove a existência de padrões de organização do espaço urbano.

De acordo com Villaça (2001), o padrão mais conhecido de segregação nas cidades brasileiras é o do centro X periferia. Villaça (2001, p.141) ressalta que “uma das características mais marcantes da metrópole brasileira é a segregação espacial dos bairros residenciais das distintas classes sociais, criando-se sítios sociais muito particulares”.

Ao considerar a segregação a partir de uma perspectiva mais abrangente, identificamos uma variedade de causas motivadoras deste processo: a renda, etnias ou nacionalidades, dentre outras. Contudo, a segregação vinculada à classe social é a que se destaca nas cidades brasileiras. Lojkin (1997) apresenta como fator de relevo para a segregação urbana a oposição do preço do solo entre o centro e a periferia; ou seja, a separação por zonas de moradias das classes de alta renda, que buscam se distanciar das zonas de moradia de segmentos de baixa renda.

Os tipos de segregação urbana, apresentados por Lojkin (1997), nos levam a pensar a segregação na seguinte perspectiva: a segregação voluntária, ou auto segregação, e a segregação involuntária. A primeira parte da iniciativa do indivíduo, que se distancia das áreas urbanas qualificadas como degradadas; a segunda o é imposta, e atinge os que não possuem condições materiais de comprar uma moradia e são compulsoriamente alocados em espaços urbanos destituídos da infraestrutura básica para a reprodução de sua vida.

Nesse sentido, outra questão destacada diz respeito aos vários níveis de segregação: alguns segregados têm dificuldade de acesso ao transporte público, por residir em um bairro periférico; outros, por viverem em extrema pobreza, convertem determinadas ruas da cidade em casa, vivendo em condição de pobreza absoluta. Segundo Monteiro (2011, p. 17), “os moradores de rua das grandes e médias cidades brasileiras configuram-se como parte integrante

da paisagem, construindo suas territorialidades em áreas mais urbanizadas e dinâmicas da cidade”, como é o caso da cidade de Anápolis (GO).

Nesta perspectiva, elegemos como sujeito privilegiado de nossa pesquisa os que convertem a rua em casa. Mais especificamente, por meio de seus corpos estabelecemos uma mediação que revelasse sua relação com as ruas, com a cidade e outros segmentos sociais. Neste contexto, a cidade foi percebida como uma obra de arte heterogênea produzida coletivamente, como ensina Lefebvre (2001).

Durante a realização da pesquisa, assumimos que “a obra de arte é não só o ponto de passagem do mundo da percepção para o mundo da cultura, mas resguarda em si o segredo desse desenlace intercorporal de um só mundo que é antes vivido do que explicado” (ESSENBURG, 2004, p.7). Nesta medida, a cidade foi analisada como produto marcado por elementos materiais e imateriais, que devem ser analisados para uma compreensão minimamente coerente. Os espaços públicos também estão presentes na pesquisa. Investigamos como eles são apropriados e experimentados pelas pessoas em situação de rua. Nesses lugares, eles dormem, se alimentam, exercem a mendicância, etc.

Ao analisar o processo segregador e algumas de suas repercussões no espaço urbano da cidade de Anápolis-GO, lançamos mão de algumas discussões considerando: a ordem próxima e a ordem distante<sup>1</sup>, a sociedade burocrática do consumo dirigido, de Lefebvre (1991); a economia política dos signos de Harvey (2004); a fala falante e a fala falada de Merleau-Ponty (1999) e as zonas urbanas luminosas e opacas de Santos (1997); bem como o mundo como fábula do mesmo autor. Estes são elementos importantes para o entendimento da realidade anapolina, quando se almeja compreender processos segregadores e a produção da pobreza absoluta na cidade. Da mesma forma, convidamos a literatura a se fazer presente na pesquisa, a partir da inserção que questões presentes na obra “Homens imprudentemente poéticos”, de Valter Hugo Mãe (2016).

Apesar de a segregação ser bastante discutida por diversas áreas das ciências, ainda vigora a necessidade de novos estudos, pois o processo de segregador está em constante mutação, assim como a sociedade urbana. Especificamente, ainda são poucas as pesquisas que se propõem a entender as particularidades da população em situação de rua, o que dificulta a compreensão de sua realidade. Entendemos que as pessoas em situação de rua, em sua maioria, experimentaram processos de segregação residencial; pois, primeiramente, foram induzidos a habitar espaços que as colocaram em situação de vulnerabilidade, devido a ausência de serviços

---

<sup>1</sup> A ordem próxima se refere aquela das relações sociais imediatas, dos grupos familiares das profissões. Já a ordem distante se refere as grandes instituições que regem a sociedade como a igreja e o Estado (LEFEBVRE, 2001).

e equipamentos públicos fundamentais e, posteriormente, passaram para a condição de pobreza extrema.

A presente pesquisa contemplou a realidade urbana através das pessoas em situação de rua. Como elemento privilegiado, analisamos a inserção corporal deste segmento populacional nas cenas urbanas produzidas na cidade de Anápolis (GO), considerando diferentes possibilidades e percepções de entendimento de realidades promovidas a partir de processos segregadores.

Diante do contexto apresentado, trabalhamos com os seguintes questionamentos: em que medida a refuncionalização do espaço urbano de Anápolis – GO interfere na vida das pessoas em situação de rua e no processo segregador? Quais elementos intensificam o processo segregador a ponto de produzir pessoas em situação de rua? Podemos considerar a linguagem como um elemento relevante para a compreensão da relação das pessoas em situação de rua com a cidade? Qual a percepção das pessoas em situação de rua de seu lugar na cidade?

A pesquisa se pautou nos seguintes objetivos: analisar a apropriação de espaços públicos e a segregação sócio-espacial, a partir da trajetória das pessoas em situação de rua da cidade de Anápolis – GO. Identificar elementos que relacionam o processo segregador com a produção de pessoas em situação de rua. Avaliar a relação estabelecida entre linguagem e a produção de corpos segregados. Mapear a trajetória das pessoas em situação de rua na cidade de Anápolis, considerando sua percepção acerca do espaço urbano.

Para responder as questões elencadas e alcançar os objetivos propostos, lançamos mão inicialmente de uma pesquisa bibliográfica, pesquisando livros e trabalhos acadêmicos que apresentam a discussão de temas relacionados a segregação e a população em situação de rua. Posteriormente, fizemos contato com as diversas instituições que atendem este segmento populacional na cidade de Anápolis (GO)<sup>2</sup>, sendo que o Albergue noturno Bom Samaritano foi o único que manifestou o interesse em colaborar com esta pesquisa. Fizemos uso de questionários e as entrevistas aplicados em visitas realizadas no Albergue noturno Bom Samaritano, no Período noturno, entre os dias 14 de agosto de 2018 e 04 de outubro de 2018: o questionário aplicado contém 19 questões, que abordam informações referentes ao sexo, idade, raça, a documentação, local de origem, contato com a família, situação financeira da família, escolaridade, sobrevivência nas ruas, serviços socioassistenciais utilizados e problemas de saúde, foram aplicados 30 questionários.

---

<sup>2</sup> Missão vida, o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua - Centro POP, o Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS, Consultório na Rua e o Albergue noturno Bom Samaritano.

Para as entrevistas, optamos por um modelo semiestruturado que se caracteriza por um roteiro previamente preparado que serve para nortear o desenvolvimento da mesma. Foram abordadas questões referentes à experiência do morador de rua no espaço urbano de Anápolis (GO). Na oportunidade, apresentamos aos entrevistados um mapa da área central e do bairro Jundiaí e solicitamos que os mesmos indicassem os lugares mais representativos para sua vida. Realizamos 18 entrevistas, sendo 3 dos entrevistados mulheres e 15 homens. Ainda no Albergue Noturno Bom Samaritano, foi feito a análise de um caderno de registro das pessoas acolhidas. Analisamos os registros feitos entre abril de 2016 a abril de 2018. Esta análise possibilitou o acesso a informações sobre o sexo, idade, origem, problemas com a justiça, o número de vezes em que a pessoa esteve no albergue e o número de pessoas acolhidas por mês.

Através dos dados coletados, elaboramos uma cartografia que revelasse as dinâmicas dos fluxos empreendidos pelas pessoas em situação de rua na cidade de Anápolis (GO). Os produtos cartográficos resultantes desta coleta de dados foram analisados e interpretados, revelando a dinâmica particular deste segmento populacional na cidade.

Quanto ao bairro Jundiaí, foi escolhido por se apresentar como espaço de oposição aos espaços habitados pela população em situação de rua; pelo menos na dimensão discursiva. O bairro Jundiaí tem como ícone principal o Parque Ipiranga, símbolo maior do processo de valorização diferencial do solo urbano de Anápolis.

Desta forma, no **primeiro capítulo** relacionamos o processo segregador ao processo de refuncionalização do espaço urbano, ressaltando desdobramentos históricos do processo segregador, a partir dos quais surgem diversas discussões no âmbito das ciências humanas e sociais. Apresentamos, também, algumas abordagens que objetivam subsidiar teórica, conceitual e metodologicamente as análises relativas à segregação urbana. Neste contexto, ressaltamos que à medida que alguns espaços tornam-se altamente valorizados, outros se tornam obsoletos.

No **segundo capítulo** evidenciamos as complexidades urbanas. Destacamos que elas são produto de uma sociedade marcada pela diversidade, tanto material quanto subjetiva; que, por sua vez, revela as desigualdades presentes no espaço urbano. Abordamos, também, a questão do espaço público na composição das dinâmicas do espaço urbano. Neste percurso, analisamos as especificidades da população em situação de rua na cidade de Anápolis (GO), que revela importantes traços do processo segregador. Assim, destacamos um processo segregador vinculado à produção de condições de pobreza absoluta. Os dados coletados através das entrevistas resultaram em uma cartografia das dinâmicas da população em situação de rua em Anápolis (GO).

No **terceiro capítulo**, demos ênfase às questões que revelam as especificidades dos espaços habitados pelas pessoas em situação de ruas. No decorrer da investigação, constatamos a existência de experiências criativas, que fogem dos padrões estabelecidos pelos agentes hegemônicos. Para chegar a esta conclusão, recorreremos a entrevistas com este segmento populacional, buscando revelar sua experiência com espaço da cidade de Anápolis (GO). Com o apoio da Associação beneficente Bom Samaritano, realizamos entrevistas no albergue noturno, que recebe habitantes em situação de rua há mais de 50 anos. O albergue está localizado no Setor Central: sendo o único centro de acolhimento noturno da cidade, que oferece lugar para dormir, banho e espaço para lavar roupas. Os acolhidos ainda podem jantar e tomar o café da manhã. Evidenciamos, também, as singularidades deste segmento populacional em relação a cidade, destacando o corpo como elemento fundamental no processo de produção de uma fala falante (MERLEAU-PONTY, 1989). No processo de apresentação da realidade investigada, estabelecemos um diálogo com a literatura, por meio da obra “Homens imprudentemente poéticos”, de Valter Hugo Mãe.

Como fio condutor das ações investigativas, percorremos um caminho fundado nas complexas relações produtoras de processos segregadores. Como questão relevante, evidenciamos que o espaço urbano é marcado por uma valorização diferencial de seu solo, onde o tratamento dado ao espaço público contribui para a valorização diferencial. Esta questão se evidenciou através da cartografia dos diferentes espaços apresentados, tanto pelo setor central quanto pelo bairro Jundiá, na cidade de Anápolis (GO).

## CAPITULO – 1

### 1- A SEGREGAÇÃO E A VALORIZAÇÃO DIFERENCIADA DO ESPAÇO URBANO

A sociedade contemporânea é marcada por uma expressiva diversidade. Esta característica pode ser percebida de distintas perspectivas. Ao analisar a diversidade territorializada no espaço urbano, podemos, por exemplo, destacar a questão da segregação sócio-espacial<sup>3</sup>. E foi este fenômeno urbano o elemento privilegiado por esta pesquisa. Para tanto, percorremos um caminho investigativo alicerçado nas complexas relações produtoras dos processos segregadores que repercutem na questão do habitar e na pobreza absoluta.

Com o intuito de balizar as ações investigativas, partimos do princípio que o espaço urbano é marcado por uma valorização diferencial de seu solo (CORRÊA, 1995), o que repercute no estabelecimento das funções e das refuncionalizações<sup>4</sup> no espaço urbano. Nesta perspectiva, o mundo hodierno apresenta a renda como variável fundamental quando consideramos a questão do habitar, pois a aquisição de uma moradia ocorre na dimensão concreta de um mundo marcado por áreas urbanas mais valorizadas e áreas menos valorizadas.

Neste contexto, em que a moradia foi convertida em mercadoria, a renda aparece como definidora do lugar habitado por cidadãos posicionados em distintos estratos sociais e econômicos. Portanto, o processo de segregação é sustentado pela diversidade de renda presente na sociedade. Certamente, é importante destacar outros elementos vinculados aos processos segregadores, como as questões étnicas e religiosas. Contudo, em países como o Brasil, a renda é o quesito mais expressivo quando abordamos a questão da segregação sócio-espacial.

É a renda que vai definir elementos fundamentais, como a qualidade construtiva da edificação, sua localização, a restrição ou o acesso a serviços e equipamentos públicos e privados; bem como uma infinidade de impressões subjetivas vinculadas ao endereço dos que habitam o espaço urbano. Nesse sentido, entender questões que envolvem a segregação sócio-espacial solicita abordagens que considerem pelo menos duas dimensões: uma material, marcada por produções tangíveis e concretas; e outra imaterial, que privilegia a percepção e a experiência das pessoas no espaço de cidades caracterizadas pela diversidade.

---

<sup>3</sup> Para Souza (2015, P.16), o sócio-espacial com hífen qualifica não apenas o “espacial”, mas considera também as relações sociais. Desta forma ao longo deste trabalho utilizaremos o conceito “Sócio-espacial”.

<sup>4</sup> Milton Santos (2006) contribui para o entendimento do processo de refuncionalização a medida que apresenta o espaço criado a partir de um sistema de ações e um sistema de objetos, tais sistemas se modificam e dão origem a novos sistemas, onde se criam novos objetos e por consequência novas funções, mas há também velhos objetos que permanecem e mudam de função.

Desta forma, é importante perceber a relação existente entre o processo segregador e a questão do habitar. Segundo Carlos (2007a, p.22):

Esta noção envolve a produção *stricto sensu* e suas relações mais abrangentes, significando, neste contexto, o que se passa fora da esfera específica da produção de mercadorias e do mundo do trabalho (sem, todavia, deixar de incorporá-lo) para estender-se ao plano do habitar, àquele do lazer e das horas fora das atividades produtivas, à vida privada que conserva o sentido das relações entre as necessidades e os desejos que marcam a reprodução individual e da sociedade (englobando, também, as ações que fogem ou se rebelam ao “poder estabelecido”).

De acordo com Lefebvre (2001), o habitar torna-se essencial, pois ele se constitui de um conjunto de significantes. Para o autor, a cidade é composta de espaços habitáveis e espaços inabitáveis, como: edifícios públicos, monumentos, praças, ruas e vazios grandes ou pequenos. Nesse sentido, habitar é mais do que residir em uma casa. A relação com o lugar e com a comunidade é fundamental para o estabelecimento de relações marcadas por condições de dignidade humana: educação de qualidade, trabalho digno, lazer, saúde, entre outros direitos básicos, são fundamentais.

O processo de segregação repercute no habitar. Na realidade, a conjunção manifestada entre segregação e habitação originou um terceiro conceito bastante expressivo: segregação residencial. “É impossível ignorar o fato de que o homem para habitar produz um certo espaço, delimita um território com o qual se identifica” (CARLOS, 2007b, p.45). Neste contexto, é importante destacar a assertiva de Carlos (2007a), que afirma que à medida que os sujeitos sociais, através de suas ações, produzem sua existência, produzem, também, espaço. É no espaço que são estabelecidas as relações sociais, as experiências e a vida é reproduzida. O espaço urbano é marcado por complexidades das mais distintas ordens. Neste sentido, a segregação residencial pode ser percebida como um processo importante para o entendimento das dinâmicas do espaço urbano: uma dinâmica em que as contradições adquirem materialidade.

Neste estudo, buscamos relacionar a segregação com o processo de refuncionalização do espaço urbano. Investigamos a reprodução de corpos que habitam as ruas e se relacionam com este espaço de maneira intersubjetiva<sup>5</sup>, por meio da produção e redefinição de sentidos atribuídos aos objetos e fenômenos urbanos. Analisamos os modos de vida dos que habitam<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Segundo Martin Buber (2001), A intersubjetividade se refere à capacidade do ser humano de se relacionar com o seu semelhante. O relacionamento acontece entre o Eu e o Tu, e denomina-se relacionamento Eu-Tu. A inter-relação envolve o diálogo, o encontro e a responsabilidade, entre dois sujeitos e/ou a relação que existe entre o sujeito e o objeto.

<sup>6</sup> Neste ponto é importante destacar que as ruas são habitadas por toda população de uma cidade. Em outra medida, uma parcela menor da população de uma cidade habita e reside em suas ruas.

ruas envolvidas por processos contraditórios, em que a refuncionalização se faz presente, decretando a valorização de alguns lugares e a desvalorização de outros.

Neste contexto, ressaltamos que à medida que alguns espaços tornam-se altamente valorizados, adquirindo luminosidade, outros espaços se tornam opacos e obsoletos (SANTOS, 2006). Tanto os valorizados quanto os desvalorizados passam por processos de refuncionalização regidos por agentes produtores do espaço urbano. Os primeiros são adornados por conceitos produzidos com o intuito de atribuir qualidades prévias, a partir da articulação de agentes públicos e privados; os segundos, por sua vez, são abandonados por estes agentes, abrindo espaço para uma refuncionalização realizada pelos pobres da cidade, como afirmou Santos (2006).

Para melhor entender o processo produtor de realidades marcadas por diversidades tão expressivas, é importante considerar os limites e possibilidades vinculados ao conceito de segregação. O tópico que segue foi produzido com esta intenção.

### 1.1 A SEGREGAÇÃO: BREVE HISTÓRICO

O mundo contemporâneo passou por um expressivo processo de urbanização. Este processo deu forma à cidade moderna, transformando sua dinâmica sócio-espacial. Devemos considerar, ainda, que este é um processo recente quando observamos a história da humanidade.

Foi a partir dos avanços técnicos que o homem passou a viver em espaços cada vez mais densamente povoados, concentrando atividades econômicas, de lazer, cultura e as demais manifestações inerentes a vida em sociedade. Os primeiros avanços técnicos foram produzidos em contextos agrícolas. A partir deles surgiram às primeiras cidades, com vistas à comercialização do excedente produzido. Segundo Souza (2010), Jericó foi a primeira cidade com este registro. Ela está localizada nas margens do rio Jordão e sua presença é frequente em relatos bíblicos. Naquela época, processos segregadores já se faziam presentes: alguns grupos, como os de leproso<sup>7</sup>, eram afastados do meio social, devido a sua condição física; assim como os cegos, os paralíticos e as viúvas, segmentos aproximados pela prática da mendicância. Para Souza (2010, p.46):

As primeiras cidades surgem como resultado de transformações sociais gerais—econômicas, tecnológicas, políticas e culturais -, quando, para além de povoados de agricultores, que eram pouco mais que acampamentos permanentes de produtores diretos que se tornaram sedentários, surgem assentamentos permanentes maiores e muito mais complexos, que vão abrigar uma ampla população de não produtores: governantes (monarcas, aristocratas) funcionários (como escribas), sacerdotes e

---

<sup>7</sup> Portadores do mal de Hansen.

guerreiros. A cidade ira também abrigar artesãos especializados, como carpinteiros, ferreiros, ceramistas, joalheiros, tecelões e construtores navais, os quais contribuirão, com suas manufaturas, para o florescimento do comercio entre povos.

Dessa forma, considerando a localização das primeiras cidades, notamos que uma de suas características era a proximidade com os cursos d'água, o que por si só já demonstrava uma diferenciação espacial. Neste cenário, alguns grupos, por distintos motivos, eram obrigados a viver em locais específicos. Geralmente, estes locais eram marcados pela ausência de amenidades.

Certamente, os processos segregadores foram intensificados após a Revolução Industrial. Naquele momento, o crescimento das cidades e as diferenças na distribuição de renda passaram a alterar mais intensamente as paisagens, revelando a segregação sócio-espacial em curso.

A Revolução Industrial consolidou a condição da cidade como centro da vida burguesa, chamando a atenção tanto pela ampliação de sua dimensão física, quanto para o aumento de sua complexidade. Nesse sentido, Lefebvre (2001) ressalta que o ponto de partida para entender os problemas urbanos é o processo de industrialização. Este processo se caracteriza por um forte dinamismo no que se refere às transformações espaciais, sendo caracterizado como o “motor das transformações da sociedade. ” (LEFEBVRE, 2001, p.11). Souza (2010, p.68) analisa a questão da segregação e esclarece:

A segregação (residencial) induzida pode ser observada em cidades desde a antiguidade. O moderno capitalismo, inicialmente na Europa, depois em outras partes do mundo, irá, todavia, acarretar uma mudança de magnitude (e de escala) no padrão de segregação.

Simultaneamente ao rápido crescimento das cidades, emergem processos que redefinem sua estrutura. Ao observar o processo de segregação, percebemos que a desigualdade entre os indivíduos é o fator dominante na composição das classes sociais. Com relação a este aspecto, Rousseau (1978, p.12) esclarece que:

Na espécie humana existem dois tipos de desigualdade: uma, natural ou física, porque é estabelecida pela natureza, e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito, ou da alma; a outra, que se pode chamar de desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção, e que é estabelecida ou, pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens. Consiste está nos diferentes privilégios de que gozam alguns com prejuízo dos outros, como ser mais ricos, mais honrados, mais poderosos do que os outros, ou mesmo fazerem-se obedecer por eles.

Dessa forma, Rousseau (1978) esclarece que a segregação é resultado de uma conduta moral e ética negativa e egocêntrica, que, por diversas razões, influenciam diretamente a vida das pessoas, tanto nos aspectos matérias, quanto nos simbólicos. Portanto, quando consideramos a diferenciação do lugar da moradia, a estigmatização dos moradores é um fator

de forte influência simbólica. A segregação evidencia, espacialmente, a diferenciação entre os diversos grupos sociais. Segundo Corrêa (1995, p.61), “trata-se, portanto, de um processo que caracteriza a cidade, e não apenas a cidade capitalista, ainda que sob a égide do capitalismo a segregação assumisse novas dimensões espaciais”.

Um exemplo marcante da segregação é a formação dos guetos. Em distintos países os guetos se fizeram e continuam presentes: os guetos de Veneza, que segregavam os judeus; os das cidades sul-africanas, na época do *Apartheid*<sup>8</sup>, segregando a população negra; e o caso dos Estados Unidos, onde a questão étnica influencia fortemente o local de moradia, Souza (2010).

Em todo o mundo movimentos segregadores são percebidos. Seja em sociedades marcadas por mais conquistas sociais ou em sociedades caracterizadas por precariedades em serviços e equipamentos públicos. No Brasil não é diferente. As cidades grandes, médias e pequenas revelam a presença da segregação. No que se refere às cidades médias, Anápolis-GO revela interessantes traços territorializados de segregação, em suas diversas perspectivas; desde conjuntos habitacionais que concentram a população de baixa renda nas bordas da cidade, até surgimento de um bairro a partir da criação de um leprosário, o bairro Novo Paraíso, que ainda hoje é estigmatizado por ter abrigado hansenianos.

A segregação existe por diversos motivos: religiosos, étnicos, sociais, dentre outros. Como destacamos, ela está presente desde o início da história da humanidade. Certamente, o capitalismo transformou a escala e a intensidade deste processo, que interfere diretamente na vida das pessoas: em sua moradia, no lazer, no transporte, entre outros fatores essenciais à vida.

A partir destes aspectos, surgem diversas discussões no âmbito das ciências humanas e sociais, o que promove uma evolução conceitual do processo de segregação. São várias as abordagens que objetivam subsidiar teórica, conceitual e metodologicamente as análises da estrutura interna da cidade. É o que destacamos a seguir.

## 1.2 O CONCEITO DE SEGREGAÇÃO

A palavra segregar remete ao significado de separação; ou seja, dividir em grupos. Como apresentado no tópico anterior, processos segregadores estão presentes na história da

---

<sup>8</sup> Regime de segregação racial adotado de 1948 a 1994 pelos sucessivos governos do Partido Nacional na África do Sul, no qual os direitos da maioria dos habitantes foram cerceados pelo governo formado pela minoria branca. A esse respeito ver Pereira (2010).

humanidade. Mas à medida que as cidades ampliam sua complexidade, torna-se necessário atualizar o aparato conceitual que representa seus fenômenos e processos.

A evolução de um conceito deve acompanhar as transformações evidenciadas pelo mundo concreto. A partir daí, devem ser sistematizadas discussões contemplando fenômenos como a segregação, que interessa a diversas áreas do conhecimento<sup>9</sup>, com suas diferentes abordagens e fundamentos teóricos.

Considerando as diferentes abordagens existentes, Clarck (1985) e Vasconcelos; Corrêa; Pintaudi (2013) apresentam conceitos de segregação fundamentados na economia neoclássica, baseado na abordagem do livre-comércio. Geralmente, este conceito é utilizado em pesquisas voltadas para a maximização da renda. De acordo com esta abordagem, “a segregação é [...] o resultado de uma competição pela terra urbana” (VASCONCELOS; CORRÊA; PINTAUDI, 2013, p.9).

Por sua vez, uma das abordagens mais destacadas é a vinculada à sociologia urbana, que apresenta como fundamento teórico a ecologia humana. Tais estudos surgem na escola de Chicago, com Park (1916) e Mackenzie (1925), e se baseiam na questão da luta pelo espaço travada por grupos humanos. Autores como Clarck (1985); Corrêa (1995); Vasconcelos (2013); entre outros, apresentam esta abordagem, que considera a segregação como sendo “uma concentração de tipos de população dentro de um dado território.” (CORRÊA, 1995, p.59).

Posteriormente, Shevky e Bell (1961) definem segregação como “áreas sociais” “marcadas pela tendência a uniformidade da população em termos de três conjuntos: status socioeconômico, urbanização e etnia”; originando bairros homogêneos segregados (SHEVKY; BELL, 1961 apud CORRÊA, 1995).

Outra abordagem importante, no estudo da segregação, é a ecologia fatorial. Berry (1971) introduz a análise de padrões sociais e espaciais na cidade, (CLARCK, 1985). De acordo com essa abordagem, a segregação gera padrões e organização interna da cidade, o que é visivelmente percebido na paisagem urbana, principalmente em se tratando da relação centro-periferia<sup>10</sup>, onde, geralmente, os bairros visivelmente pobres se localizam nas margens da malha urbana.

---

<sup>9</sup> O processo segregador interessa a áreas como a sociologia, Arquitetura e urbanismo, geografia e as ciências sociais em geral.

<sup>10</sup> Atualmente a relação centro-periferia vem adquirindo novas configurações, visto que a periferia não é mais vista como subordinada ao centro e passa a abrigar a classe média – alta em condomínios fechados de alto padrão e também novos equipamentos de consumo e prestação de serviços.

Segundo Vasconcelos (2004, p.260), “na Geografia, um dos primeiros autores a utilizar o conceito de segregação foi Robert Dickinson, no seu livro de 1947, quando examina esse conceito juntamente com os de invasão e sucessão”.

Na geografia brasileira, diversos autores trabalham o conceito de segregação. Para Corrêa (1995, p.61), “a segregação é uma expressão espacial das classes sociais”. Outro nome importante no estudo da segregação é o do urbanista Villaça (2001). Ele destaca que “a segregação é um processo segundo o qual diferentes classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões gerais ou conjuntos de bairros da metrópole.” (2001, p.142). Villaça (2001) analisou a organização social vigente. O urbanista apresentou uma visão ampla das relações sociais, econômicas e culturais.

Souza (2010) aborda a segregação residencial a partir de um conjunto de problemas. Para o geógrafo, trata-se de um fenômeno urbano que ocorre com mais intensidade nas grandes cidades. O referido autor aponta a segregação residencial como sendo o resultado de vários fatores: como a pobreza, o racismo, as diferenciações espaciais em termos de infraestrutura. Para ele, “a segregação deriva de desigualdades e, ao mesmo tempo, retroalimenta desigualdades [...], ao condicionar a perpetuação de preconceitos e a existência de intolerância e conflitos.” (SOUZA, 2010, p.84).

Além de ser resultado de relações empreendidas entre o homem e o espaço, o processo segregador produz novas condições para que a estrutura segregadora se perpetue das mais diferenciadas formas, promovendo, inclusive, a violação dos direitos humanos. Segundo SOUZA (2010, p.84), “a segregação residencial é um resultado de vários fatores os quais, em si, são altamente problemáticos: da pobreza ao papel do Estado na criação de disparidades espaciais em matéria de infraestrutura e no favorecimento dos moradores de elite”.

A sociedade capitalista cria e recria a segregação. Este processo acaba sendo um instrumento de perpetuação do *status quo*. A ciência, juntamente com a sociedade, deve analisar o complexo processo segregador, com vistas a sua compreensão. O tópico que segue trata de tipologias manifestadas pela segregação residencial.

### 1.3 OS DIFERENTES TIPOS DE SEGREGAÇÃO

Villaça (2001, p.142) destaca que “há segregações das mais variadas naturezas na metrópole brasileira, principalmente de classes e de etnias ou nacionalidades”. A segregação das classes sociais é a que determina a organização das cidades brasileiras. Assim, a segregação

é um processo de diferenciação ou separação da sociedade, onde um grupo não se relaciona com outro, podendo se referir a grupos étnicos, sociais, religiosos ou de gênero. A segregação residencial possui uma especificidade, pois se refere ao local da moradia, ou seja, é o “reflexo” dos outros tipos de segregação no espaço. A segregação:

Reflete uma diferenciação entre grupos sociais. Em outras palavras: diferenças econômicas, de poder, de status, etc. entre diversos grupos sociais se refletem no espaço, determinando ou pelo menos influenciando decisivamente onde os membros de cada grupo podem viver (SOUZA, 2010, p.67).

Além dos tipos de segregação, que ocorrem por indução, para Souza (2010) há uma modalidade própria das classes sociais situadas de maneira privilegiada no processo de tomada de decisões, a auto segregação: que é caracterizada pela opção de se afastar ou apartar o máximo possível dos problemas presentes da cidade. Souza (2010, p.71) esclarece:

Alguém poderia alegar que, também no caso da auto segregação, tampouco se trata de uma “escolha”, pois as pessoas tentam escapar de problemas. Essa seria, porém, uma interpretação forçada, por duas razões: primeiramente, por que os que se auto segregam não costumam ver seus antigos espaços com olhos nostálgicos, ou seus novos espaços como representando uma perda. Em segundo lugar por que os que se auto segregam, na condição de moradores, são em grande parte, os mesmos que, na condição de elite dirigente, são ao menos, corresponsáveis pela deterioração das condições de vida na cidade, inclusive no que se refere à segurança pública, seja por suas ações, seja por sua omissão. Em suma, há de se manter uma distinção muito forte entre a segregação induzida e a auto segregação.

A auto segregação, sem dúvida, é o tipo de segregação das classes sociais que se evidencia nitidamente na paisagem e no espaço urbano. Lojkine (1997) apresenta três tipos de segregação urbana: 1 - a oposição do preço do solo entre o centro e a periferia, 2 - a separação por zonas de moradias das classes de alta renda das camadas sociais com renda mais baixa e 3 - as zonas especializadas. O primeiro tipo de segregação, apresentado por Lojkine, dá origem ao segundo: a diferenciação do preço do solo influencia diretamente no local da moradia, impedindo que a população de baixa renda adquira um imóvel em espaços marcados pela presença de serviços e equipamentos públicos e privados. Na periferia, por questões de falta de amenidades, os imóveis são mais baratos por não ofertarem infraestrutura e serviços básicos de qualidade. Conforme Corrêa (1995, p.69):

A segregação é dinâmica, envolvendo espaço e tempo, e este processo de fazer e refazer podem ser mais rápidos ou mais lentos, de modo que uma fotografia, um padrão espacial, pode permanecer por um longo período de tempo ou mudar rapidamente. A dinâmica da segregação, no entanto, é própria do capitalismo, não sendo típica da cidade pré-capitalista, caracterizada por forte imobilismo sócio espacial.

O espaço urbano é marcado por processos e formas, sendo que o primeiro molda o segundo. Dessa maneira, o processo segregador é dinâmico e se modifica de acordo com o interesse de agentes econômicos, que modelam o espaço urbano de forma a separar os diferentes

grupos que habitam a cidade: os que possuem melhores condições econômicas habitam os melhores lugares da cidade e os que não têm condições econômicas habitam os lugares marcados pela precariedade de serviços e equipamentos públicos. Contudo, é fundamental ressaltar que as ações dos agentes situados de maneira privilegiada nas relações de poder encontram resistência. O espaço urbano é produzido em ambientes de conflitos e tensões registrados pela mídia; bem como em pesquisas científicas de elevada credibilidade.

Outra questão a ser destacada diz respeito aos vários níveis de segregação: alguns segregados têm dificuldade de acesso ao transporte público, por residir em bairros periféricos; outros, por viverem em extrema pobreza, convertem determinadas ruas da cidade em casa, vivendo em condições degradantes. Ainda são poucas as pesquisas que se propõem a entender as especificidades desta população, o que dificulta a compreensão de sua realidade. Entendemos que as pessoas em situação de rua, em sua maioria, experimentaram processos de segregação residencial; pois, primeiramente, foram induzidos a habitar espaços que as colocaram em situação de vulnerabilidade, devido à ausência de serviços e equipamentos públicos fundamentais e, posteriormente, passaram para a condição de pobreza extrema.

Atualmente, o Brasil apresenta um aumento no número de pessoas em situação de pobreza extrema. Segundo o IBGE, em 2016, 6,6% da população se encontrava nesta condição. Em 2017, o quantitativo deste segmento avançou para 7,4%. Em números absolutos, isto representa um aumento expressivo deste contingente populacional, que passou de 13,5 milhões para 15,2 milhões de pessoas.

De acordo com a definição do Banco Mundial, a condição de pobreza extrema é atribuída a pessoas com renda inferior a 1,90 dólar por dia, ou 140 reais por mês. “A pobreza é uma realidade multidimensional e complexa, que em países pobres apresenta sua face mais cruel: a pobreza extrema.” (Monteiro, 2011, p.17). Ao ingressar nesta condição, por falta de alternativa, habitantes em situação de rua encontram refúgio nas drogas e, mesmo em cidades médias, produzem as chamadas cracolândias, percebidas como expressão da degradação da vida em sociedade.

Segundo Monteiro (2011, p. 17), “os moradores de rua das grandes e médias cidades brasileiras configuram-se como parte integrante da paisagem, construindo suas territorialidades em áreas mais urbanizadas e dinâmicas da cidade”, como é o caso da cidade de Anápolis (GO). Para analisar as especificidades das questões que se relacionam a produção de um expressivo contingente populacional que habita as ruas, devemos considerar o processo contínuo e progressivo de vulnerabilização da população de baixa renda. Nessa perspectiva, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017, 58% dos brasileiros tinham

carências sociais e 25,4 % da população viviam na linha da pobreza. Segundo Crespo; Gurovitz (2002, p.4):

O enfoque absoluto na conceituação da pobreza se observa quando da fixação de padrões para o nível mínimo ou suficiente de necessidades, conhecido como linha ou limite da pobreza, determinando a percentagem da população que se encontra abaixo desse nível. Esse padrão de vida mínimo, apresentado sob diferentes aspectos, sejam nutricionais, de moradia ou de vestuário, é normalmente avaliado segundo preços relevantes, calculando a renda necessária para custeá-los. Para o estabelecimento dos limites de pobreza utilizam-se diferentes enfoques, quer sejam o biológico, o das necessidades básicas ou o dos salários mínimos.

Nesse sentido, ainda segundo o IBGE, em 2017, 22,1% dos brasileiros estavam vivendo abaixo da linha da pobreza, o que significa que não lhes era garantido o acesso a serviços e equipamentos públicos que assegurassem o atendimento das necessidades básicas. Assim, “A situação de rua adquire uma maior complexidade na medida em que se considera o intrincado conjunto de fatores que se inter-relacionam no processo de ida para a rua e nas práticas assistenciais existentes” (VARANDA; ADORNO, 2004, p. 58).

Como falado anteriormente, a dimensão simbólica se faz presente no processo de produção do espaço urbano. Na realidade, as dimensões do simbólico e do concreto compõem realidades indissociáveis que, quando analisadas com critério, revelam a presença de severas contradições no processo de produção do espaço urbano.

Este fato se mostra relevante quando percebemos que nos espaços higienizados o fenômeno da auto segregação é marcante. Neles, vigora o consumo mercadorias embaladas por conceitos urbanos repletos de virtudes prévias, que multiplicam expressivamente o valor do metro quadrado comercializado, indicando a presença de processos de refuncionalização. Em uma situação oposta, o espaço urbano apresenta cenários em que estados de abandono são fartamente percebidos. Neles, seres errantes refuncionalizam lugares, mobiliários e edificações, tentando reproduzir precariamente suas existências. Neste ambiente diverso, a cidade segue sendo reproduzida a partir de processos em que a intersubjetividade redefine, por meio da produção de conceitos higienizados e contaminados, as possibilidades de manifestação da vida. O próximo tópico detalha esta questão.

#### 1.4 A CIDADE E O URBANO: A INTERSUBJETIVIDADE NA REFUNCIONALIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

Ao considerar a condição humana, marcada pela inserção de sujeitos em contextos de mudanças sucessivas, percebemos que o mundo é mutante. Estas mutações são produtos de

transformações no conteúdo político, econômico e cultural da sociedade. As alterações no conteúdo repercutem na forma e nos sentidos dos objetos produzidos pelos homens. Ou seja, os conteúdos e as formas dos fenômenos e objetos produzidos socialmente são marcados por alterações ininterruptas.

É importante frisar que tais alterações se dão no espaço do encontro e do diálogo, em que se encontram o “eu-tu”: isto é, dois sujeitos ou o sujeito e o objeto, Buber (2001). Neste contexto, existem os que habitam os lugares higienizados e o que habitam os lugares contaminados. Eles compartilham espaços públicos caracterizados por expressivas diferenças estéticas. Em relação ao espaço público, Serpa (2017) levanta algumas questões importantes:

Podem os espaços públicos urbanos funcionar como cristalizadores de experiências intersubjetivas da paisagem? O que se esconde por trás das formas urbanas apreendidas através dos sentidos? Que conteúdos e possibilidades escondem-se por trás da pressuposta objetividade e aparente concretude das formas? (SERPA, 2017, p.123)

De forma geral, uma série de pesquisas contemplaram os espaços higienizados, produzidos a partir de uma forte presença dos agentes públicos, em associação com agentes privados. Contudo, as realidades produzidas nos espaços contaminados não têm sido contempladas por pesquisas que evidenciem a “verdade” presente em um mundo comprometido por julgamentos e condenações prévias. Devemos partir do princípio que as pessoas em situação de rua habitam o espaço urbano de forma específica. Por esta razão, indagamos como os espaços públicos urbanos cristalizam experiências intersubjetivas na paisagem, a partir das ações deste segmento social? O que apreendem os habitantes de rua das formas urbanas vivenciadas por meio dos sentidos? Quais conteúdos e formas são apreendidos e redefinidos? Os questionamentos aqui formulados não podem desconsiderar que a realidade urbana é produzida em um mundo marcado pela contradição.

Investigar a percepção de quem habita as ruas, bem como seus diálogos com os objetos e sujeitos, solicita o entendimento das especificidades do espaço em que ele está inserido. Desta forma, ao analisar o mundo contemporâneo nos deparamos com diversas questões que necessitam serem pensadas e repensadas. Como a realidade contemplada pela pesquisa é urbana, devemos indagar o que podemos entender por cidade e espaço urbano? E, ainda, o que é importante saber sobre o fenômeno urbano no curso da investigação?

Com o propósito de estruturar referências iniciais, recorreremos a Correa (1995), que destacou a cidade a partir dos diferentes usos de terras justapostas entre si, compondo um conjunto simultaneamente fragmentado e articulado. Para Carlos (2007b), a cidade é a materialização das relações sociais. Segundo a geografa, a cidade revela a importância do

espaço na produção dos lugares, sendo possível perceber, sentir e viver a produção/reprodução do espaço. Assim:

A análise espacial da cidade, no que se refere ao processo de produção, revela a indissociabilidade entre espaço e sociedade, na medida em que as relações sociais se materializam em um território real e concreto, o que significa dizer que, ao produzir sua vida, a sociedade produz/reproduz um espaço através da prática sócioespacial. A materialização do processo é dada pela concretização das relações sociais produtoras dos lugares, esta é a dimensão da produção/reprodução do espaço, passível de ser vista, percebida, sentida, vivida. (CARLOS, 2007b, p. 20)

Autores como Lefebvre (2001); Harvey (1996); Maricato (2015) e Santos (2000) abordaram a temática em questão, considerando sua dimensão contemporânea e as repercussões da chamada globalização no espaço urbano. Eles não se restringiram aos fatores econômicos e culturais em sentidos isolados, contemplando a realidade como produto de relações complexas e contraditórias. De acordo com Maricato (2015, p.69):

[...] a globalização também está produzindo um novo homem e uma nova sociedade por meio de transformações nos Estados, nos mercados, nos processos de trabalho, na estética, nos produtos, nos hábitos, nos valores, na cultura, na subjetividade individual e social, na ocupação do território, na produção do ambiente construído e na relação com a natureza.

No tocante a presente pesquisa, investigamos as inovações destacadas por Maricato (2015), a fim de compreender a dinâmica que impõe a determinados segmentos sociais a condição de vulnerabilidade, como é o caso das pessoas em situação de rua. Ainda para Maricato (2015, p. 19):

A cidade pode ser objeto de diversas abordagens: pode ser lida como um discurso (Como querem os semiólogos e semióticos); pode ser abordada pela estética – ambiente de alienação e dominação por meio da arquitetura e urbanismo do espetáculo; como manifestação de práticas culturais e artísticas mercadológicas ou rebeldes; como legado histórico; como palco de conflitos sociais; como espaço de reprodução do capital e da força de trabalho, entre outras.

Como afirma a urbanista, a cidade pode ser investigada a partir de visões de mundo centradas na estética, nos conflitos sociais ou pela análise do próprio discurso, partindo das diversas vozes que dela ecoam. Podemos, ainda, partir das contradições do sistema capitalista, que fazem da cidade o espaço da reprodução do capital e da força de trabalho; bem como de perversidades camufladas por signos e imagens. A presente investigação buscou estabelecer um diálogo entre as perspectivas apresentadas por Maricato (2015), relacionando as dimensões estéticas com os processos de reprodução do capital, evidenciando as contradições produtoras de estados de vulnerabilidades sociais e pobreza absoluta, manifestada por meio dos habitantes de ruas.

Nesta perspectiva, Lefebvre (2001) ofereceu contribuições de relevo, ao destacar que a cidade é produto de relações sociais, tanto imediatas quanto distantes. Para Lefebvre (2001, p. 51):

A cidade sempre teve relações com a sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes (campo e agricultura, poder ofensivo e defensivo, poderes políticos, Estados etc), com sua história. Portanto, ela muda quando muda a sociedade no seu conjunto. Entretanto, as transformações da cidade não são os resultados passivos da globalidade social, de suas modificações. A cidade depende também e não menos essencialmente das relações de imediatez, das relações diretas entre as pessoas e grupos que compõem a sociedade (famílias, corpos organizados, profissões e corporações, etc.), ela não se reduz mais a organização dessas relações imediatas e diretas, nem suas metamorfoses se reduzem as mudanças nessas relações. Ela se situa num meio termo, a meio caminho entre aquilo que se chama de *ordem próxima* (relações dos indivíduos em grupos mais ou menos amplos, mais ou menos organizados e estruturados, relações desses grupos entre eles) e a *ordem distante*, a ordem da sociedade, regida por grandes e poderosas instituições (igreja, Estado), por um código jurídico formalizado ou não, por uma “cultura” e por conjuntos significantes.

A partir das relações travadas por estas ordens, ocorrem as constantes transformações sociais e cidadinas. Em seu contexto, emergem associações que vão influenciar a relação do homem com o espaço. Para o morador de rua, esta questão assume uma especificidade, pois a rua é a sua casa: ele habita um espaço público. Este homem tem na cidade elementos que vão além dos discursos fundamentados no *design* físico de ruas, praças, parques, largos, Shopping Center e prédios públicos, Serpa (2017).

Para analisar esta questão, ressaltamos que o espaço urbano é produto da ação dos diversos agentes sociais que reproduzem sua existência no espaço. As ações dos agentes promovem processos que afetam o cotidiano dos que habitam a cidade. Como vimos, a segregação é um destes processos, sendo resultado da articulação de segmentos da sociedade, que marginalizam os mais vulneráveis a partir do exercício de um poder assimetricamente distribuído.

As relações travadas por estes agentes revelam aspectos segregadores com potencial para colocar em situação de expressiva vulnerabilidade social segmentos da sociedade. A vulnerabilidade ampliada conduz à condição pobreza extrema. Desta forma, é importante entender como a refuncionalização do espaço urbano, com vistas à reprodução ampliada do capital, reproduz o processo segregador; bem como a vulnerabilidade social

geradora de pobreza extrema.

No curso do movimento estruturado para atender as demandas do sistema em vigor, a dimensão simbólica das relações deve ser considerada por quem almeja entender os sentidos da produção de novos conceitos que alteram o valor do solo urbano e promove processos de refuncionalização. Para Santos (2006, p. 62):

Em realidade, não há apenas novos objetos, novos padrões, mas, igualmente, novas formas de ação. Como um lugar se define como um ponto onde se reúnem feixes de relações, o novo padrão espacial pode dar-se sem que as coisas sejam outras ou mudem de lugar. É que cada padrão espacial não é apenas morfológico, mas, também, funcional. Em outras palavras, quando há mudança morfológica, junto aos novos objetos, criados para atender a novas funções, velhos objetos permanecem e mudam de função.

O mundo contemporâneo é marcado por rápidas transformações que afetam direta e vertiginosamente a vida das pessoas; alterando e produzindo hábitos e valores que nos remetem a um importante conceito elaborado por Lefebvre: sociedade burocrática do consumo dirigido (LEFEBVRE, 1991, p.77). Mais recentemente, Harvey (2004) fez referência a um empobrecimento da vida e da arte que pode ser melhor entendido a partir da luz lançada ao mundo urbano por Lefebvre (1991).

Aproximando as duas perspectivas, verificamos que no mundo burocratizado e empobrecido em seu potencial artístico, habitar determinados lugares representa possibilidades e restrições vinculadas a um programa que deu curso e sentido a um lugar específico e pré-determinado. Desejar habitar um lugar é aderir a um projeto burocraticamente estabelecido de programação social que, por sua vez, fortalece as discrepâncias sociais e alimenta movimentos segregadores e vulnerabilizadores.

A partir desta adesão, lugares privilegiadamente servidos se contrapõem a espaços em que a ausência do Estado se destaca. Progressivamente, a vulnerabilidade avança sobre a vida de populações marginalizadas. A falta de equipamentos e serviços impossibilita a promoção social de segmentos comprometidos pelo analfabetismo funcional e falta de profissionalização. Um processo de precarização marca a vida de sujeitos empurrados para uma condição de desalento estrutural. Os vícios e os delitos passam a compor o cotidiano de crianças, jovens e adultos, que, aos poucos, perdem vínculos familiares e afetivos. Este segmento se apresenta com forte propensão a situação de rua. Neste cenário, os processos de apropriação e produção do ambiente construído devem ser investigados quando se objetiva entender a reprodução do mundo urbano hodierno. Assim:

As cidades na globalização também se tornaram objetos de estudos específicos, já que a reestruturação produtiva tem forte impacto sobre o território, e os ajustes impostos pelo ideário neoliberal enfraqueceram os investimentos em políticas sociais; entre elas

figuram as políticas urbanas estruturadoras como Transporte, Habitação e saneamento. (MARICATO, 2015, p.13)

Os impactos citados por Maricato (2015) afetam não apenas o território e políticas públicas. Eles interferem na compreensão do homem quando consideramos as demandas por reconhecimento de seu lugar no espaço e no tempo na sociedade urbana: os espaços vivenciados são outros, o tempo é experimentado de outra forma. Nesse sentido, Harvey (1996) apresentou a emergência de novas maneiras dominantes de experimentação do tempo e do espaço. Para Harvey (1996), o surgimento de novas formas organizacionais e tecnológicas contribuiu para a instauração de uma realidade marcada pelo que o autor chamou de compressão do tempo-espaço, caracterizada por novos ritmos de produção e de consumo, que resultaram no surgimento de novos valores e práticas marcadas pela extrema redução das distâncias. Esta redução altera os padrões de consumo e as estratégias centradas na moda e na produção de signos como elementos reguladores das relações sociais. Para Harvey (1996), estamos diante da sociedade do descarte, onde coisas, valores, relacionamentos, lugares e pessoas tornam-se obsoletos numa velocidade sem precedentes.

No mundo hodierno, espaços urbanos antes valorizados são convertidos em cenários obsoletos e esquecidos. A velocidade com que o capital altera as paisagens urbanas compromete o funcionamento da memória. A alteração dos valores e dos preços afeta o sentido e a função das instituições criadas em um mundo em que um juízo estético estreito ocupa um lugar cada vez mais central. Neste mundo, a cidade apresenta espaços e homens descartados, como é o caso dos habitantes das ruas: indivíduos descartados por uma sociedade de produção e de consumo. Os sujeitos descartados são jogados em espaços descartados, geralmente localizados em áreas centrais abandonadas de cidades absorvidas por processos de valorização diferenciada de seu solo. Assim, homens e espaços descartados pelos agentes oficiais passam a compor realidades marginais e marginalizadas.

É inegável que as transformações presentes na sociedade contemporânea, sistematicamente vinculadas aos avanços técnicos e científicos, trouxeram bem-estar para parte da sociedade. Contudo, é fundamental destacar que tais benefícios permanecem distantes de bilhões de pessoas. Na realidade, cidades de todos os continentes evidenciam como a vulnerabilidade compromete a vida de crianças, jovens e adultos.

Nesse sentido, Santos (2000), ao analisar o processo de globalização, adverte que devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro é o mundo tal como nos fazem vê-lo, produto da globalização como fábula: o mundo que a ideologia dominante quer que vejamos; o segundo é o mundo tal como ele é: que evidencia a globalização

como perversidade, a partir das profundas desigualdades existentes e, o terceiro, é o mundo como ele pode ser, por meio de uma outra globalização, com possibilidades de maior justiça social.

A presente investigação percorreu um caminho que contempla a objetividade e a subjetividade presentes em ícones de uma sociedade urbana contraditória, na qual a busca pela hegemonia está pautada na reprodução ampliada e concentrada de capital. Nesta perspectiva, o segundo capítulo analisou as repercussões desta realidade no espaço público e na vida das pessoas que o habitam, enfatizando as especificidades da cidade de Anápolis (GO).

## CAPÍTULO – 2

### **2- SEGREGAÇÃO SOCIO-ESPACIAL E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO: DISCURSOS E IDEOLOGIAS NO PROCESSO DE (RE) PRODUÇÃO DE CORPOS**

As transformações produzidas no espaço habitado são inegáveis. As metamorfoses espaciais representam a complexidade das relações travadas entre os homens; bem como destes com a natureza. No mundo contemporâneo, as alterações nos espaços urbanos e rurais evidenciam um aumento na velocidade, indicando a presença de novas matrizes produtivas de bens materiais e imateriais. Importantes estudiosos, como Santos (1988), Harvey (1996) e Soja (1993), realizaram interessantes pesquisas centradas nesta temática.

A presente investigação buscou entender a experiência do homem neste contexto. Contudo, foi direcionada para a compreensão da vida do homem que habita a rua no espaço urbano; entendendo que esta experiência pressupõe uma corporeidade expressa em um mundo “confuso e confusamente percebido” (SANTOS, 2000). Nesta perspectiva, consideramos as relações estabelecidas em um ambiente no qual o corpo do sujeito se relaciona com a dimensão concreta do mundo sem a mediação de uma casa: o que, certamente, faz com que uma linguagem própria seja elaborada no processo de reprodução de sua existência.

A realidade investigada foi a cidade de Anápolis (GO). Entre as especificidades presentes em Anápolis, destacamos um processo segregador que vem sendo promovido desde a primeira metade do século XX, como o intuito de disciplinar o uso do território em um momento marcado pela mendicância praticada por hansenianos que migravam para a cidade. Como resposta ao problema, os contaminados pelo bacilo de Hansen foram apartados da vida em sociedade. Este processo redundou na formação do bairro Novo Paraíso.

Atualmente, a mendicância – representante da pobreza extrema – segue compondo a cena urbana na cidade. Diversos grupos sociais segregados, com destaque para a população em situação de rua, se apropriam de espaços urbanos. Eles estabelecem uma relação com a sociedade apresentando a fragilidade de seus corpos como discursos voltados para a mendicância: olhos cegos, feridas inflamadas e infectadas, bengalas produzidas artesanalmente, enunciam condições de miséria com vistas a obtenção de esmolas.

Diante do contexto apresentado, os objetivos do capítulo são: analisar a cidade considerando-a uma obra de arte heterogênea produzida coletivamente; entender o lugar do habitante da rua nesta obra de arte, evidenciando a corporeidade na mediação de sua relação

com a cidade de Anápolis (GO); identificar como este homem que habita as ruas percebe as relações urbanas e a própria cidade num contexto segregador.

Para alcançar tais objetivos, buscamos entender as especificidades da produção do espaço urbano de Anápolis, em suas dimensões materiais e imateriais. Nesse contexto, o medo foi percebido como sentimento presente em todos os agentes produtores do espaço urbano. Ao considerar os agentes sociais excluídos, o medo decorre, frequentemente, das manifestações repressoras dos agentes públicos de segurança, das ações dos proprietários fundiários e de meios de produção, que contratam mão de obra para impedir sua circulação e permanência em determinados espaços. Em relação aos habitantes de lugares higienizados, o medo é alimentado por meio dos riscos atrelados a população que converte a rua em casa. Nesse sentido, é fundamental analisar as especificidades dos medos presentes no espaço urbano.

No curso da pesquisa, consideramos o processo histórico de produção das centralidades na cidade de Anápolis. Destacamos as intencionalidades hegemônicas e marginais e investigamos, como os habitantes da rua produzem uma relação própria, em contextos marcados por processos de refuncionalização das dinâmicas intraurbanas, com repercussões nas centralidades produzidas.

Ao tentar compreender a relação do homem descartado/segregado com os espaços descartados/segregados da cidade, optamos por apreender e cartografar a percepção dos espaços por ele habitados. Para tanto, estabelecemos condições para que eles representassem em mapas os lugares e objetos mais representativos no espaço investigado. Os mapas foram produzidos por eles mesmos, a partir de suas experiências de tranquilidade e segurança, medo e tensão no espaço da cidade, resultando em uma cartografia das percepções dos habitantes das ruas em Anápolis.

## 2.1 REALIDADE E PERCEPÇÃO: A CIDADE COMO OBRA DE ARTE HETEROGÊNEA

Para atingir os objetivos da pesquisa, foi importante considerar as dimensões materiais e imateriais presentes na produção do espaço urbano, enfatizando os elementos indicadores da existência de intencionalidades hegemônicas e marginais manifestadas por homens que ocupam diferentes posições em uma sociedade hierarquizada, o que, por conseguinte, indicou que as experiências vivenciadas não são universais; mas particulares Safadi (2017), Mello (2016). Por esta razão, recorreremos ao sistema de ideias elaborado por

Merleau-Ponty (1989), filósofo francês ligado à fenomenologia, que abriu caminhos para a restituição do mundo da percepção através da experiência<sup>11</sup>.

A partir dos argumentos desenvolvidos por Merleau-Ponty (1989), entendemos a importância de debates centrados na percepção e na experiência, em uma sociedade constituída por homens que estão cada vez mais distantes do mundo real e mais próximos de mundos virtualizados, que comprometem a percepção da dimensão concreta do mundo (Mello, 2016).

Essenburg (2004) destaca que, para Merleau-Ponty (1989), é preciso habitar o mundo participando dele e não apenas sobrevoar para contempla-lo à distância; pois somos parte dele e não elementos externos. Interessou-nos, desta forma, entender como se dá à experiência de diferentes segmentos da sociedade no espaço urbano, considerando a especificidade de cada um. Nesta perspectiva, buscamos compreender a relação do homem descartado/segregado com os espaços descartados/segregados da cidade de Anápolis (GO), por meio de suas experiências.

É importante ressaltar que a experiência do habitante da rua na cidade pressupõe, antes de tudo, uma corporeidade. Essa corporeidade se situa em uma dimensão específica quando a comparamos com outros habitantes das cidades que residem em casas, apartamentos etc. Os destituídos de casa não têm sua relação com a rua mediada por qualquer outro elemento além do corpo.

O mundo percebido e nossos órgãos perceptivos são partes do mesmo ser, portanto, a relação com o objeto pressupõe uma corporeidade. Os sentidos não agem separados, mas como uma totalidade, [...]O corpo não é apenas um amontoado de órgãos ou um receptáculo de informações, ele percebe, interroga e interage com o mundo, movimenta-se entre as coisas. (ESSENBURG, 2004, p. 46).

Se o corpo é mais do que um amontoado de órgãos, imagine o corpo de um habitante da rua. Não existe entre ele e a rua um filtro mediador de sua relação com o frio, a chuva, o olhar etc. Ao abordar questões relacionadas ao corpo, Harvey (2004) apresenta proposições interessantes: ele destaca o corpo como um projeto inconcluso, passível de ser moldado histórica e geograficamente. Sob este prisma, o corpo continua a evoluir, refletindo tanto a dinâmica interna, como processos externos. Esta proposição parte do pensamento de autores como, Marx (ed. 1964), Gramsci (ed. 1971), Bourdieu (1984), Lefebvre (1991), entre outros. Harvey segue enfatizando que o corpo não é uma matéria fechada ou lacrada, mas relacional, criada, delineada, sustentada e até dissolvida no espaço-tempo de múltiplos processos, implicando em uma relação dialética, onde o corpo internaliza os efeitos dos processos a sua volta. Para Harvey (2004, p. 137):

---

<sup>11</sup> A esse respeito ver Essenburg (2004).

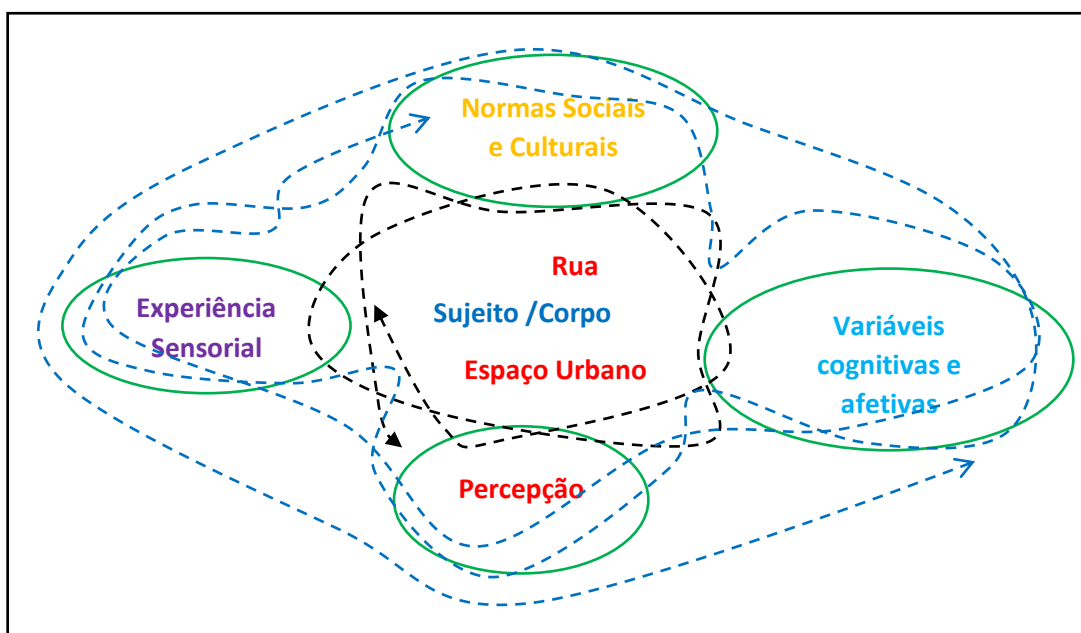
O corpo é interiormente contraditório em virtude dos múltiplos processos socioecológicos que para ele convergem. Por exemplo, os processos metabólicos que mantêm o corpo envolvem intercâmbios com seu ambiente. Se os processos se alteram, o corpo ou se transforma e se altera ou então deixa de existir. De igual forma, o conjunto de atividades performativas disponíveis ao corpo num dado tempo e lugar não são independentes do ambiente tecnológico, físico, social e econômico em que esse corpo tem seu ser. E também as práticas representacionais que operam na sociedade moldam o corpo (e, mediante as formas de traje e de se postar, propõem todo tipo de sentidos simbólicos adicionais). Isso significa que toda contestação de um sistema dominante de representação do corpo (por exemplo, os propostos em anos recentes por teóricos feministas e *queer*) vem a se tornar uma contestação direta de práticas corporais.

Outra referência importante em debates centrados no corpo é Merleau-Ponty (1989). O filósofo aborda a relação do corpo com os objetos a sua volta.

Visível e móvel, meu corpo está no número das coisas, é uma delas; é captado na contextura do mundo, e sua coesão é a de uma coisa. Mas já que vê e se move, ele mantém as coisas em círculo á volta de si; elas são um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão incrustadas na sua carne, fazem parte da sua definição plena, e o mundo é feito do Próprio estopo do corpo. (MERLEAU-PONTY, 1989, p.51)

Ao considerar a dimensão específica da corporeidade dos habitantes das ruas na cidade; bem como o corpo como um projeto inconcluso, conforme Harvey (2004), buscamos representar a inserção corporal deste homem no espaço. Em nosso entendimento, ele revela de maneira particular formas de inscrições de suas experiências urbanas na carne. Esta inscrição se dá no movimento de corpos no espaço urbano, no qual a carne é rasgada, pintada, esquentada, esfriada no curso da busca pela manutenção da vida. A Ilustração 1 representa os fluxos destes sujeitos na cidade de Anápolis (GO).

Ilustração 1- Inserção corporal do sujeito na cidade



Fonte: SIQUEIRA, T.A, 2019.

É a partir do corpo que o homem se relaciona com o mundo e atribui significado e valor as coisas. É no mundo que ele assegura possibilidades de comunicação, por meio de relações mediadas por elementos universais e particulares. É na especificidade da relação entre o corpo, o mundo (urbano) e o outro que as diferenças são produzidas e percebidas, a partir de experiências diversas. Nesta perspectiva, a cidade emerge como obra de arte privilegiada, produzida por ações coletivas e contraditórias. No presente trabalho, as contribuições de Lefebvre (2001) aparecem de forma destacada:

[...] a cidade é obra a ser associada mais com a obra de arte do que com um simples produto material. Se há uma produção da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas. (Lefebvre, 2001, p.52)

Essenburg (2004, p.7) adverte que “a obra de arte é não só o ponto de passagem do mundo da percepção para o mundo da cultura, mas resguarda em si o segredo desse desenlace intercorporal de um só mundo que é antes vivido do que explicado”. A partir deste entendimento, consideramos que o habitante da rua no espaço da cidade assume a condição de artista no processo de realização desta obra de arte, que é a cidade. Ele age de forma particular, quando percebemos outras formas de agir e produzir a obra.

No percurso investigativo que deu corpo a esta dissertação, buscamos entender, por meio da natureza da obra de arte, a natureza da cidade; bem como a natureza das relações urbanas nelas travadas; contemplando tanto a dimensão material, quanto a imaterial das produções sócio-espaciais, reconhecendo a cidade como produto de diferentes habitantes.

A cidade é uma produção histórica e revela a simultaneidade de temporalidades territorializadas (SANTOS, 1988). Da mesma forma, seu processo de apropriação é marcado por bases diversas, porém complementares: por exemplo, é na produção coletiva dos estados de medo e da empatia que as diferenças são produzidas. Ou seja, a matéria prima da diferença apresenta, frequentemente, uma única fonte. Como destacado anteriormente, na atualidade, o medo se faz presente em todos os agentes produtores do espaço urbano. Desta forma, os condomínios fechados são valorizados por representarem segurança (MELLO, 2016).

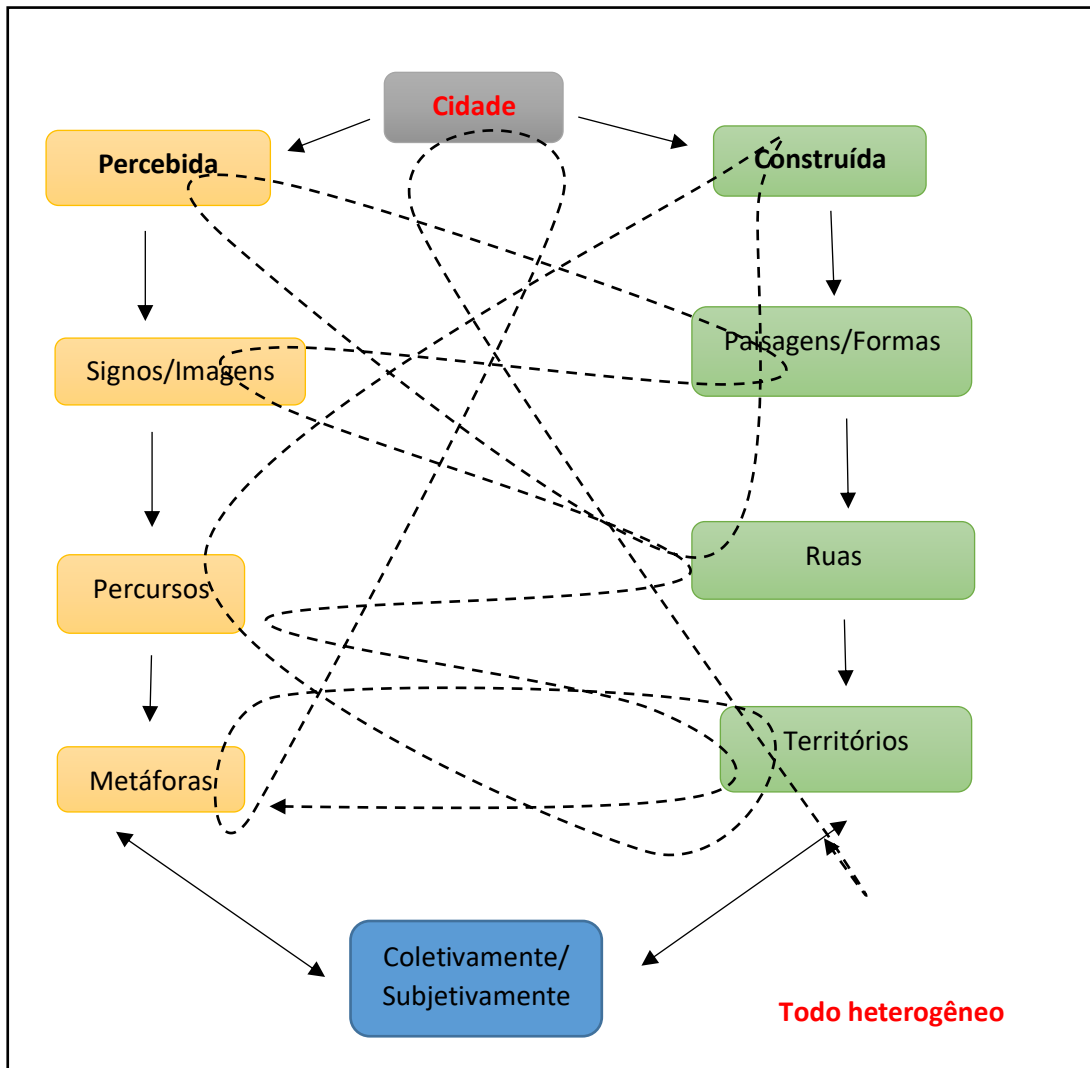
Assim, a cidade está fortemente marcada por heterogeneidades que afetam a percepção dos diferentes sujeitos que habitam o espaço urbano. A cidade é produto de ações subjetivas, coletivas e heterogêneas, manifestadas em um contexto de relações travadas entre a ordem próxima e a ordem distante, apresentadas por Lefebvre (2001). Entender as diferentes relações estabelecidas no espaço urbano é fundamental para a compreensão da dimensão coletiva desta obra de arte; sobretudo, porque os habitantes que vivem em sociedade são

marcados por uma heterogeneidade. Contudo, devemos perceber que os sujeitos situados em posições hegemônicas, nas relações sociais assimétricas, buscam encobrir e conter o que é inconstante: a diversidade socialmente produzida. Eles produzem elementos materiais e imateriais que formam um conjunto que deve ser percebido como um mundo – único –; ameaçado pela indolência dos que desafiam a “ordem natural” (MELLO, 2009).

Neste contexto, a cidade pode ser considerada como conjunto heterogêneo em diversos sentidos: tanto em sua forma como em seu conteúdo. Ela é produto de movimentos em que o homem ocupa lugar privilegiado; sendo ele também heterogêneo. Apesar desta heterogeneidade, existem processos hegemônicos, intencionalmente produzidos, que almejam reduzir e limitar as visões de mundo, em benefício da reprodução do capital. Uma série de ações visam a edificação de uma cidade do pensamento único (ARANTES; VAINER; MARICATO, 2000).

A Ilustração 2 representa como se dá a organização da cidade na perspectiva de um todo heterogêneo. Ao mesmo tempo em que a cidade é construída e percebida individualmente, ela é construída e percebida coletivamente, formando um todo heterogêneo. Recordando as questões levantadas por Lefebvre (2001), a cidade deve ser percebida como obra de arte coletiva e subjetiva, não sendo somente a construção de objetos. Devemos recordar que a arte se apresenta como linguagem fundamental no processo de investigação de obras como a cidade, caracterizada por uma heterogeneidade sistematicamente negada por agentes interessados na produção da sociedade burocrática para o consumo dirigido, (LEFEBVRE, 1991).

Ilustração 2 - Construção e Percepção da Cidade



Fonte: Siqueira, T.A, 2019.

A cidade não pode ser percebida e vivida fora das relações. É por meio da atribuição de sentidos e valores a objetos e fenômenos que a comunicação se realiza. Ou seja, os signos e seus significados não são produtos exclusivos de ações que privilegiam perspectivas universais. Eles são produtos de relações próprias e distintas. O que vigora é um processo de busca pelo controle, a partir de uma hierarquia. Mas será que isto enriquece ou empobrece as relações? Na introdução do livro “Espaços de esperança”, David Harvey (2004) analisa dois filmes<sup>12</sup> que revelam a complexidade da sociedade, evidenciando angustias presentes em ambientes urbanos marcados por contradições que reduzem o homem a condição de consumidor, frequentemente frustrado, por não apresentar as condições materiais para consumir.

A análise de Harvey (2004) apresenta a cidade como um espaço em formação, marcado pela ascensão da economia política do signo. Neste contexto, o autor elabora uma

<sup>12</sup> Duas ou três coisas que eu sei sobre ela de Jean-luc Godard (1966), e o Ódio de Mathieu Kassovitz (1995)

questão profundamente importante: o que vai ser dos habitantes enquanto a nova cidade é criada? No filme, “O ódio”, de Kassovitz, a resposta está clara, pois a produção cinematográfica é marcada pela dor e pelo desespero de seus personagens. No outro filme, “Duas ou três coisas que sei sobre ela”, de Godard, a resposta é mais sutil e se manifesta por meio de um sentido de horror, de perda de si mesmo e fragmentação. Mas, ao mesmo tempo, sugere alternativas representadas por outro questionamento: “Poderemos resgatar o alfabeto da existência? ”

O filme de Godard convida a identificação de um momento conhecido como “sensibilidade pós-moderna”. A sensibilidade destacada pelo autor se aproxima de debates travados em escala mundial e evidencia demandas por novos olhares lançados por sobre fenômenos não tão recentes: como é o caso da segregação. Na composição de seu argumento, o geógrafo fala sobre os limites da linguagem – citando Wittgenstein. Harvey indaga: “Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo? ”, [...]. (HARVEY, 2004, p.23). As análises de Harvey (2004) fomentam diversos questionamentos. A leitura de sua obra apresenta possibilidades vinculadas ao alargamento do mundo, a partir de uma ruptura com os limites estabelecidos por uma linguagem empobrecida no contexto da produção da “sociedade burocrática do consumo dirigido” (LEFEBVRE, 1991). Nesta medida, podemos relacionar estas questões com a preocupação de Merleau-Ponty (1989), a respeito da percepção e da experiência. Em nossa pesquisa, avaliamos a existência de potenciais que dormitam no mundo urbano. Entendemos que eles podem ser despertados por meio da percepção da existência de relações negadas por estruturas burocráticas produzidas para impedir a experiência autônoma com o mundo.

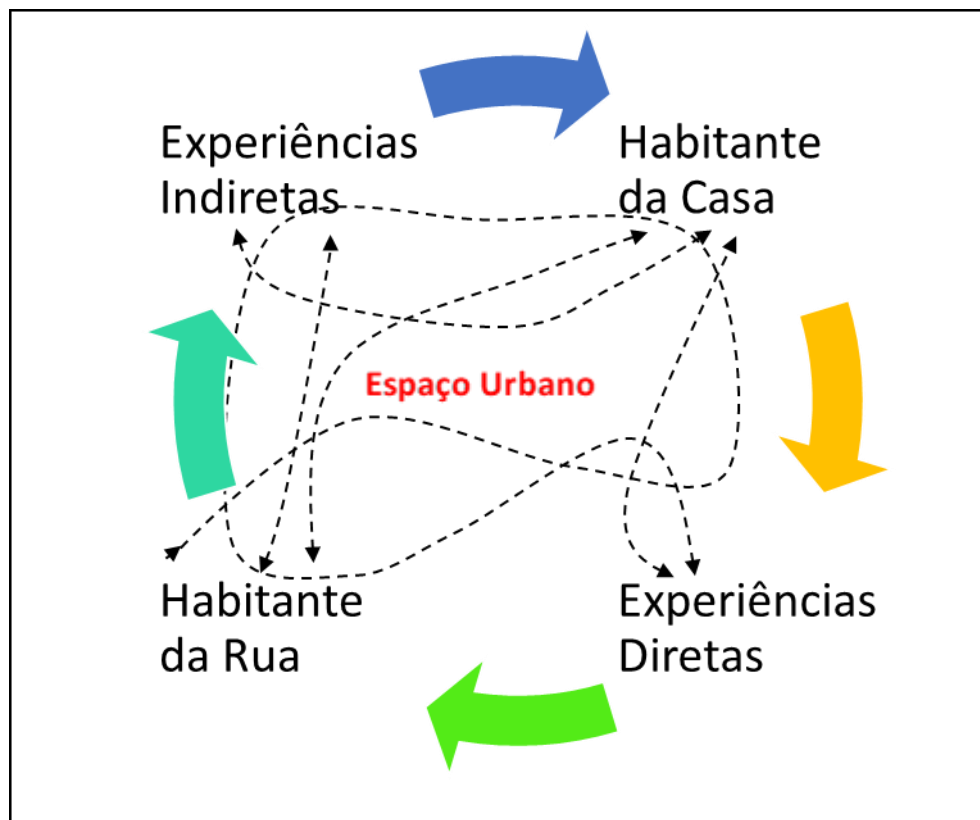
Neste contexto, reafirmamos mais uma vez que a vida em sociedade é mediada por processos comunicativos. Sem comunicação não existe relação! No processo de produção das realidades, agentes hegemônicos promovem a construção de cenários erguidos pela “economia política dos signos” Harvey (2004). A ideia é limitar as possibilidades por meio de limitação das experiências. Um processo de programação burocrática é assumido por segmentos específicos. Neste interim, conceitos são criados e consumidos de forma a limitar experiências. A experiência, neste sentido, é limitada por padrões estabelecidos com vistas a potencialização do consumo.

Neste movimento, as percepções e as artes são empobrecidas, como ensina Harvey (2004). O mundo experimenta a invenção do cotidiano, que ocupa o lugar de roteiros assumidos pela sociedade do consumo dirigido. É neste cenário que enfatizamos o alerta feito por Merleau-Ponty (1999): os indivíduos produzem suas relações de forma diferenciada, reproduzindo, assim, suas distintas realidades. Assim, não podemos negar que habitantes de rua reproduzam

sua existência por meio de linguagens particulares. Não há existência sem relações com outros e com o mundo. Eles percebem o espaço da cidade e os indivíduos a sua volta a partir experiências que rompem com o padrão discursivo ditado pela sociedade burocrática do consumo dirigido (LEFEBVRE, 1991).

A Ilustração 3 representa a experiência do habitante da rua em relação a experiência do habitante da casa no espaço urbano. A partir dos pressupostos aqui apresentados, evidenciamos como o habitante da rua, através de sua experiência espaço-temporal, atribui sentido ao espaço urbano e a sua própria existência, produzindo relações distintas das relações do habitante da casa no espaço urbano.

Ilustração 3 - Experiência do Morador de Rua na Cidade



Fonte: SIQUEIRA, T.A, 2019.

Desta forma, quem objetiva compreender a experiência dos habitantes da rua com a cidade deve considerar a relação por eles produzida no processo de reprodução desta complexa obra de arte. É necessário identificar a existência de uma fala criativa, autêntica e expressiva, que Merleau-Ponty (1999) chama de fala falante, que, segundo o filósofo, se distingue da fala falada, por esta ser destituída de autenticidade. Em nosso entendimento, a fala falada – de Merleau-Ponty (1999) – se aproxima da ordem distante destacada por Lefebvre (2001); bem como da economia política do signo (HARVEY, 2004) e do mundo como fábula e perversidade (SANTOS, 2000).

Para Merleau-Ponty (1999), a fala falante é aquela que demonstra o nascimento de uma intenção significativa. Para o autor, “A fala é o excesso de nossa existência por sobre o ser natural”. A fala falante emerge a partir da experiência e da percepção do indivíduo no espaço e no tempo. Merleau-Ponty (1999, p. 267) faz uma exposição sobre o que chama de fala falada. Segundo o filósofo, ela “desfruta as significações disponíveis como a uma fortuna obtida. A partir dessas aquisições, tornam-se impossíveis outros atos de expressão autêntica — aqueles do escritor, do artista ou do filósofo.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.267).

Neste contexto, em que a diversidade se faz presente, o sistema hegemônico, promotor da ordem distante e da “economia política dos signos” (HARVEY, 2004), se reinventa para reproduzir de forma ampliada seu status de dominação e atrair mais recursos para o exercício de seu poder. Por meio de uma série de mecanismos e estratégias, almeja o impedimento da produção da fala falante. Neste movimento voltado para a perpetuação de uma hegemonia, a cidade torna-se palco de ações direcionadas para a restrição da experiência por meio de uma limitação da linguagem.

No próximo item buscamos compreender as especificidades do medo como componente urbano, tendo em vista as relações empreendidas pelos diversos agentes; bem como o papel do espaço público na produção de experiências relacionadas ao medo, convertido em matéria prima na produção de composições discursivas.

## 2.2 A RELAÇÃO DE CORPOS COM OS ESPAÇOS PÚBLICOS E O MEDO COMO COMPONENTE URBANO.

O espaço público é um importante componente quando pensamos em questões urbanas. Ele pode ser analisado em diferentes perspectivas. Neste tópico, trabalhamos o espaço público como espaço simbólico, no qual diferentes ideias e culturas são reproduzidas, a partir da intersubjetividade inerente às relações banais e cotidianas, marcadas por sujeitos e percepções heterogêneas (SERPA, 2017).

Nessa perspectiva, a rua é um elemento importante para a compreensão das relações travadas no espaço público. Para Vogel e Mello (2017, p. 46): “A experiência do espaço urbano fundamenta a intuição de que a rua é mais que via, trilho ou caminho. ” A rua é lugar do encontro, onde o eu e o outro estão presentes e suas relações acontecem. Sendo assim, “Uma rua é um universo de múltiplos eventos e relações” (VOGEL E MELLO, 2017, p. 46). Ao se pensar o uso dos lugares:

A rua aparece, nesta perspectiva, como um elemento revelador a partir do qual se pode pensar o lugar da experiência, da rotina, dos conflitos, das dissonâncias, bem como, através dela desvendar a dimensão do urbano, das estratégias de subsistência e de vida,

pois marca a simultaneidade do cheio e do vazio e das temporalidades diferenciadas. No panorama das ruas pode-se ler a vida cotidiana - seu ritmo, suas contradições os sentimentos de estranhamento, as formas como se trocam mercadorias, o modo como a solidão desponta, a arte da sobrevivência (meninos de rua, mendigos), as vitrines onde o ritual da mercadoria inebria, o contraste das construções, das suas formas, usos, cores, as imagens dos outdoors e luminosos que ocupam o olhar. (CARLOS, 2007b, p.46)

Muito mais do que simples caminhos, a rua revela as contradições do espaço e do tempo urbanos. Ela apresenta o cotidiano dos cidadãos, às vezes rápido e frenético, outras vezes lento e contemplador. Ao pensar no habitante em situação de rua devemos compreender que “A rua já não mais representa simplesmente aquele ambiente destinado aos passos alucinantes de viandantes, sôfregos para chegarem ao seu destino. Para muitos, a rua passa a ter a dimensão da casa, [...]” (MONTEIRO, 2011, p. 73)

“A rua é, assim, o cenário de todo o movimento cotidiano da vida, onde as atividades rotineiras do dia a dia, normalmente associadas a casa enquanto espaço de intimidade, é realizada no espaço público.” (MONTEIRO, 2011, p. 73) A pintura “Avenida Paulista ‘Noturno’”, de Nilda Luz (Ilustração 4), ilustra o movimento da rua. No entanto, não revela corpos preenchendo seus espaços, o que indica outra dimensão do urbano, aquela da rapidez e do frenesi dos tempos pós-modernos, que não permitem estados conscientes de percepção da cidade e de seus espaços.

Ilustração 4 - Avenida Paulista – “Noturno” Obra de Nilda Luz - 2001



Fonte: < <https://www.obrasdarte.com> > acrílica sobre tela, 100 cm x100 cm, exposição Amar e Viver São Paulo.

No entanto, devemos considerar que a Avenida Paulista, em alguns momentos de festa, tem seu espaço apropriado por corpos ativos, como na obra de Monet, “La rue Montorgueil“, de 1878 (Ilustração 5), que demonstra as formas de uso da rua através da festa, com cores vibrantes e os corpos preenchendo o espaço da rua, demonstrando que a rua é o lugar da vida (CARLOS, 2007b).

Ilustração 5 - A Rua Montorgueil, Festival de 30 de junho de 1878



Fonte: <<https://www.historiadasartes.com>> óleo sobre tela, 81 por 50 cm, Museu d'Orsay, Paris.

Mais do que lugar de passagem entre os diversos pontos da cidade, a rua é o lugar onde o homem se realiza nas dimensões política e social. É o lugar no qual as contradições ganham contorno e se abrem a novas possibilidades:

Assim, a rua é também o lugar da realização da cidadania no modo como pode ser o lugar da reivindicação, das lutas. Ela dá visibilidade a contradição entre projetos sociais diferenciados e neste sentido o espaço além de ser acúmulo de tempo é também

virtualidade, possibilidade aberta a constituição de outro projeto de sociedade. (CARLOS, 2007b, p. 47).

Devemos levar em consideração que o homem é um ser subjetivamente condicionado. Assim, a rua se apresenta como condição da existência humana. A esse respeito, Arendt (2007, p.17) esclarece que:

A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência. O mundo no qual transcorre a *vita activa* consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas; mas constantemente, as coisas que devem sua existência exclusivamente aos homens também condicionam os seus autores humanos. Além das condições nas quais a vida é dada ao homem na terra e, até certo ponto, a partir delas, os homens constantemente criam as suas próprias condições que a despeito de sua variabilidade e sua origem humana, possuem a mesma força condicionante das coisas naturais.

Quando homens entram em contato com a rua, e nela reproduzem sua vida, ela se torna condição de sua existência. Pesquisas realizadas com pessoas em situação de rua indicam que quanto mais tempo permanecem nas ruas, mais dificilmente a deixam: foi o que apontou o censo realizado em São José dos campos, em 2016, com este segmento populacional. De acordo com a secretaria de desenvolvimento social do município, a ressocialização das pessoas que estão em situação de rua há mais de cinco anos é mais difícil, quando comparada a ressocialização das que se encontram nesta condição a menos tempo. Outras pesquisas realizadas nas cidades de São Paulo (2015), Porto Alegre (2016) e Curitiba (2016) apresentam a mesma conclusão.

Para compreender esta realidade, devemos perceber que o ambiente passa a condicionar suas existências. Nesta perspectiva, “Alocados nas praças da cidade ou misturados à paisagem urbana, em um mimetismo que os torna quase invisíveis, os moradores das ruas fazem desse ambiente o *locus* de sua existência, espaço de reprodução de suas relações sociais” (MONTEIRO, 2011, P.73).

Quando falamos em pobres, em pessoas em situação de rua, tratamos de seres que realizam sua existência no espaço urbano através de seus corpos, pois nossa experiência com o mundo se dá através de uma corporeidade. Para Essenburg (2004, p.46) “O Mundo percebido e nossos órgãos perceptivos são partes do mesmo ser, portanto, a relação com o objeto pressupõe uma corporeidade”.

Por esta razão, a presente pesquisa situou o corpo em um lugar relevante, por tratar-se de uma categoria fundamental para os que almejam compreender as relações empreendidas no espaço urbano pelos habitantes em situação de rua. Habitantes que sentem em sua carne o dilaceramento provocado por processos sociais devastadores da dignidade humana.

Assim, o corpo do habitante das ruas deve ser pensado a partir da intensidade dos processos que o rodeiam, nos espaços por ele experimentados. Neste contexto, uma realidade deve ser destacada: os relacionamentos na rua são marcados por fragilidades específicas. Para Varanda e Adorno (2004, p.62):

Pessoas que sobrevivem na pobreza e distantes de uma suposta rede de proteção social experimentam vínculos sociais extremamente frágeis, que tendem a se fortalecer ou se romper de acordo com as dificuldades que a realidade lhes apresenta e conforme o acúmulo de experiências desestruturantes ao longo da vida.

Contudo, não podemos classificar o corpo humano como elemento passivo. “[...] o corpo humano é ativo e transformador em relação aos processos que o produzem, sustentam e dissolvem.” (HARVEY, 2004, p.138). É através do corpo que o espaço é percebido, vivido, sentido, apropriado, transformado. Sendo assim:

É através de seu corpo, de seus sentidos que ele constrói e se apropria do espaço e do mundo. O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida — apropriada através do corpo — dos sentidos — dos passos de seus moradores, é o bairro é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *latu sensu* a menos que seja a pequena vila ou cidade — vivida/ conhecida/ reconhecida em todos os cantos. (CARLOS, 2007a, p.17)

A relação entre o corpo e o espaço se dá no do uso da cidade. Segundo Carlos (2007b, p.14):

Como o uso tem um caráter local, ele contempla os trajetos e percursos que o cidadão realiza cotidianamente como condição de realização de sua vida enquanto manifestação dos atos mais banais – como ir ao trabalho diariamente, ir à feira, ao supermercado, visitar amigos e/ou familiares, e, estes momentos do uso aparecem como modos apropriação dos lugares da cidade, através do corpo humano. Mas estes lugares são constantemente redefinidos pelas metamorfoses da morfologia urbana, seja através das políticas urbanas, seja através de estratégias imobiliárias que condiciona o uso do espaço da cidade à sua condição de mercadoria; esta tendência submete o cidadão marcando a passagem do processo de consumo no espaço ao consumo do espaço.

Os habitantes em situação de rua vivem no espaço urbano sem um domicílio, por isso experimentam o mundo e o espaço de forma diferente. De maneira particular, estabelecem uma relação de identidade com o espaço, considerando que tem preferências por habitar determinados locais da cidade. Palombini (2013). É neste ponto que o elemento medo adquire relevo, pois os habitantes da rua tomam medidas com vistas a se proteger da aspereza da cidade. Para tanto, escolhem os lugares e os usos possíveis, pois estão sujeitos a agressões sociais e as intempéries climáticas. Por esta razão, é possível afirmar que o medo afeta a dinâmica dos fluxos no espaço urbano. Um dos medos que afligem os mais ricos é o medo dos pobres na cidade, (Tuan, 2005). Há sempre aquele lugar que se torna perigoso, principalmente no imaginário social, por abrigar determinados grupos, como as pessoas em situação de rua, por

exemplo. Para Tuan (2005, p 252), “Dentre os medos que assolam as cidades estão: aversão e medo dos pobres, como uma fonte potencial de corrupção moral e de doença; e medo dos imigrantes pobres”. Nesse caso, devemos considerar um dado importante: a maior parte da população em situação de rua tem sua origem em outras cidades, ou seja, são migrantes. Certamente, o medo despertado pelos pobres representa para eles um perigo, pois são sempre alvos de medidas protetivas, muitas vezes desproporcionais e desnecessárias.

Para melhor compreender as repercussões destes elementos na sociedade, contemplamos, no próximo item, questões que envolvem o movimento de transformação do espaço urbano anapolino. As considerações que seguem foram balizadas por um entendimento que confere importância à centralidade urbana, considerando que tais centralidades possuem duas dimensões; uma marcada pela apropriação do poder hegemônico e outra caracterizada pela dimensão marginal na apropriação do espaço urbano. Analisamos estas dimensões a partir do conceito de contra-racionalidade trabalhado por Santos (2006), que ofereceu importantes contribuições teóricas, metodológicas e conceituais para o entendimento de realidades urbanas marcadas por processos contraditórios e segregadores.

### 2.3 DO VALOR AOS USOS DO SOLO URBANO: DISCURSOS E RELAÇÕES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE CENTRALIDADES EM ANÁPOLIS - GO

Como a pesquisa aqui relatada trata da relação dos habitantes de rua com a cidade de Anápolis, a partir da mediação do corpo, consideramos a realidade urbana anapolina; bem como seu processo de constituição. Assim procedendo, destacamos que Anápolis surgiu no século XVIII, a partir da movimentação de tropeiros que vinham de diferentes províncias em direção às lavras de ouro em Meia Ponte (Pirenópolis), Corumbá de Goiás, Santa Cruz, Bonfim (Silvânia) e Vila Boa (cidade de Goiás).

A história da cidade está associada a fatores que se complementam: condições naturais favoráveis para a implantação do sítio urbano, como relevo, clima, localização estratégica, motivação religiosa, que, no entendimento popular, partiu da decisão de Ana das Dores Almeida de construir uma capela dedicada a Sant’Ana, em agradecimento a uma graça recebida; além das condições propícias para a expansão da agropecuária e o fortalecimento da estrutura oligárquica regional.

Ao redor da capela, erguida em homenagem a Sant’ana, foi formado o povoado de Santana, que em 1907 foi transformado no município de Anápolis. (LUZ, 2010). Na atualidade, Anápolis está localizada entre duas capitais: Goiânia, a capital do Estado, e Brasília, a capital

nacional. Mesmo sofrendo forte influência das cidades-capitais, Anápolis mantém sua importância e revela questões importantes ligadas ao fenômeno urbano, como o processo segregador.

Desde sua gênese, Anápolis foi considerada como um lugar “vocado” ao dinamismo econômico. Sua localização estratégica é a característica mais frequentemente destacada. A partir do aumento de seu dinamismo econômico e político, Anápolis passou por um progressivo crescimento populacional. Tal crescimento transformou seu espaço urbano. Assim, teve início um processo de complexificação do espaço urbano anapolino. É importante fazer referência a uma constatação feita por Harvey (1980, p. 13), relativa à sociedade urbana contemporânea: “A Cidade é visivelmente, uma coisa complicada”, pois é marcada por uma expressiva complexidade manifestada de diferentes maneiras. Na mesma direção, Santos (2000) defende que vivemos em um mundo confuso e confusamente percebido!

Na busca por referências que permitam compreender o processo de produção de realidades urbanas complexas, entendemos que os centros tradicionais das cidades podem ser espaços importantes; principalmente quando se investiga movimentos voltados para a modernização produtiva e refuncionalização do espaço urbano. Assim, investigamos Anápolis a partir deste entendimento, com o intuito de analisar seu crescimento econômico e demográfico; bem como as reestruturações em seu espaço intraurbano. Nesse processo, examinamos como suas centralidades foram produzidas, deslocadas e modificadas em contextos sociais e econômicos específicos. De acordo com Silva (1997, p.18):

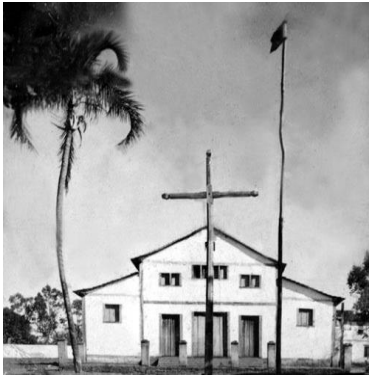
Na análise do processo de formação do centro urbano da cidade, observamos um “deslocamento” do centro tradicional provocado pelas mudanças das atividades comerciais. O primeiro centro foi a Praça Santana e a Rua Manoel D’Abadia, o segundo; a Av. Miguel João, saída para Bela Vista, onde havia uma grande casa comercial de propriedade do Sr. Miguel João. O terceiro centro a se formar foi a Praça Americano do Brasil, próximo a estação ferroviária, o que obrigou a transferência do cemitério - considerado um péssimo cartão de visita que ficava em frente à estação - e o quarto centro e último, a Praça Bom Jesus que é até hoje o marco central da cidade.

Em relação aos centros polarizadores das relações travadas na cidade, a Praça Santana foi o primeiro espaço privilegiado. Contudo, o aumento da dinâmica vinculada a fatores econômicos levou a alteração de sua condição de primazia nas relações econômicas e políticas. De acordo com Silva (1997, p.17):

Inúmeras mudanças ocorriam dentro da cidade com as primeiras iniciativas de urbanização, como a arborização da praça Santana – considerado na época o centro da cidade - próxima à rua Antônio Carlos, hoje rua Manoel D’Abadia, onde se localizavam as casas comerciais, entre elas, “A Rainha da Barateza” do grupo Pina [...]”.

As Ilustrações 6 e 7 representam a realidade presente no processo de urbanização, de Anápolis, no momento em que a Praça Santana e a rua Antônio Carlos concentravam as principais atividades e serviços da cidade, entre as décadas de 1930 e 1940

Ilustração 6 - Antiga Paróquia de Sant'Ana em 1935



Fonte: Caderno de Pesquisas – Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”, 2011.

Ilustração 7 - Rua Antônio Carlos (Atual Manoel D’Abadia) - 1949

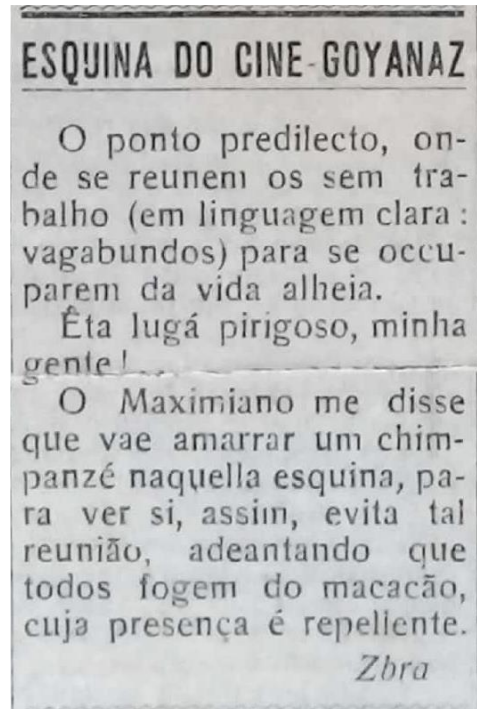


Fonte: Acervo Fotográfico do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho, 2018.

Naquele momento, a população da Vila de Sant’Ana crescia, juntamente com a produção agrícola. O crescimento populacional e das atividades econômicas repercutiram na estruturação do sítio urbano, que cresceu em direção à zona rural. “Nesse momento, já é possível perceber certa orientação quanto à organização do espaço intraurbano anapolino a partir das atividades econômicas e de suas principais saídas” (CUNHA, 2009, p.61).

O crescimento urbano, observado apenas pelo viés do progresso, pode esconder sua face mais cruel, a desigualdade. Na maioria das vezes, o crescimento populacional não é acompanhado pela melhoria da infraestrutura e da oferta de serviços, levando boa parte da população a viver em situação de vulnerabilidade, ou mesmo, em condição de pobreza extrema. Anápolis revela traços da pobreza extrema desde as primeiras décadas do século XX, evidenciados por relatos da presença de indivíduos em situação de rua, como demonstra uma reportagem do jornal “O VERBO”, de setembro de 1931. A reportagem se refere a uma esquina perigosa ocupada por “Vagabundos”. (Ilustração 8).

Ilustração 8 - Reportagem Esquina do Cine-Goyanaz



Fonte: Jornal "O Verbo" de 30 de setembro de 1931.

A partir da matéria, percebemos que na década de 1930 a primeira centralidade hegemônica, a Praça Santana e a rua Antônio Carlos, atual Manoel D'abadia (Ilustrações 6 e 7), começam a perder a condição de protagonista; em um contexto marcado por discursos que exaltaram a chegada da ferrovia "Goyaz". O acesso à ferrovia, em um primeiro momento, conferiu a Av. Miguel João uma posição de destaque, devido a sua localização estratégica para o escoamento da produção agrícola até a estação ferroviária de Roncador. Naquele momento, Anápolis tem seu espaço intraurbano alterado em função da ampliação de sua influência em escala regional. Nesse sentido, para Silva (1997, p. 24):

à abertura em 1920 da estrada de rodagem Anápolis/Roncador a 170 km do município, foi imperativa para economia local devido à melhoria do acesso ao terminal ferroviário de Roncador para onde se destinava a produção do município. Antes da abertura dessa estrada o transporte era feito em carro de bois e tropas.

Essas mudanças estruturais orientaram a formação do espaço intraurbano de Anápolis, com o crescimento da economia da cidade e de seu contingente populacional. A Praça Santana não comportaria a estrutura necessária ao desenvolvimento acelerado da cidade; por esta razão, foram edificados galpões para atender a agroindústria crescente na cidade, na Avenida Miguel João. Naquele período, "O beneficiamento do café e do arroz deram um caráter agroindustrial à economia anapolina, sendo os produtores os principais impulsionadores do comércio regional. Comércio, produção de café e arroz constituíram as bases da economia por

um longo período. ” (SILVA, 1997, P.33). No entanto, o processo de refuncionalização seguiu seu curso, os galpões foram modificados, assim como a função da própria Avenida, que perdeu a condição de centralidade, passando a abrigar pequenos comércios.

No bojo deste movimento, o discurso do progresso impulsionou um expressivo movimento migratório em direção à cidade. Pessoas de diversas classes sociais chegavam à Anápolis. Vários relatos de mendicância revelam as transformações significativas, principalmente em épocas festivas. Este cenário promoveu a instauração de ações que visaram disciplinar a ocupação do espaço urbano. Segundo Silva (1997, p.19):

Ao mesmo tempo em que a constituição da cidade perpassa pela configuração de novos centros, observamos uma preocupação com homens e mulheres - trabalhadores - que deveriam retirar-se do centro dos locais até então considerados públicos para locais periféricos ou melhor de exclusão. De acordo com as posturas municipais das décadas de 20 e 30, o número de mendigos no centro da cidade era alarmante [...].

E foi no contexto de alterações do espaço urbano que, na década de 1930, surge em Anápolis o Bairro Novo Paraíso. A intenção era higienizar o centro dinâmico da cidade. O Bairro Novo Paraíso foi produzido a partir de ações segregadoras<sup>13</sup> que buscaram retirar os pobres, principalmente os portadores da hanseníase, das áreas centrais da cidade, produzindo uma contra-racionalidade (SANTOS, 2006).

Naquele momento, o perigo a ordem estabelecida e o medo derivado deste sentimento deram curso a produção de um espaço de exclusão para os contaminados. A chegada da Ferrovia foi outro fator importante para a estruturação do espaço intraurbano da cidade de Anápolis, promovendo outro deslocamento do centro dinâmico para a Praça Americano do Brasil. Segundo Cunha (2009, p.64):

No início da década de 1930, a expectativa da chegada da ferrovia agitava os ânimos da sociedade como um todo. O lançamento da pedra fundamental da estação em 1933 foi suficiente para gerar grande entusiasmo, que foram sentidos nos discursos de exaltação ao progresso que traria a ferrovia e nos reflexos concretos desta para a cidade. A modernidade deveria estar expressa na estação ferroviária (que deveria ter um prédio moderno) e em toda cidade (que precisava modernizar-se). Novos prédios foram construídos, os velhos reformados e muitos outros serviços e atividades comerciais surgiram, dentre eles a instalação de bares, cervejarias, sorveterias e o aparecimento de vida noturna. Ocorrem também vários melhoramentos urbanos, observados no melhoramento das ruas e na maior preocupação com o saneamento básico, água e esgoto. (CUNHA, 2009, p. 64)

A modernização produtiva de Anápolis provocou não somente mudanças em sua economia, mas também no conteúdo cultural e social. A Estação Ferroviária tornou-se o símbolo deste novo momento da sociedade anapolina, inaugurando novos ritmos e modos de vida.

---

<sup>13</sup> A respeito do processo de segregação sócio-espacial e a origem do bairro Novo Paraíso ver Siqueira (2016).

Segundo Silva (2014, p.12), “a modernização refere-se a uma mudança estrutural nas formas de ações sociais impulsionada pelo advento da tecnologia industrial. Esse processo, contudo, não é marcado somente pela inserção tecnológica, mas por mudança na ordem política, econômica, social e cultural. ” De acordo com Cunha, (2009, p.65):

Em fim, no dia 7 de setembro de 1935 a “Goyaz” chegava definitivamente em Anápolis e era tida como a “super conquista do ano”. A ferrovia vinha (como diziam os discursos mais exaltados) “resolver todos os problemas do município”. [...] A chegada da ferrovia fez Anápolis assumir definitivamente o papel de centro comercial da região, condição iniciada antes mesmo da chegada dos trilhos. (CUNHA, 2009, p. 65)

A chegada da ferrovia, (Ilustração 9) incrementa o processo de acumulação de capital reproduzido pelo desenvolvimento da agricultura e do comércio: “Na fase de expansão da agricultura anapolina, o capital acumulado foi transferido à produção, ao beneficiamento ao armazenamento e à comercialização do café e do arroz, produtos hegemônicos da agricultura na região” (SILVA, 1997, p. 33).

Ilustração 9 - Inauguração da Estação Ferroviária, Anápolis - 1935



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico “Alderico Borges de Carvalho”.

Depois de um significativo crescimento populacional e econômico, a cidade de Anápolis passou por problemas relativos ao transporte ferroviário, devido ao início do rodoviarismo, na década de 1970, que levou a retirada dos trilhos do centro da cidade (Ilustração 10).

Ilustração 10 - Retirada Dos Trilhos Do Centro de Anápolis em 1976



Fonte: Caderno de Pesquisas – Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”, 2010.

Esta redefinição promoveu o surgimento de outra centralidade. A primazia das relações passou a se concentrar na Praça Bom Jesus, também ligada à devoção religiosa. Ainda hoje, a Praça Bom Jesus se constitui como centralidade. A esse respeito, Cunha (2009, p.67) ressalta: “O quarto e último centro localiza-se nas proximidades da Praça Bom Jesus, que é até hoje o marco central da cidade”. (Ilustrações 11 e 12).

Ilustração 11 - Praça Bom Jesus - 1937



Fonte: Revista Imagem Atual - 1993

Ilustração 12 - Praça Bom Jesus - 1970



Fonte: <<http://catedralbomjesus.wixsite.com/catedralanapolis/fotos-histicas>>

É necessário ressaltar a importância do Distrito Agroindustrial, em Anápolis, como centro dinâmico da cidade. Contudo, o Distrito Agroindustrial, inaugurado em 1974, não foi objeto de nossas investigações, pois não apresenta equipamentos e serviços públicos que atraíam a população da cidade.

Segundo Castells (1983, p. 304), “O espaço está carregado de sentido. Suas formas e seu traçado se remetem entre si e se articulam numa estrutura simbólica concreta”. O sentido

do espaço está condicionado à relação estabelecida entre os sujeitos e a cidade; bem como às mediações firmadas. Para Merleau-Ponty (1989, p. 59):

O espaço existe em si, ou, antes, é o em-si por excelência, sua definição é ser em si. Cada ponto do espaço existe, e é pensado aí onde existe, um aqui, outro ali; o espaço é a evidência do onde, orientação, polaridade, envolvimento são nele fenômenos derivados, ligados a minha presença.

Com o intuito de encobrir a diversidade e fomentar o discurso do progresso, as mazelas produzidas no movimento de modernização econômica são relacionadas a posturas isoladas assumidas por sujeitos indolentes (MELLO, 2009). Como alternativa a esta perspectiva tendenciosa e excludente, a análise das múltiplas dimensões que envolvem os processos sociais e as formas espaciais (HARVEY, 1980) tem grande importância. Para Silva (1997, p.11):

Analisar a cidade de Anápolis não é somente limitar seu espaço geográfico, observar seus aspectos arquiteturais, seu processo de urbanização, de reorganização do espaço público, mas sim, olhá-la como um elemento que constitui sua trama histórica através de seu *fazer-se* contínuo, de suas transformações, seu crescimento, seus agentes sociais que lutam, organizam-se e resistem a interesses díspares aos seus.

A centralidade é um elemento que articula as relações no espaço da cidade. É importante discutir suas especificidades não considerando somente sua apropriação pelo poder hegemônico. É imprescindível que se investigue o que os discursos oficiais não evidenciam, alcançando a subjetividade das relações empreendidas no espaço urbano. Para Santos (2006, p. 210):

Ante a racionalidade dominante, desejosa de tudo conquistar, pode-se, de um ponto de vista dos atores não beneficiados, falar de irracionalidade, isto é, de produção deliberada de situações não-razoáveis. Objetivamente, pode-se dizer também que, a partir dessa racionalidade hegemônica, instalam-se paralelamente contra-racionalidades.

As contra-racionalidades são percebidas, no espaço urbano, a partir da ação de sujeitos que ocupam uma posição marginal na sociedade urbana contemporânea. Via de regra, as contra-racionalidades estão associadas a elementos que fogem da normatização do espaço urbano, como foi o caso dos “vagabundos” da esquina do cine-goyanazes, em 1931. Atualizando as manifestações que evidenciam as contra-racionalidades, podemos destacar a ação dos habitantes em situação de rua que vigiam carros particulares no estacionamento do Mercado Municipal<sup>14</sup>. Enfim, todos os que buscam formas de sobreviver no espaço urbano, a partir de condutas que não se enquadram no padrão exaltado pelo discurso hegemônico, são representantes desta contra-racionalidade.

---

<sup>14</sup> O Mercado Municipal, inaugurado em 1955, foi o primeiro prédio público tombado como patrimônio histórico de Anápolis em 1984. Se localiza entre a Rua General Joaquim Inácio e a rua Quatorze de Julho no centro, onde muitos moradores de rua trabalham como flanelinha durante o dia.

Nesse sentido, para Spósito (1997, p.40); “A cidade assumiu com o capitalismo, uma capacidade de produção, que a diferenciava totalmente do processo da urbanização ocorrido na Antiguidade”. Esta afirmação de Spósito (1997) demonstra a importância do capitalismo para se entender o urbano na sociedade contemporânea; contudo, nos remete também a uma preocupação: as análises empreendidas sobre o espaço urbano não devem considerar apenas a dimensão do discurso hegemônico, pois o modo de produção aqui destacado aumentou a complexidade das desigualdades sociais; bem como de suas manifestações espaciais. Percebemos que existem elementos que não são frequentemente considerados, ou mesmo ignorados, nas análises relativas aos processos sociais e as formas espaciais, como é o caso dos modos de vida dos habitantes das ruas. Segundo Castells (1983, p. 311),

A problemática da centralidade coroa as utopias urbanísticas e teorias da cidade. Ela conota a questão-chave das relações e articulações entre os elementos da estrutura urbana, mas investida inteiramente pela ideologia, ela tende a tornar-se o revelador mais seguro da concepção das relações cidade/sociedade subjacente à análise.

Por esta razão, outros agentes que não os hegemônicos devem ser considerados quando investigamos os sentidos atribuídos aos lugares. Assim, levantamos outra questão: o que acontece com a centralidade quando o poder hegemônico do capital migra? Notamos que há uma redefinição das relações quando as centralidades hegemônicas modificam sua localização, o que significa que não são somente as relações tradicionais de consumo que orientam a ocupação dos espaços. No caso da Praça Santana, ainda há a presença de devotos, mesmo que somente no período dos eventos tradicionais. Durante o dia, a praça se assemelha mais a um grande estacionamento e, eventualmente, recebe a visita dos habitantes de rua.

A Avenida Miguel João, que nas Décadas de 20 e 30 abrigou grandes galpões e maquinários para o beneficiamento do arroz e do café, principais produtos da economia da época, hoje abriga uma grande quantidade de pequenos estabelecimentos comerciais e tem suas marquises apropriadas pelos habitantes de ruas. (Ilustrações 13 e 14).

Ilustração 13 - Galpões na Avenida Miguel João - 2003



Fonte: Google Earth Pro - 2018

Ilustração 14 - Trecho da Avenida Miguel João - 2018



Fonte: SIQUEIRA, T.A. 2018

A antiga estação ferroviária foi recentemente restaurada. Próximo a ela está localizado o terminal urbano de Anápolis, que atrai um grande fluxo de pessoas diariamente, inclusive pessoas em situação de rua, que costumam dormir na Praça Americano do Brasil.

A Praça Bom Jesus ainda hoje é considerada um centro dinâmico da economia da cidade. Passou por uma readequação em 2012. Sua dinâmica e seu espaço se diferenciam das demais centralidades. A praça é bastante arborizada e possui um mobiliário que permite a permanência das pessoas: grupos como o de *hippies* permanecem boa parte do dia na praça, comercializando produtos que eles mesmos confeccionam. Além disso, a Praça Bom Jesus possui uma dinâmica noturna: período em que ela é ocupada por vendedores ambulantes. Os habitantes de rua também permanecem constantemente no local, inclusive pernoitando na Praça.

Os espaços apropriados pelos habitantes da rua são os que não interessam ao capital hegemônico. Mas, a nosso ver, estes espaços possuem outro tipo de centralidade: uma centralidade marginal. Como característica, esta centralidade é marcada por relações que estão à margem da sociedade em que impera o consumo de mercadorias unidas pela dimensão simbólica do mundo capitalista. Um mundo em que vigora estados de obsolescência cada vez mais vertiginosos.

Estas observações indicam que não é apenas a dinâmica do capital hegemônico que confere sentido ao lugar. Relações centradas no comércio de rua e na população em situação de rua redefinem os sentidos dos espaços urbanos. Nesta perspectiva, a rua revela as contradições presentes nos espaços da cidade. Por esta razão, o conceito de centralidade pode ser ampliado para além da dimensão hegemônica das relações capitalistas. Se os agentes hegemônicos são atraídos por serviços e equipamentos públicos e privados, caracterizados pelo pleno funcionamento e boas condições; os habitantes em situação de rua são atraídos pela ausência da repressão e pelo fluxo de pessoas que permitem a realização de pequenos serviços e exercício da mendicância.

#### 2.4 A DESIGUALDADE SÓCIO-ESPACIAL: UMA CARTOGRAFIA DA CIDADE HETEROGENEAMENTE HABITADA.

A partir das ações dos agentes privilegiados, o espaço público é, sistematicamente, alvo de políticas de valorização do solo urbano. No bojo de tais políticas, determinados lugares das cidades são valorizados, enquanto outros são depreciados. Serpa (2017) compreende o espaço público como o espaço da ação política, ou pelo menos de sua possibilidade. Ele o

analisa, também, sob uma perspectiva crítica, no que diz respeito a sua incorporação como mercadoria: servindo a poucos.

Neste contexto, é importante ressaltar que o espaço urbano é marcado pela desigualdade sócio-espacial: há áreas que são bem servidas por equipamentos e serviços públicos e outras marcadas por carências diversas. Esta realidade polarizada pode ser entendida quando consideramos o jogo de interesses do capital que, contando com o apoio do Estado, alimenta processos como o de segregação. Serpa (2017) traz questões relevantes a serem consideradas. Para ele, o espaço público é, sem dúvida, espaço da ação política. Todavia, esta ação se dá de forma seletiva e fragmentada no espaço da cidade, sendo direcionada para espaços valorizados ou de futura valorização. Assim, a ação política é segregadora e, frequentemente, transforma o espaço público em mercadoria valorizada. Poucos são os que podem consumir este espaço.

Quando falamos em consumo do espaço, inserimos na mercadoria produzida valores mercadológicos carregados de sentidos éticos e morais, que envolvem as relações espacialmente estabelecidas. Nesse sentido, o espaço público também é visto “como espaço simbólico, de reprodução de diferentes ideias de cultura, da intersubjetividade que relaciona sujeitos e percepções na produção e reprodução dos espaços banais e cotidianos” (SERPA, 2017, p. 9). É nesta perspectiva que buscamos entender a relação dos habitantes em situação de rua com o espaço, entendendo que essa população é produto de relações historicamente desiguais.

Desta forma, a produção do espaço urbano atende a lógica da reprodução do capital. A real necessidade da população não é levada em consideração: “a produção do espaço urbano é feita a partir da racionalidade capitalista. Essa racionalidade é que define lugares na cidade segundo lugares no processo de produção” (CAVALCANTI, 2001, p.17). Para Santos e Silveira (2001), há territórios que são marcados por uma maior fluidez e outros pela fixidez. A esse respeito, os autores esclarecem que:

O uso do território é marcado, de um lado, por uma maior fluidez, com menos fricções e rugosidades e, de outro, pela fixidez, dada por objetos maciços e grandes e também pelos microobjetos da eletrônica e da informática, cujas localizações devem ser adequadas e precisas, a expansão desse meio-técnico-científico-informacional é seletiva, com o reforço de algumas regiões e o enfraquecimento relativo de outra. (SANTOS E SILVEIRA, 2001, p.102).

Desta forma, existem espaços altamente valorizados e outros desvalorizados. Alguns segmentos sociais sofrem as consequências dessa dinâmica, buscando exatamente áreas deterioradas como possibilidade de sobrevivência. A esse respeito, Maricato (2015, p. 62) esclarece que “Nessas áreas ditas ‘deterioradas’, está à única alternativa de os pobres

vivenciarem o ‘direito à cidade’, pois de um modo geral, eles não são expulsos delas”.

É necessário esclarecer que o “direito à cidade”, de que fala Maricato (2015), está relacionado à criação de políticas urbanas que permitam a democratização do uso e da ocupação do solo, permitindo que os pobres vivenciem a cidade por meio da infraestrutura e da urbanização. Já Harvey (2012), ao analisar o conceito de “direito à cidade” elaborado por Lefebvre, esclarece que o pensador francês trata de um “direito à cidade” que expressa o direito de mudança de nós mesmos e da cidade através do exercício de uma ação coletiva, capaz de moldar o processo de urbanização.

Nestas áreas deterioradas encontramos a possibilidade da experiência criativa, como esclarece Santos (2006). Podemos aproximar o geógrafo, no que se refere a suas considerações relativas às zonas urbanas opacas como espaços do aproximativo e da lentidão, da fala falante de Merleau-Ponty (1999), que representa a fala ou expressão que emerge da experiência e da percepção do indivíduo no espaço e no tempo. Os conceitos elaborados pelos pensadores aqui destacados geralmente se manifestam em áreas tidas como contaminadas, nos espaços da pobreza e da desordem, em contraposição aos espaços higienizados, que são as zonas luminosas (SANTOS, 2006): espaços da exatidão, racionalizados e racionalizadores expressos pela fala falada (MERLEAU-PONTY, 1999), caracterizada pela ausência de autenticidade, espontaneidade e criatividade.

Partindo destas considerações, analisamos o processo de produção e percepção do Setor Central e do bairro Jundiaí, em Anápolis (GO). Estes espaços são marcados por expressivas polaridades politicamente produzidas, marcadas pela presença dos habitantes das ruas em processo de refuncionalização; bem como pela ação persistente dos agentes responsáveis pela valorização diferencial do espaço urbano.

O setor central é o marco inicial da cidade. Nele surgiram as primeiras casas e instituições, por volta de 1870. Notadamente, o setor Central foi transformado de acordo com as necessidades de cada período. Quanto ao Bairro Jundiaí<sup>15</sup>, deve ser destacada sua origem na década de 1940, por meio de ações engendradas pela Sociedade Imobiliária de Anápolis Ltda., inspiradas<sup>16</sup> nos modelos das Cidades Jardins<sup>17</sup>. Na atualidade, o bairro possui os lugares mais

<sup>15</sup> O bairro Jundiaí foi planejado pelo engenheiro vindo do Rio de Janeiro João Alves Toledo.

<sup>16</sup> Pelo menos em nível de discurso.

<sup>17</sup> Segundo Caldeira (2000) O modelo da cidade-jardim foi usado pela primeira vez por Ebenezer Howard No livro *To -Morrow: A Peaceful Path to Social Reform*. “Considerando os problemas das grandes cidades industriais insolúveis, ele propôs substituí-las por cidades pequenas. Seus moradores, especialmente os pobres, viveriam perto da natureza e baseariam suas relações na mutualidade e na propriedade coletiva da terra. Howard imaginou as cidades-jardins como auto-suficientes e, portanto, diferentes dos subúrbios tradicionais, para onde os trabalhadores só voltam para dormir.” (CALDEIRA, 2000, p. 308) Ainda de acordo com Cardoso (2017, p. 44). “É importante salientar que o conceito de cidades-jardins, coloca as funções sociais e econômicas ao mesmo nível

valorizados da cidade, produzidos pela parceria estabelecida entre agentes públicos e privados: estes lugares são produzidos para os cidadãos que assumem uma postura positiva e uma vida devotada ao trabalho disciplinado, nos moldes apregoados pelo discurso hegemônico (MELLO, 2016).

Neste movimento, áreas do centro tradicional foram entregues as ações marcadas pela “espontaneidade” dos indolentes; enquanto o bairro Jundiaí passou a ser apresentado como lugar idealizado para relações idealizadas. Mas em que conjuntura estes dois bairros foram constituídos? Como ambos polarizam um processo de produção de desigualdades sócio-espaciais? Quais são as experiências que se apresentam nos distintos espaços do Setor Central e do bairro Jundiaí? Para responder a estas questões, optamos pela elaboração de uma cartografia que represente a subjetividade das experiências e das percepções de um segmento populacional extremamente segregado: os habitantes das ruas.

Ao acompanhar a relação travada entre agentes sociais excluídos e as ruas, verificamos uma forte presença deste segmento na área central da cidade, principalmente nos espaços deteriorados ou em processo de deterioração. Neste ponto, é importante destacar que o entendimento de espaço assumido pela pesquisa foi o elaborado por Santos:

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para os quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais. (SANTOS, 1997, p.71)

Sendo o espaço uma manifestação das ações de homens, é possível considera-lo como produto de ações ou da falta delas (SANTOS, 1997). É em contextos de ações e omissões que o espaço passa a ser marcado por semelhanças e diferenças, tanto materiais quanto imateriais. De maneira sistemática, a realidade espacialmente manifestada é negada por discursos que promovem uma seleção previa do que é percebido pelos sujeitos urbanos. Por exemplo, o bairro Jundiaí, em sua dimensão simbólica, é percebido pela sociedade anapolina como um espaço homogêneo. Ao conversar com as pessoas temos a impressão de que vigora neste território urbano um lugar em que a virtude apregoadada pelos agentes hegemônicos se manifesta absoluta. É como se o bairro não fosse marcado por diferenças expressivas: inclusive com a presença dos indolentes ameaçadores e suas produções contaminadas.

Dando sequência a análise da realidade anapolina, por meio do conceito de espaço,

---

das estéticas, por considerar como relevante que a população possa beneficiar dos espaços verdes no seu cotidiano. Contudo, a vegetação influenciou, de Facto, a melhoria do ambiente urbano, desempenhando uma função ecológica e estética que embelezou a praça e conseqüentemente a cidade.”

podemos ampliar a dimensão de nossa reflexão para que as dinâmicas sejam percebidas de uma forma mais ampla. Nesta perspectiva, recorreremos a Merleau-Ponty (1989). Para o filósofo, a existência do espaço está ligada a presença. Tudo que acontece no espaço está relacionado à presença de alguém: as ações e os objetos à sua volta. Os pensamentos, percepções e experiências são produzidos em um espaço, simultaneamente, concreto, abstrato e subjetivo. Sendo assim, é preciso deixar que o espaço e suas relações falem, “Já não se trata de falar do espaço e da luz, e sim de fazer falarem o espaço e a luz que aí estão” (MERLEAU-PONTY, 1989, p.62).

Para Santos, “Num mesmo pedaço de território, convivem subsistemas técnicos diferentemente datados, isto é, elementos técnicos de épocas diversas” (SANTOS, 2006, p. 25). Esta perspectiva nos leva a pensar nos elementos que distinguem as diferentes temporalidades de um dado território e, também, a noção de rugosidades<sup>18</sup>, que nos leva a entender duas questões importantes: a primeira se refere às barreiras impostas ao avanço do capital hegemônico, por meio de antigos sistemas técnicos, que ainda permanecem no território; e a segunda é a noção de destruição criativa, trazida por Harvey (1996). Para ele, “Se o modernista tem de destruir para criar, a única maneira de representar verdades eternas é um processo de destruição passível de, no final, destruir ele mesmo essa verdade. ” (HARVEY, 1996, p.26). “Os espaços assim requalificados atendem sobretudo aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e são incorporados plenamente às novas correntes mundiais. ” (SANTOS, 2006, p.160). Tais discussões são importantes ao se considerar a dinâmica atual do bairro Jundiaí que tem o seu espaço marcado por constantes transformações.

Assim, enquanto o bairro Jundiaí é envolvido por discursos que objetivam edificar uma homogeneidade inexistente na dimensão do mundo real, o setor Central passou e passa por processos de refuncionalização. Ao longo do tempo, casas tradicionais deram origem a inúmeros estabelecimentos comerciais qualificados como populares. O que significa que as relações travadas neste ambiente revelam uma maior proximidade entre os discursos que as narram e a realidade. A linguagem utilizada para alterar o que de fato ocorre não busca qualificar o setor Central, mas desqualifica-lo. Muitas vezes, espaços específicos são percebidos como mais perigosos do que na verdade são; em uma perspectiva contrária aos lugares percebidos como mais homogeneizados do que são. Na produção da distância entre a realidade e os discursos produtores de percepções equivocadas, temos as demandas decorrentes da conversão do solo urbano em mercadoria. E, como é sabido, para que a mercadoria

---

<sup>18</sup> “Formas remanescentes dos períodos anteriores” (SANTOS, 1988, p. 55).

possibilite o lucro máximo ela deve ser embrulhada em fetiches.

A Ilustração 15 representa uma realidade marcada pela presença de idosos que permanecem, durante todo o dia, na Praça Americano do Brasil. Eles conversam e comercializam. O espaço é marcado pela inexistência de elementos que indiquem um investimento representativo de agentes públicos ou privados. Contudo, não é possível perceber elementos que desqualifiquem esta importante praça.

Ilustração 15 – Senhores Na Praça Americano do Brasil - 2019



Fonte: SIQUEIRA, T, 2019.

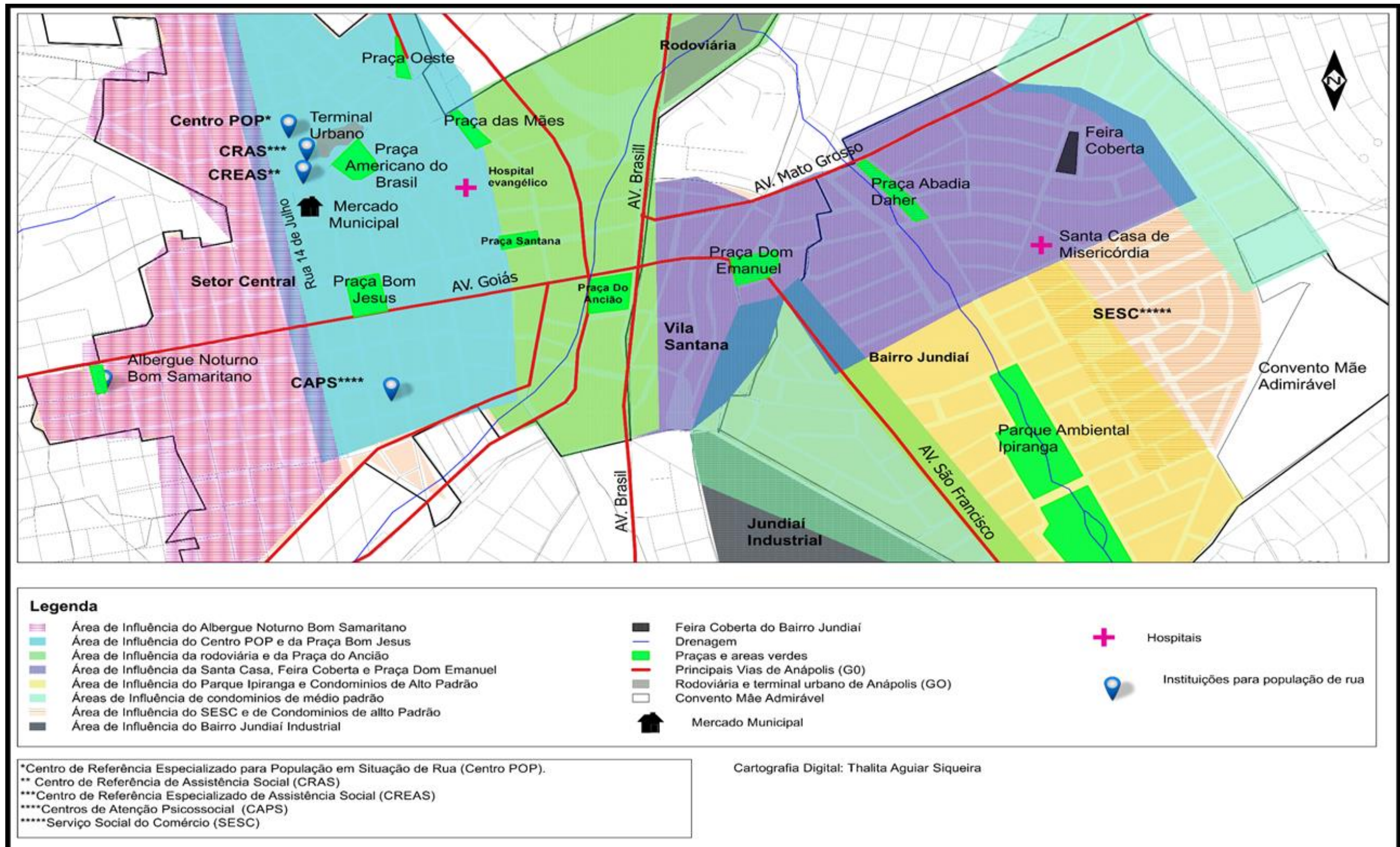
O bairro Jundiaí, desde seu planejamento, foi apresentado como um grande investimento, tanto no que diz respeito à valorização do lote comprado e do imóvel construído, quanto no que se refere a um bom lugar para morar. Ao longo do tempo, o bairro cresceu e atraiu investimentos. O rápido e recente processo de verticalização instalado no bairro está associado à construção do Parque Ipiranga. A linguagem utilizada para qualificar o bairro busca produzir uma “sociedade burocrática do consumo dirigido” (LEFEVBRE, 1991). O que se almeja é a criação de uma sociedade que somente considere o que o discurso hegemônico coloque em relevo e associe a uma vida marcada pelo sucesso. Assim, as heterogeneidades visivelmente presentes no bairro não são percebidas: muito menos experimentadas. Prepondera a aceitação do discurso hegemônico, que confere ao bairro a condição de lugar privilegiado, com podemos perceber na fala que segue: “É um lugar que você pode passear com sua namorada, com a família, fazer caminhada, exercícios, levar as crianças para brincar, é um Lugar adequado.” (Informação Verbal)<sup>19</sup>

<sup>19</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulano de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

Para situar os habitantes das ruas de Anápolis (GO) neste contexto, partimos para um processo em que a cartografia se tornou importante na compreensão das dinâmicas do Setor Central e do bairro Jundiá. Assumimos, como pressuposto, que no espaço urbano existem vetores que influenciam as experiências de seus habitantes. Vetores são aqui entendidos como elementos condutores e facilitadores de fluxos e de deslocamento dentro do espaço urbano. Tais vetores também vão conter elementos que facilitam a permanência em determinados momentos.

Neste sentido, os vetores criam áreas de influência que se sobrepõem umas às outras, formando o todo complexo de relações e experiências heterogêneas e desiguais no espaço urbano. A Ilustração 16 representa espaços polarizados pela existência de vetores que afetam as experiências no espaço urbano. Nesse sentido, consideramos a experiência dos habitantes das ruas e sua relação fragilizada como o espaço da cidade.

Ilustração 16 – Croqui Áreas de Influência Setor Central e Bairro Jundiáí



Fonte: SIQUEIRA, T.A, 2019.

Foram identificadas, através de trabalhos de campo, oito áreas de influência no Setor Central e no Bairro Jundiáí. Estas áreas atraem e repelem pessoas a partir da existência de serviços e equipamentos – em bom funcionamento ou não. As ruas e avenidas que permitem ou restringem o acesso a estas áreas podem ser consideradas vetores: pois, muitas vezes, fazem a ligação entre as áreas polarizadas. Ao considerar o que atrai os habitantes da rua na cidade de Anápolis (GO) destacamos:

**Área de influência do Albergue Noturno Bom Samaritano:** é uma área residencial, com pequenos comércios. Como o Albergue Noturno Bom Samaritano funciona no período da noite, os atendimentos começam por volta das 18h, entendemos que vetores que permitem o acesso aos serviços oferecidos pela instituição evidenciam a presença de habitantes da rua no final da tarde e início da manhã, após o lanche oferecido. Nestes momentos, em frente ao albergue, é expressiva a presença deste seguimento social.

**Área de influência do Centro POP e da Praça Bom Jesus:** é uma área marcada pelo comércio diversificado e por equipamentos públicos. Nela estão localizados Centro PoP, o CRAS, o CREAS, o CAPS, e, também, a Praça Bom Jesus, a Praça Americano do Brasil, o Terminal Urbano. Esta área apresenta um fluxo intenso de habitantes das ruas no período da manhã, pois muitos vão ao Centro de Referência Especializado Para a população em situação de Rua (Centro PoP) tomar o café da manhã, tomar banho e lavar roupas. Os habitantes da rua ficam circulando entre o Cento PoP, a Praça Americano do Brasil e o Mercado Municipal, onde muitos trabalham como flanelinha.

**Área de influência da Rodoviária e da Praça do Ancião:** Esta área compreende a rodoviária, as margens do córrego das Antas, a Avenida Brasil, a câmara municipal, a praça do Ancião. Nela está localizado o Brasil Parque Shopping. O referido estabelecimento não permite a entrada de pessoas em situação de rua, que permanecem no entorno do Shopping, transitando enquanto consomem bebidas alcoólicas e usam drogas.

**Área de influência da Santa Casa, Feira Coberta e Praça Dom Emanuel;** ela é polarizada pela Santa Casa de Misericórdia e pelo Feirão coberto. Essa região é frequentemente habitada por pessoas em situação de rua que pendem comida e doações de roupas. Nela, existe a possibilidade de permanência por algumas horas. Durante o período de permanência, atividades direcionada a arrecadação de dinheiro são desenvolvidas: olham carros; além de descansar nas praças próximas, como a praça Dom Emanuel e a Praça Abadia Daher.

**Área de influência do Parque Ipiranga e Condomínios de Alto Padrão:** trata-se de uma área muito dinâmica nos diferentes períodos do dia. Seu elemento polarizador é o

Parque Ipiranga, cujo entorno é (ou vem sendo) marcado por empreendimentos de alto padrão. O Parque foi construído em uma área “abandonada” no bairro Jundiá. Após a construção do Parque, a área passou por um processo de valorização, abrindo espaços para condomínios de alto padrão. A população de baixa renda não tem o hábito de frequentar o Parque, devido, entre outros fatores, à distância dos bairros periféricos e precariedade do transporte público.

**Área de influência de condomínios de médio Padrão:** Área marcada pela existência de prédios de médio padrão construtivo. Ela é polarizada pela Organização de Saúde do Estado de Goiás - OSEGO e também é marcada pela presença da população em situação de rua. Eles pendem doações batendo na porta das residências.

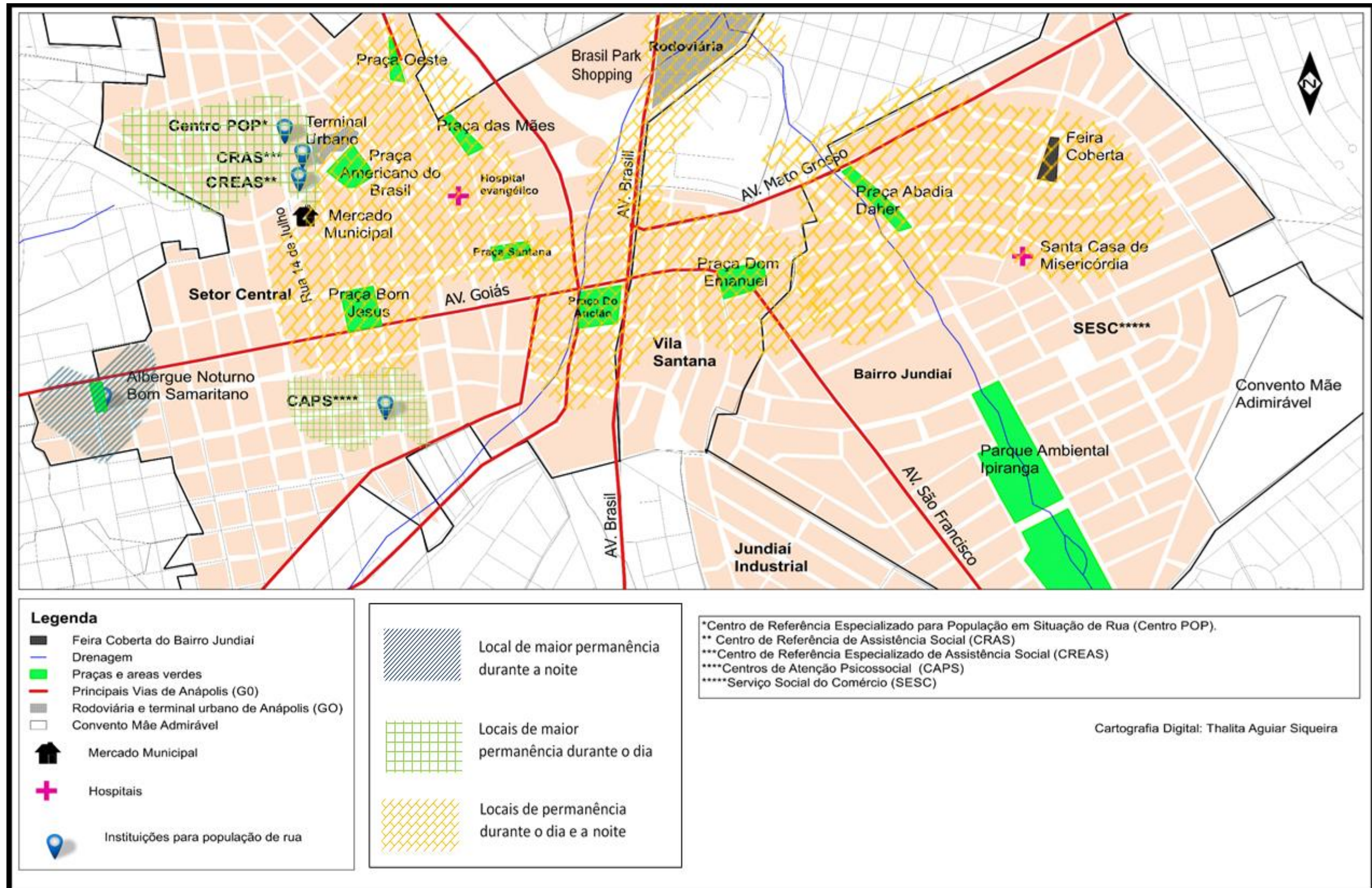
**Área de influência do SESC e de condomínios de Alto Padrão:** É uma área marcada por uma intensa dinâmica. Durante o dia funcionam diversas lojas e à noite predominam bares frequentados pela população de alta renda. Esta área é polarizada pelo Sesc, que tem funcionamento diurno e noturno. Ela é caracterizada, também, por empreendimentos de alto padrão construtivo e pela verticalização: os moradores de rua são vistos poucas vezes nessa área.

**Área de influência do Bairro Jundiá Industrial:** conhecida como Jundiá Industrial, essa área é um misto de residências de baixo a médio padrão construtivo, pequenos comércios e indústrias. Durante o dia, essa região tem um constante movimento de veículos e pessoas; à noite, é uma região calma e silenciosa.

De forma geral, o bairro Jundiá é percebido pela população como um espaço homogêneo. Mas, na realidade, ele se apresenta como um espaço marcado por expressiva heterogeneidade. Esta constatação foi possível a partir da organização de trabalhos de campo realizados no bairro em dias e horários diferentes. Este procedimento ampliou significativamente a análise das desigualdades sócio-espaciais aqui descritas. O conjunto das atividades realizadas, resultaram, então, em produtos cartográficos, cuja finalidade é expressar graficamente a presença de áreas que se diferenciam sócio-espacialmente, classificadas, aqui, segundo seus elementos polarizadores.

Considerando as áreas de influência apresentadas acima, foram também mapeadas as áreas de permanência e os motivos da permanência nestes espaços pela população em situação de rua, considerando os diferentes períodos do dia e a oferta de serviços a esse segmento populacional, Ilustração 17:

Ilustração 17 – Locais de permanência Setor Central e Bairro Jundiá



Perguntamos a população em situação de rua de Anápolis (GO), em quais dos lugares representados no mapa você vai mais vezes? A partir das respostas, representamos as informações obtidas. Como local de maior permanência durante a noite temos o Albergue Noturno Bom Samaritano. A grade representa os lugares que permanecem durante o dia, como o Centro PoP e o CAPS, equipamentos públicos funcionam apenas durante o dia para acolher a população em situação de rua. Estes equipamentos aparecem com grande importância na vida destas pessoas, como demonstra a fala que segue: “Vou muito no Centro POP, porque acolhe as pessoas, são muito pacientes, muito carinhosos, e da assistência com todo prazer, demonstra amor e carinho pelas pessoas, isso é muito importante para nós moradores de rua. E também a praça dom Emanuel, Avenida Mato Grosso, restaurantes, Praça Bom Jesus e no CAPS. ” (Informação Verbal)<sup>20</sup>

Os lugares que a população em situação de rua permanece tanto durante o dia quanto a noite, são as praças, parques e lugares mais deteriorados da cidade, como a rodoviária e a feira coberta. A fala de uma moradora de rua demonstra a sua relação com o espaço da rodoviária. Ela informou que mora na região da rodoviária e explicou os motivos; “É um local que eu me adaptei, como tem dois anos que eu fico lá, então é um lugar que eu conheço todo mundo, é um lugar que tem onde eu olhar meus carros, é um lugar que eu tenho confiança. Se eu for em qualquer outro lugar, eu não conheço ninguém, aqui não, eu conheço todo mundo. ” (Informação Verbal)<sup>21</sup>

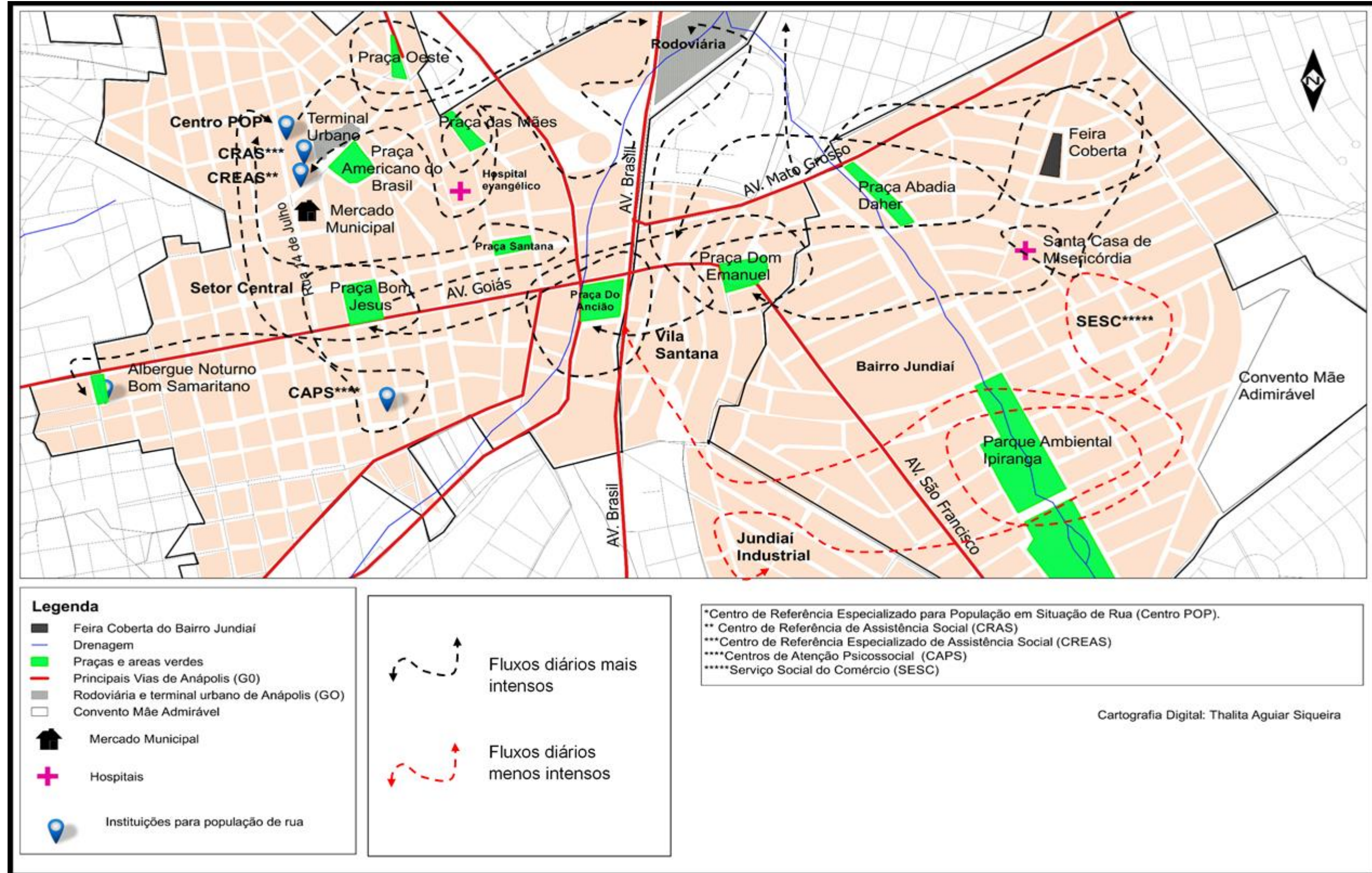
Posteriormente, verificamos a importância de se mapear os fluxos dos habitantes das ruas, pois estas pessoas vivem em constante movimento no espaço urbano e seus fluxos se diferenciam dos demais habitantes das casas, que tem seus empregos formais ou algum tipo de atividade diária. A Ilustração 18 representa os fluxos dos habitantes das ruas no setor central e no Bairro Jundiá.

---

<sup>20</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulana de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

<sup>21</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulana de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

Ilustração 18 - Fluxos dos Habitantes das Ruas no Setor Central e no Bairro Jundiáí



É possível perceber que os fluxos diários mais intensos empreendidos pelos habitantes das ruas em Anápolis se concentram no setor central e apenas em uma parte do bairro Jundiaí. No Setor Central esses fluxos são orientados principalmente pelos serviços públicos prestados a este segmento populacional, no Centro PoP, no CRAS, no CREAS e no CAPS; mas estes fluxos também são orientados pela presença do Albergue Noturno Bom Samaritano e das praças e lugares como o mercado municipal e a rodoviária, que oferecem a possibilidade de se ganhar dinheiro e de permanecer por mais tempo. É o que demonstra a fala de um morador de rua sobre o que o atrai no mercado municipal: “ É o movimento de olhar os carros né (Flanelinha) e as vezes pega uma descarga para fazer também, dos atacadistas. ” (Informação Verbal)<sup>22</sup>

No bairro Jundiaí, os fluxos mais intensos são orientados pela feira coberta, onde os moradores de rua relataram ir para dormir e conseguir doações em dias de feira. Esses fluxos também são orientados pela Santa Casa e pelos restaurantes, devido a doações recebidas frequentemente. Há também os fluxos orientados pela Praça Dom Emanuel, devido ao exercício de atividades de vigilância de carros, no estacionamento do Supermercado Rio Vermelho.

Os fluxos menos intensos são percebidos principalmente no bairro Jundiaí, sendo orientados pelo Parque Ipiranga, pelo SESC e também pelo Bairro Jundiaí Industrial. A atração exercida pelo Parque Ipiranga se deve ao discurso hegemônico, que vinculou este espaço a valores estéticos e morais que atendem a uma lógica higienizada e racionalizada. Nesta medida, os habitantes de rua são, simultaneamente, atraídos e repelidos da área de influência do Parque.

A realidade manifestada por este segmento social solicita uma aproximação pautada em elementos que identifiquem características desta população. É importante saber se são naturais de Anápolis ou são migrantes; bem como conhecer aspectos familiares e sociais diversos. No próximo capítulo detalhamos questões que auxiliam no processo de compreensão das formas de percepção e das experiências dos habitantes das ruas de Anápolis.

---

<sup>22</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulano de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

## CAPITULO – 3

### 3 A REESTRUTURAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS EM ANÁPOLIS (GO)

#### 3.1 DOS DISCURSOS HEGEMÔNICOS A PRODUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS MARGINAIS NO ESPAÇO URBANO DE ANÁPOLIS (GO)

Iniciaremos o Terceiro Capítulo apresentando um exercício realizado no curso da investigação. O exercício se constituiu na aproximação da realidade por meio da literatura. Como destacamos ao longo do texto, os habitantes em situação de rua vivem na cidade sem a mediação de uma casa. Assim, eles percebem o mundo e o espaço a sua volta de forma particular. Para percorrer um caminho que possibilite uma aproximação com a percepção e as experiências do habitante em situação de rua, recorreremos a uma obra literária escrita pelo português Valter Hugo Mãe (2016). Trata-se de um livro intitulado “Homens imprudentemente poéticos”. Como fato que justifica a escolha do livro, destacamos que tanto os personagens criados por Mãe, quanto os habitantes da rua, trilham caminhos caracterizados por desvios quando consideramos as convenções sociais.

O que de mais interessante encontramos no livro, “Homens imprudentemente poéticos”, está situado na parte final da obra: o processo de libertação do protagonista ocorre quando este assume, conscientemente, a condição de mendigo cego e se aproxima do personagem que a princípio era percebido como seu opositor.

Itaro era artesão e morava com sua irmã Matsu e a criada, senhora Kame. Como marca peculiar, Itaro tinha o dom de ver o futuro. Contudo, as visões demandavam o sacrifício de um ser vivo. Um dia, ao matar um besouro lhe foi revelado que ficaria cego. A cegueira fazia parte de sua vida, pois sua irmã nasceu destituída da capacidade de ver. Seus pais pensaram em sacrificar a menina para que ela não sofresse, mas Itaro interviu a favor da irmã. Com a morte dos pais, ele assumiu os cuidados da pequena Matsu.

Ocorre que sua arte passou a não se manifestar com a beleza costumeira. Por esta razão, ele não conseguia vender seus leques artesanais aos peregrinos do monte Fuji, que caminhavam enquanto resolviam se cometeriam suicídio. Itaro estava profundamente angustiado por ter entregado sua irmã a um comerciante. Ele a deixou sobre a pedra de um rio para que o homem a encontrasse e a levasse. Por sua vez, sua irmã havia ficado grata pela

oportunidade conferida pelo irmão, que a conduziu até uma pessoa generosa com o intuito de experimentar a viva, vivendo-a.

Consumido pela angustia, consulta a criada Kame, que o orienta a buscar orientações com o monge. Aceitando o conselho, nosso amigo vai ao encontro do monge, que sugere que ele permaneça sete sóis e sete luas em um fosso profundo. Acatando a sugestão do monge, Itaro mergulha na escuridão do fosso e lá permanece pelo tempo estabelecido. A experiência com a ausência de luz faz com que ele descubra que a cegueira de quem tem os olhos fechados não impede a relação com o mundo. Na verdade, ele descobre que sua irmã percebe o mundo de uma forma que os que veem nunca perceberão.

O estado de espírito promovido pela descoberta da visão além dos olhos fez com que ele produzisse o mais perfeito leque feito por suas mãos. Assim, ele já se encontrava em condições de seguir seu caminho rumo à cegueira e fura seus olhos. Depois de tornar sua previsão realidade por meio da cegueira, nosso amigo vai para a cidade exercer a mendicância ao lado de quem ele considerava inimigo. Os dois personagens passam a conversar como “homens imprudentemente poéticos”.

A bela e expressiva história escrita por Mãe convida a reflexões: não estariam os habitantes em situação de rua dialogando com o mundo a partir de dimensões não consideradas pela sociedade burocrática do consumo dirigido? Como é viver com os olhos distantes dos signos forjados por uma economia política delineada a partir do exercício de perversidades sistêmicas globalizadas?

Como destacamos, uma das personagens centrais da obra é caracterizada pela cegueira. Mãe afirma que “a cegueira era uma lentidão na vida das pessoas” (MÃE, 2016, p.41). Em analogia, um dos intelectuais que fundamentaram esta pesquisa qualificou os pobres da cidade como lentos (SANTOS, 2006). Segundo ele, os lentos são capazes escapar das vertigens que confundem os olhos dos que são marcados pela rapidez em sua relação com a cidade.

Tanto Mãe (2016), quanto Santos (2006), entendem que a lentidão faz com que as pessoas enxerguem melhor! Mas será “ver é o suficiente”? (MÃE, 2016, p.41). Esta indagação nos aproxima de Merleau-Ponty, que busca restituir o mundo da percepção através da experiência. Nesta perspectiva, entendemos ser a experiência dos habitantes das ruas a ponte para uma compreensão do condicionamento que as ruas estabelecem em suas vidas e, em uma devolutiva dialética, da forma como eles condicionam a experiência de outros com as ruas, com o espaço público.

### 3.1.1 O Que Os Habitantes Das Ruas Veem?

Ao perceber os mesmos cenários com outros olhos, certamente redefinimos a forma como representamos o que vemos. No livro em questão, o personagem principal enfrenta profundos dilemas centrados na capacidade e na incapacidade de ver por meio dos olhos.

Depois de um percurso marcado por densos conflitos, em que se fazem presentes outros personagens, Itaro é conduzido a experimentar o mundo de uma forma que até aquele momento não havia experimentado. A partir do caminho trilhado por Itaro, buscamos olhar o mundo de outra forma. Na realidade, procuramos formas de ver as ruas e os espaços públicos a partir de outros olhares.

Assim procedendo, demos voz aos habitantes da rua. Realizamos entrevistas e deixamos que eles apresentassem o que é de fato importante em Anápolis. Escutando-os, percebemos que os espaços públicos da cidade de Anápolis são espaços do medo. Um medo produzido por matérias-primas que indicam a existência de lugares e seres qualificados como contaminados, que impõem a necessidade da edificação de espaços teoricamente higienizados, sob a forma de produtos imobiliários seletivamente consumidos, pelos que possuem a renda exigida.

A partir de um diálogo mediado por entrevistas, ficou evidente a existência de fortes vínculos deste segmento social com a cidade. Quando questionados sobre quais lugares presentes em um mapa, da área central e do bairro Jundiaí, eram mais importantes, nos deparamos com respostas que indicaram lugares de acolhimento, como o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua - Centro POP, o Centro de Atenção Psicossocial – CAPS, perto do mercado Municipal. Eles destacaram, também, lugares em que vigoram a possibilidade do exercício de atividades econômicas e de convívio social. No caso das mulheres, um dos lugares mais importantes foi a Santa Casa de Misericórdia, pois foi o lugar que as acolheram quando tiveram seus filhos, o que demonstra o forte vínculo afetivo.

Outro lugar importante foi o Parque Ipiranga. No entanto, a fala dos moradores de rua reproduzem o discurso hegemônico criado em torno do parque Ipiranga, que o qualifica como cartão postal da cidade. Isto remete a uma questão: eles podem até frequentar o Parque Ipiranga, mas em horários de menor movimento. Caso contrário, sentirão o peso da estrutura repressora do Estado e dos agentes situados de maneira privilegiada na sociedade burocrática do consumo dirigido. Nas palavras de um entrevistado: “O Parque Ipiranga é o lugar da pessoa

fazer lazer né, se divertir, procurar sossego, mas tem vez que não acha não, acha é confusão. ” (Informação verbal)<sup>23</sup>

Também perguntamos qual praça da área central da cidade chama mais a atenção. Dentre as respostas, a mais frequente foi a Praça Bom Jesus. Outro morador de rua explica os motivos: “Não é que ela me chama a atenção, é que tem que ficar lá, por que eu não vou ficar andando na rua e nem em um outro lugar, tem que procurar um lugar para sentar e descansar, tem que ser a praça Bom Jesus, é o melhor lugar para descansar.”(Informação Verbal)<sup>24</sup>. Esta é a percepção de grande parte dos moradores de rua que frequentam diariamente a Praça Bom Jesus.

É importante ressaltar que os lugares despertam sentimentos nas pessoas que os frequentam. Em alguns lugares, os habitantes das ruas se sentem tranquilos e seguros, como na Praça Bom Jesus. Nas palavras de um deles: lá “Eu me sinto um cidadão normal, ser humano normal como todos que frequentam a praça. ” (Informação Verbal)<sup>25</sup>. Outro entrevistado disse “Me sinto, assim Tranquilo, é um lugar que, traz paz sossego, um lugar que eu me sinto à vontade. ”(Informação Verbal)<sup>26</sup>

Por outro lado, a população em situação de rua é constantemente atormentada por sentimentos como a ansiedade e o medo do inesperado. É o que os habitantes de rua falam sobre a rodoviária e a Praça do Ancião. É nítido que apesar de frequentarem estes lugares não se sentem seguros quando neles estão. Um relato representa este sentimento em relação a estes espaços: “Me sinto muito ruim, muito incomodado, muita gente querendo fazer mal a gente, muita droga, não dá certo não. ”(Informação Verbal)<sup>27</sup>. Outro entrevistado afirmou: “Ah lá não tem segurança né, fala a verdade, por que lá é, uma maloquinha de um lado, maloquinha do outro, mas eu gosto de lá por que acho bonita a praça. ” (Informação Verbal)<sup>28</sup>

E sobre sua relação com as pessoas que frequentam a rodoviária, um relato é emblemático: “As pessoas ficam bebendo, fumando droga, muito difícil, porque o guarda não deixa, se a gente chega lá, eles tiram a gente de perto, eles falam assim, aqui é lugar de embarcar

---

<sup>23</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulano de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

<sup>24</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulano de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

<sup>25</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulano de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

<sup>26</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulano de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

<sup>27</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulano de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

<sup>28</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulano de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

não é lugar de gente está bebendo não”.(Informação Verbal)<sup>29</sup> sobre o medo, uma moradora de rua fala que;

“Não é ter medo, em alguns lugares não conheço como funciona né, aí eu passo de passagem, pego o ônibus vou para Pirenópolis no final de semana. Mas também é o medo né, por que você sabe hoje em dia a gente que vive em situação de rua, tem dia que a gente fecha os olhos, a gente está morta, só sabe que está viva quando você abre os olhos e fala assim to viva é o que dá força para você caminhar”(Informação Verbal)<sup>30</sup>

Além da tranquilidade, outros lugares também são atrativos, para a população em situação de rua, por oferecerem a possibilidade de ganhar dinheiro, comer e tomar banho. Nesta direção, apresentamos um relato sobre a atração promovida pela Avenida Miguel João, próximo ao Hospital Municipal: “Ganhar um dinheirinho ali, porque eu to juntando um dinheiro para voltar para minha cidade, que eu sou de Recife. Eu fico mais ali, almoço ali, no Centro POP eu vou tomar banho e almoçar também, participo das terapias de vez em quando. ”(Informação Verbal)<sup>31</sup>.

### 3.1.2 – Os habitantes da rua e a cidade: quem são e o que sentem?

Como destacado ao longo do texto, a presente pesquisa relacionou o processo segregador com a experiência corporificada dos habitantes das ruas da cidade de Anápolis. Partimos de considerações que situam a segregação como um processo histórico, em permanente transformação. No percurso que apresenta a investigação realizada, destacamos que o processo segregador não é percebido como produto de mecanismos perversos. Isto porque os movimentos de consolidação do modo capitalista de produção edificaram uma “sociedade burocrática do consumo dirigido” (LEVEBVRE, 1991). Como destacado anteriormente, vigora a força de uma “economia política amparada em signos” (HARVEY, 2004), produtoras de “fábulas” (SANTOS, 2000), que comprometem a percepção da realidade a partir de uma redução das possibilidades de percepção por meio da experiência.

A partir do contexto apresentado no parágrafo anterior, a cidade e o urbano foram redefinidos. A cidade foi convertida em espaço privilegiado para a consolidação de um modo de vida no qual impera o desejo pelo consumo de signos. Neste contexto, interessou-nos

---

<sup>29</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulano de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

<sup>30</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulano de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

<sup>31</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulano de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

compreender a produção do espaço urbano, com o objetivo apreender as experiências dos que converteram o espaço público em casa, considerando as realidades produzidas em espaços negligenciados na/pela cidade contemporânea, em contraposição com espaços estrategicamente valorizados.

No presente tópico, destacamos elementos que revelam as especificidades dos espaços habitados pelas pessoas em situação de rua. Majoritariamente, são lugares da experiência criativa (MERLEAU-PONTY, 1999) que fogem dos padrões estabelecidos pelos agentes hegemônicos. Para apreender experiências, recorreremos a entrevistas<sup>32</sup> com este segmento populacional. Buscamos elaborar um instrumento no qual exista a possibilidade destes sujeitos revelarem suas percepções e experiências no espaço da cidade de Anápolis (GO).

Inicialmente, buscamos contato com instituições que atendem este segmento populacional na cidade de Anápolis (GO): a Missão Vida, o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua - Centro POP, o Centro de Referência Especializado de Assistência Social - CREAS<sup>33</sup>, o Consultório na Rua e o Albergue noturno Bom Samaritano, este último foi o único que manifestou o interesse em colaborar com a pesquisa.

A Missão Vida é uma entidade filantrópica, de filiação evangélica, que trabalha na recuperação de pessoas em situação de rua. Esta instituição<sup>34</sup> foi fundada em 1983, por Wildo Gomes dos Anjos.

De acordo com informações da prefeitura Municipal de Anápolis (GO), o Centro POP foi criado para oferecer atendimento especializado à população em situação de rua. Ele deve ser a porta de entrada para adultos em situação de rua na rede de Proteção Social Especial. Sua principal finalidade é a acolhida imediata deste público, com vistas ao posterior encaminhamento aos programas assistenciais. A unidade do Centro Pop, em Anápolis, recebe diariamente cerca de 30 pessoas, que dispõem de atendimento psicossocial, alimentação, higienização pessoal e espaço de lavanderia no período diurno.

---

<sup>32</sup> Para a realização das entrevistas e questionários a presente pesquisa foi submetida apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Estadual de Goiás – UEG, O parecer favorável do CEP se encontra no Anexo A.

<sup>33</sup> De acordo com a Resolução CNAS n° 109, de 11 de novembro de 2009 – Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais o centro de referência Especializado para a População em Situação de Rua – Centro POP e o Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS, se enquadram no serviço de proteção social especial de Média complexidade.

<sup>34</sup> Atualmente a Missão Vida possui seis centros de triagem: Anápolis (GO), Sobradinho (DF), Uberlândia (MG), Xerém (RJ), Governador Valadares (MG) e Londrina (PR); um centro de Recuperação em Cocalzinho (GO); um centro de Reintegração em Anápolis (GO); Um Centro de recuperação em Rolândia (PR) e dois centros de triagem e Recuperação: Camaçari (BA) e Manaus (AM). Triagem, Recuperação e Reintegração são as três fases que os internos passam visando uma recuperação integral da pessoa em situação de rua. O primeiro contato com os mendigos é feito através do ministério “Sopa, Sabão e Salvação – SSS ” que distribui sopa durante a madrugada a essas pessoas.

O Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS, da Prefeitura de Anápolis, é destinado ao atendimento de indivíduos que sofreram violação de seus direitos: crianças e adolescentes vítimas de abuso e exploração sexual, idosos, deficientes vítimas de maus-tratos físicos, psicológicos ou ainda em situação de negligência ou abandono; bem como de indivíduos em situação de rua.

O Consultório na Rua<sup>35</sup> faz parte do Plano Emergencial de Ampliação ao Acesso ao Tratamento e Prevenção em Álcool e outras Drogas, do Sistema Único de Saúde - SUS. O programa atende pessoas que vivem nas ruas em condições de riscos, a partir de uma parceria firmada com os Centros de Atenção Psicossocial – CAPS. Quanto aos profissionais do Consultório de Rua, verificamos que são responsáveis por realizar o mapeamento dos principais pontos de uso de drogas em espaços públicos, com vistas ao direcionamento de serviços ofertados pela rede de saúde do município.

O Albergue Noturno Bom Samaritano, criado em 1968 pela Associação Beneficente Bom Samaritano – ABBS, atende pessoas que estão de passagem ou residem em Anápolis e não possuem condições de arcar com os custos de uma moradia, permanente ou transitória. Os usuários do Albergue podem permanecer na instituição por até 5 dias, recebendo jantar e café da manhã. Atualmente, a maioria dos acolhidos pelo albergue são pessoas em situação de rua. No caso deste segmento específico, existe a possibilidade de permanência por apenas três dias, devido à alta procura.

As entrevistas<sup>36</sup> e questionários<sup>37</sup> aplicados, no curso da investigação, foram realizadas com o apoio da Associação beneficente Bom Samaritano - ABBS,. O albergue (Ilustração 19) está localizado no Setor Central, sendo o único centro de acolhimento noturno da cidade que oferece lugar para dormir, banho e espaço para lavar roupas. Os acolhidos ainda podem jantar e tomar café da manhã.

---

<sup>35</sup> O Consultório nas ruas está vinculado a Secretaria Municipal de saúde que tem como ponto de apoio os centros de Atenção Psicossocial – CAPS. “Os CAPS são instituições destinadas a acolher os pacientes com transtornos mentais, estimular sua integração social e familiar, apoiá-los em suas iniciativas de busca da autonomia, oferecer-lhes atendimento médico e psicológico. Sua característica principal é buscar integrá-los a um ambiente social e cultural concreto, designado como seu “território”, o espaço da cidade onde se desenvolve a vida cotidiana de usuários e familiares. Os CAPS constituem a principal estratégia do processo de reforma psiquiátrica” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004). Do Sistema Único de Saúde - SUS

<sup>36</sup> Modelo no Apêndice B.

<sup>37</sup> Modelo No Apêndice A.

## Ilustração 19 - Albergue Noturno Bom Samaritano



Fonte: SIQUERA, T.A, 2019.

Os questionários e as entrevistas foram realizados através de visitas feitas ao Albergue noturno Bom Samaritano, no período noturno, entre os dias 14 de agosto de 2018 e 04 de outubro de 2018. Os questionários aplicados apresentam 19 questões que abordam informações referentes ao gênero, idade, raça, a documentação, local de origem, contato com a família, situação financeira da família, escolaridade, sobrevivência nas ruas, serviços assistenciais utilizados e problemas de saúde. No total, foram aplicados 30 questionários.

Quanto às entrevistas, optamos por um modelo semiestruturado que se caracteriza por um roteiro previamente preparado para nortear o desenvolvimento do diálogo. Abordamos questões referentes à experiência do morador de rua no espaço urbano de Anápolis (GO). Um fato a ser destacado foi a possibilidade dos entrevistados indicarem, em um mapa<sup>38</sup> da área central e do bairro Jundiáí, o significado pessoal de lugares emblemáticos localizados nesta área da cidade. Foram realizadas 18 entrevistas, sendo 3 dos entrevistados mulheres e 15 homens. Ainda no Albergue Noturno Bom Samaritano, analisamos um caderno de registro das pessoas que passam pela instituição. Foram analisados registros realizados entre abril de 2016 a abril de 2018. Colhemos dados relativos ao gênero, idade, origem, problemas com a justiça, o número de vezes em que a pessoa esteve no albergue e o número de pessoas acolhidas por mês.

---

<sup>38</sup> Apêndice C.

Durante todo o período de realização da pesquisa, realizamos trabalhos de campo a fim de obter registros fotográficos dos espaços da cidade; bem como apreender as experiências no espaço urbano na área central e no Bairro Jundiáí. A área central (Ilustração 20) da cidade foi escolhida por abrigar a maior parte da população em situação de rua. Atualmente, ela se constitui como um espaço em deterioração, inserido na lógica dos espaços contaminados; bem como das zonas opacas apresentadas por Santos (2006). Contudo, estes espaços, a princípio classificados simplesmente como deteriorados, trazem consigo a possibilidade da experiência criativa, por não interessarem a economia política do signo (HARVEY, 2004) e a sociedade burocrática do consumo dirigido (LEFEVBRE, 1991).

Ilustração 20 - Setor Central



Fonte: SIQUERA, T.A, 2019.

A escolha do bairro Jundiáí é justificada pela oposição que este apresenta em relação ao setor central, no que se refere à população em situação de rua: pelo menos na dimensão discursiva. O bairro Jundiáí tem como signo principal o Parque Ipiranga, símbolo maior do processo de valorização diferencial do solo urbano de Anápolis. Em um mundo marcado por polarizações, o bairro Jundiáí (Ilustração 21) concentra os mais expressivos signos urbanos que tem a função de valorizar o solo urbano.

### Ilustração 21 – Bairro Jundiaí



Fonte: SIQUEIRA, T.A, 2019.

Assim, vivemos sob a égide de antagonismos estrategicamente elaborados: como o lugar do medo e o lugar da segurança. Nesta perspectiva, quanto maior for o medo, maior será a disposição de pagar um alto preço para viver sob as condições de uma segurança idealizada (MELLO, 2016). Por esta razão, são produzidos os espaços higienizados que se contrapõem aos espaços marginalizados e contaminados, como os espaços da Vila Santana (Ilustração 22), situada entre o Setor Central e o Bairro Jundiaí. A Vila Santana é apontada pelos habitantes de rua entrevistados como espaço do medo.

Ilustração 22 – Vila Santana, entre o Setor Central e o Bairro Jundiáí



Fonte: SIQUEIRA, T.A, 2019.

Nesse sentido, buscamos compreender a percepção do habitante da rua acerca do espaço por ele habitado, entendendo que ele habita tanto o centro tradicional deteriorado, quanto ao bairro Jundiáí. Destacamos, ainda, a\_inexistência, no mundo real, da homogeneidade presente nos discursos que conferem ao bairro Jundiáí uma percepção ditada pelo *marketing* urbano.

### 3.2. OS LUGARES DE PERMANÊNCIA DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DA CIDADE DE ANÁPOLIS (GO)

Como vimos, o espaço público é o lugar por excelência de experiência da cidade. No entanto, o tratamento dado a este espaço se dá de maneira seletiva. Nesse sentido, os espaços que são frequentemente habitados pelos pobres da cidade são os espaços deteriorados, segundo Le Goff (1998, p.46):

É ao mesmo tempo o movimento demográfico e a economia que criam, a partir do século XIII, mas sobretudo a partir do século XIV, esse novo tipo de população urbana que são os marginais, para os quais é extremamente frágil o limite entre pobreza, miséria e crime, mais ainda para as mulheres, que se debatem entre a miséria e a prostituição.

Esta população, produzida em um processo histórico em permanente processo de transformação, no contexto de um sistema progressivamente mais perverso, experimenta estados de vulnerabilidade diversificados. Este estado de vulnerabilidade promove o surgimento de estratégias de sobrevivência no espaço urbano. Como relatamos, a mendicância está relacionada com a história das cidades. Anápolis, como outras cidades, experimenta transformações em seu espaço intraurbano, o que afeta as estratégias de sobrevivência da população em estado crônico de vulnerabilidade.

Ao analisar a escala intraurbana anapolina, percebemos que o processo de produção de centralidades revela duas dimensões: uma, divulgada por *outdoor* e similares, encontra raiz nos discursos hegemônicos; outra, indica a superação da condição de centralidade hegemônica e, frequentemente, é percebida pelo destaque dado por segmentos da mídia que privilegiam a cobertura de crimes e contravenções. Safadi (2018, p. 3) esclarece que:

Tais territorialidades, por promoverem resistência ao modelo hegemônico de ocupação urbana criam fluxos não convencionais que inibem a captura dos lugares. Estes fluxos que primeiramente se concentram no convívio reservado, posteriormente excedem à intimidade dos lares e dos ambientes privados e se aglutinam na cidade de maneira marginal, ocupam a margem e enfrentam a oficialidade.

Em Anápolis, como destacado anteriormente, a busca por uma higienização inicia-se por volta das décadas de 1930 e 1940, quando o fluxo migratório de pessoas em situação de pobreza cria a demanda por controle do espaço urbano (CUNHA, 2009). Ao longo das décadas, processos de refuncionalização deterioraram espaços antes valorizados e centrais. Os espaços depreciados são apropriados por pessoas em situação de pobreza. E, à medida que essas pessoas se apropriaram destes espaços, elas contribuem para o processo de valorização diferencial do espaço urbano. Isto porque a produção de ambientes contaminados fomenta a produção de espaços higienizados.

Neste contexto, é importante destacar a existência de espaços híbridos que, simultaneamente, atendem as demandas dos contaminados e dos higienizados. É o caso da Praça Bom Jesus, que, na atualidade, é um lugar de permanência de habitantes em situação de rua. Confirmando esta realidade, apresentamos a fala de um homem que há cinco anos habita ruas da cidade de Anápolis, “ Vou na Praça Bom Jesus todos os dias, lá eu me sinto um cidadão normal, um ser humano normal, como todos que frequentam a praça”. (Informação Verbal)<sup>39</sup>. A Praça Bom Jesus; bem como suas adjacências, é marcada pela oferta de serviços públicos e privados que atraem outros segmentos sociais, inclusive de residentes do bairro Jundiáí. O

---

<sup>39</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulano de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

mesmo entrevistado relatou que prefere permanecer na Praça Bom Jesus, pois na Praça Americano do Brasil e no Centro POP é comum a ocorrência de roubos; assim como na Praça deputado Abílio Wolnei, conhecida como Praça do Ancião. Nas palavras de outro morador de rua, a Praça do Ancião é território dos usuários de droga.

Neste ponto, é importante destacar que o segmento social constituído pela população em situação de rua não é marcado por uma homogeneidade. Entre segmentações por eles destacada temos os que usam drogas, os que são usuários de bebidas alcoólicas, os que roubam, os que pedem e os que trabalham. Esta divisão fica nítida na fala de outro morador de rua: “Não vou em lugar que só tem “noiado”<sup>40</sup>, eu não gosto de “noiado”, eu bebo é pinga.” (Informação verbal)<sup>41</sup>.

Essa questão é importante. Por meio dela percebemos que a sociedade se equivoca quando vê este segmento populacional como um grande grupo de pessoas desocupadas que usam drogas e causam problemas. De fato, grande parte dos habitantes em situação de rua usam drogas. No entanto, existem aqueles não consomem entorpecentes ilícitos. Em Anápolis, os usuários de drogas ficam frequentemente na área sob a influência da Praça do Ancião – qualificada por muitos entrevistados como “cracolândia”, incluindo a rodoviária.

Outra questão relevante é percebida pelo número reduzido de habitantes da rua, acolhidos pelo Albergue Noturno Bom Samaritano, que respondem a processos judiciais, como demonstra a tabela 1. Na maioria dos casos, sua relação com as forças policiais é caracterizada por julgamentos dos próprios policiais, sem a formalização de ações empreendidas por agentes públicos.

Tabela 1 - Moradores de Rua com problemas na justiça e total de atendimentos no Albergue Noturno Bom Samaritano 2016 – 2018\*

	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>
<b>Pessoas com problemas na justiça</b>	1**	7**	0
<b>Pessoas sem problemas com a justiça.</b>	381	484	200
<b>Total de atendimentos</b>	382	491	200

\*Os dados coletados se referem ao período entre abril de 2016 e abril de 2018.

\*\* Em todos os casos de envolvimento com a justiça havia mandato de busca e apreensão.

Fonte: Caderno de Registros do Albergue Noturno Bom Samaritano, 2018.

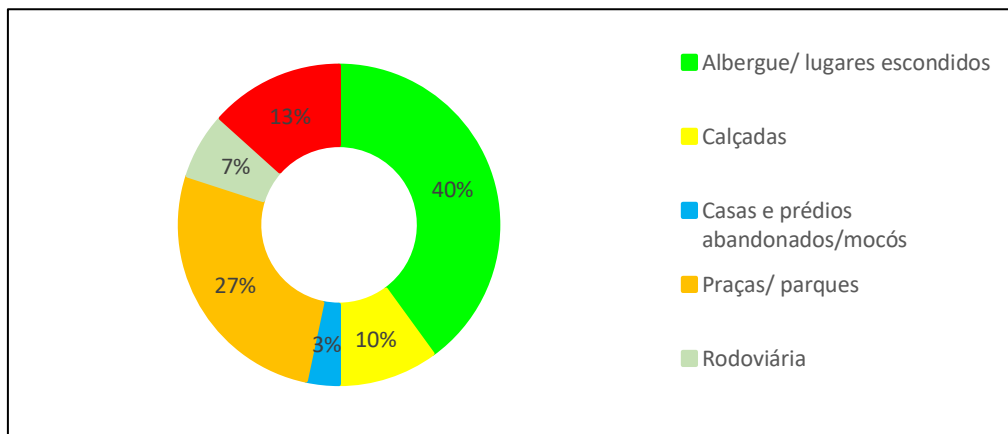
<sup>40</sup> [Gíria] aquele que está sob o efeito de drogas, geralmente com o aspecto sonolento, cansado; drogado, chapado. (Dicionário online de Português, 2019)

<sup>41</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulano de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

Considerando estas complexas questões, podemos distinguir o morador de rua e o mendigo. De acordo com Moraes (2008, p. 29): “Moradores de rua geralmente são pessoas que apresentam uma melhor higiene do corpo, preservando sua aparência, suas roupas, eximindo-se do alcoolismo e das drogas, realizando algum trabalho no próprio espaço da rua, enquanto o mendigo vive da mendicância e não apresenta cuidados com sua aparência, higiene e alimentação”. Assim, é o corpo que evidencia a diferença entre as duas condições.

Outra diferenciação relevante é a que considera as especificidades dos espaços urbanos no cotidiano dos habitantes de rua e mendigos. De forma geral, percebe-se que as praças se tornaram espaços importantes quando consideramos a experiência dos habitantes em situação de rua. Os dados coletados com a população acolhida pelo Albergue Noturno Bom Samaritano demonstram isso, conforme a Ilustração 23;

Ilustração 23 - Gráfico do local onde dormem com frequência



Fonte: SIQUEIRA, T.A, 2018

Quando questionados sobre o local que costumam dormir com mais frequência, 40% responderam que dormem no Albergue ou Lugares escondidos; 27% responderam que dormem em praças e parques; 13% não responderam à pergunta; e outros 20% disseram que dormem com frequência em calçadas; casas e prédios abandonados; bem como na rodoviária, apesar de relatarem que a rodoviária é um lugar perigoso. O número de pessoas que fazem das praças e parques sua casa transitória é expressivo, o que demonstra a importância deste equipamento para esta população. A Ilustração 24 traz a imagem de um habitante em situação de rua dormindo na Praça Bom Jesus.

Ilustração 24 - Morador de rua faz da praça Bom Jesus a sua casa

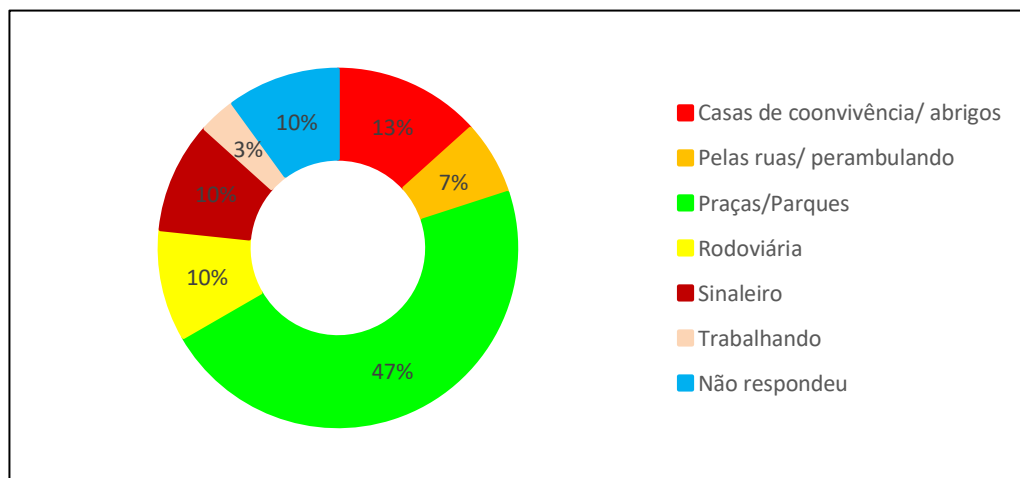


Fonte: SILVA, A.C.C. 2018

Outra questão relevante para a pesquisa diz respeito aos espaços em que os habitantes em situação passam a maior parte do dia. Como resposta, 47% dos entrevistados responderam que permanecem a maior parte do dia em praças e parques; 13% em casas de convivência e abrigos; 7% pelas ruas, perambulando; 10% na rodoviária; 10% em sinaleiros; 3% trabalhando e 10% não responderam esta questão.

Nesse sentido, quando perguntamos aos entrevistados quais praças da cidade você costuma frequentar? As respostas mais frequentes foram; a Praça Bom Jesus, a Praça do Ancião, a Praça Dom Emanuel e o Parque Ipiranga. A rodoviária também foi apontada como um lugar que costumam ir frequentemente, como indica a Ilustração 25.

Ilustração 25 - Gráfico dos lugares que passam a maior parte do tempo durante o dia



Fonte: SIQUEIRA, T.A, 2018.

É comum, ao caminhar pelas ruas da área central de Anápolis, bem como nos bairros limítrofes ao centro tradicional, como o bairro Jundiáí, nos depararmos com a presença de habitantes da rua dormindo nas praças e calçadas da cidade.

### 3.3 POR UMA CARTOGRAFIA DAS PERCEPÇÕES DOS HABITANTES DAS RUAS DA CIDADE DE ANÁPOLIS: ENTRE EXPERIÊNCIAS E SENTIDOS

Os dados coletados permitiram identificar elementos urbanos importantes para as pessoas em situação de rua em Anápolis (GO). Identificamos semelhanças com pesquisas realizadas em outras cidades brasileiras. Quanto ao perfil destes sujeitos, algumas questões devem ser destacadas. A partir do questionário aplicado, elaboramos um quadro síntese (Ilustração 26) que apresenta o perfil da população em situação de rua em Anápolis.

Ilustração 26: Quadro síntese do perfil das pessoas em Situação de Rua entrevistados em Anápolis (GO) - 2018

<b>Sexo –</b>	Predominância de pessoas do sexo masculino, 87% dos entrevistados.
<b>Idade –</b>	A maioria de Adultos no período de maior capacidade de trabalho 60% dos entrevistados entre 25 e 44 anos.
<b>Raça –</b>	Predominância de pessoas de Pele “Não Branca”. 30 % dos entrevistados se declararam negros e 47% se declararam Pardos.
<b>Mobilidade/ Origem –</b>	90 % dos entrevistados são provenientes de outras localidades, sendo 30% da região nordeste do país e 27% de outros lugares em Goiás, apenas 10% dos entrevistados o que corresponde a 3 pessoas nasceram e permanecem em Anápolis (GO).
<b>Trabalho –</b>	43% dos entrevistados declararam que sobrevivem pedindo nas ruas, 27 % buscam trabalhos temporários que se caracterizam pela informalidade como vendedor ambulante ou flanelinha entre outros.
<b>Escolaridade –</b>	67% dos entrevistados responderam que sabem ler e escrever no entanto 47% dos entrevistados não terminaram o ensino fundamental.

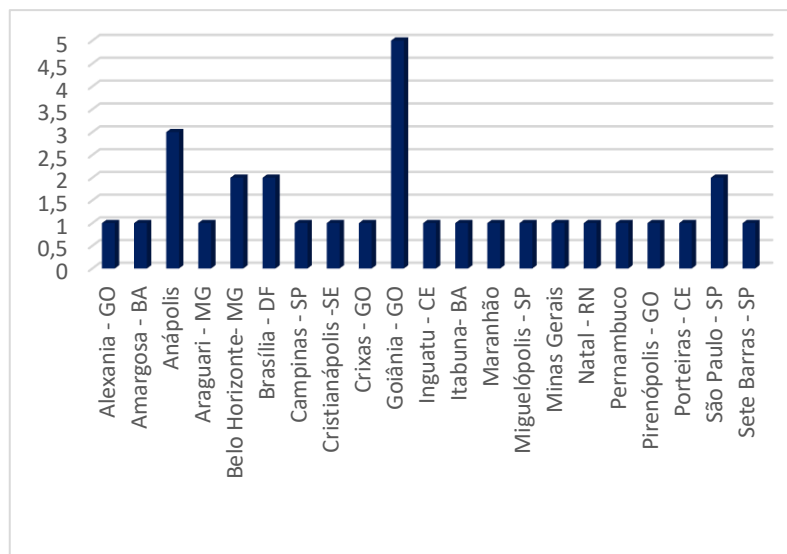
Fonte: Questionários realizados no Albergue Noturno Bom Samaritano, 2018.

Quanto ao gênero, a população em situação de rua entrevistada no Albergue Bom Samaritano está em concordância com uma constatação mundial, que indica a predominância do sexo masculino. Em relação a faixa etária, a parcela mais expressiva da população em situação de rua, de Anápolis, são de adultos entre 25 e 44 anos; ou seja, pessoas em idade produtiva, mas que não conseguem se inserir no mercado de trabalho e acabam compondo os dados apresentados no capítulo 1.

Outro dado considerado foi a raça. A análise deste quesito revela que 77% dos entrevistados se declararam negros ou pardos, o que demonstra que a pobreza extrema no Brasil, além de ser uma questão de desigualdade na distribuição de renda, também é uma questão racial – esta situação está em concordância com a realidade nacional –.

Como regra, as pessoas em situação de rua são migrantes, mudando os lugares de permanência frequentemente. O que se observa, a partir dos dados, é que maior parte dos entrevistados nasceram em outros municípios. Dos 18 entrevistados, somente 3 nasceram em Anápolis (GO). Conforme a ilustração 27.

Ilustração 27 – Origem dos entrevistados no Albergue Bom Samaritano - 2018



Fonte: SIQUEIRA, T.A, 2018.

Para investigar a especificidade da relação deste segmento populacional com Anápolis, indagamos se o entrevistado havia vivido em outras cidades na condição de morador de rua; bem como solicitamos que comentassem, em caso positivo, as diferenças percebidas entre estas cidades e Anápolis. As respostas indicaram percepções distintas, como era de se esperar quando se investiga um segmento social caracterizado por uma extrema complexidade no processo de reprodução de sua existência. Um entrevistado destacou que já viveu:

“em Goiânia, e são muitas diferenças por que aqui, pelo tempo que eu vivo aqui, as facilidades de serviço, bico que eu arrumo, é roupa, banho, assim é bem mais fácil para mim aqui do que em Goiânia, Goiânia é muito difícil, é perigoso, morre gente quase toda hora na rua, e aqui não, aqui eu já me sinto mais à vontade, tenho mais como se diz, mais segurança, me sinto mais seguro aqui”.(Informação Verbal)<sup>42</sup>

<sup>42</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulano de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

Outro morador de rua relata que já viveu em São Paulo. Para ele, “em São Paulo tem mais recursos para morador de rua, os Albergues ficam abertos final de semana, o morador de rua tem mais acesso.” (Informação Verbal)<sup>43</sup>

Outro entrevistado, que está na rua há 10 anos, relatou que já viveu em Rio Verde e Itumbiara na condição de morador de rua. Para ele “a vida aqui é muito mais perigosa, na rodoviária da essa bagunça mais é a noite.” (Informação Verbal)<sup>44</sup>.

Já uma entrevista que mora na rua a 20 anos, disse que já morou em Campo Grande, São Paulo, Cuiabá e Goiânia. Para ela, a conduta do povo é um pouco diferente aqui, “a conduta do povo aqui em Anápolis é um pouco agressiva, mas nos outros lugares não é tão agressiva assim.” (Informação Verbal)<sup>45</sup>.

Numa perspectiva geral, a população em situação de rua sobrevive de atividades desenvolvidas. Para Ferreira (2006, p14),

A população em situação de rua é também caracterizada pelo fato de sobreviver a partir de atividades produtivas desenvolvidas nas ruas. Estas atividades podem assumir várias formas e frequências, serem lícitas ou ilícitas, formais ou informais. Muitas pessoas, inclusive, sobrevivem de doações, de esmolas, de pequenos furtos, ou mesmo do tráfico de drogas. De qualquer maneira, também sob o ponto de vista das ocupações observa-se uma diversidade e uma heterogeneidade muito grande de atividades.

Para Moraes (2008, p.24) “Se por um lado algumas pessoas em situação de rua buscam alternativas de trabalho, outros acabam solidificando sua miséria na prática da mendicância”. Para elas, a mendicância é percebida como um trabalho. Esta atividade é identificada entre a população de rua como manguear<sup>46</sup>, o que revela uma linguagem específica criada em contextos e conjunturas muitos particulares. Segundo entrevistados, para obter sucesso na empreitada, histórias trágicas são contadas ou representadas de alguma forma no processo de marguear.

Quanto à escolaridade, apesar da maioria dos entrevistados apresentar o domínio mínimo da escrita e da leitura, a maioria não terminou o ensino fundamental. Ao considerar a realidade da população em situação de rua, outra importante variável a ser analisada é o tempo

<sup>43</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulano de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

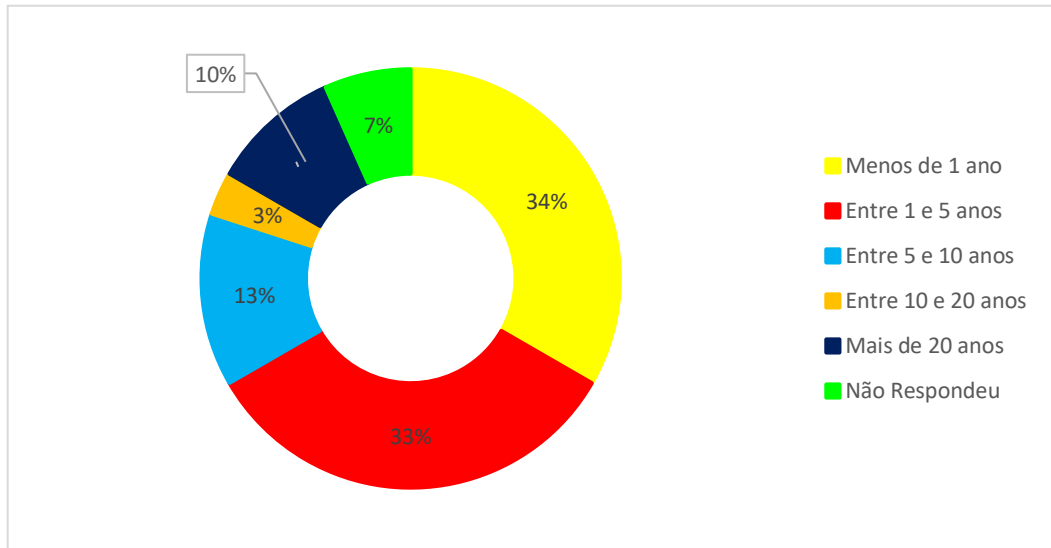
<sup>44</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulano de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

<sup>45</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulano de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

<sup>46</sup> Manguear significa “usar de artifícios, esp. para obter o que se deseja; engodar, iludir.” De acordo com Melo (2011, p.61), manguear “[...] é um termo que sintetiza uma diversidade de possibilidades de ações para conseguir recursos, seja em forma de dinheiro, alimentação, roupa ou demais objetos, serviços e acessos. Na maioria dos casos, aparece como sintetizador de experiências de sobrevivência na rua, [...]”

em que a pessoa se encontra nesta condição. Segundo Ferreira (2006, p. 10), “Em grade medida o tempo acaba por determinar as chances de um indivíduo sair mais rapidamente da rua, quanto menor o tempo de rua, normalmente maiores as probabilidades e quanto maior o tempo, menores as chances. ”

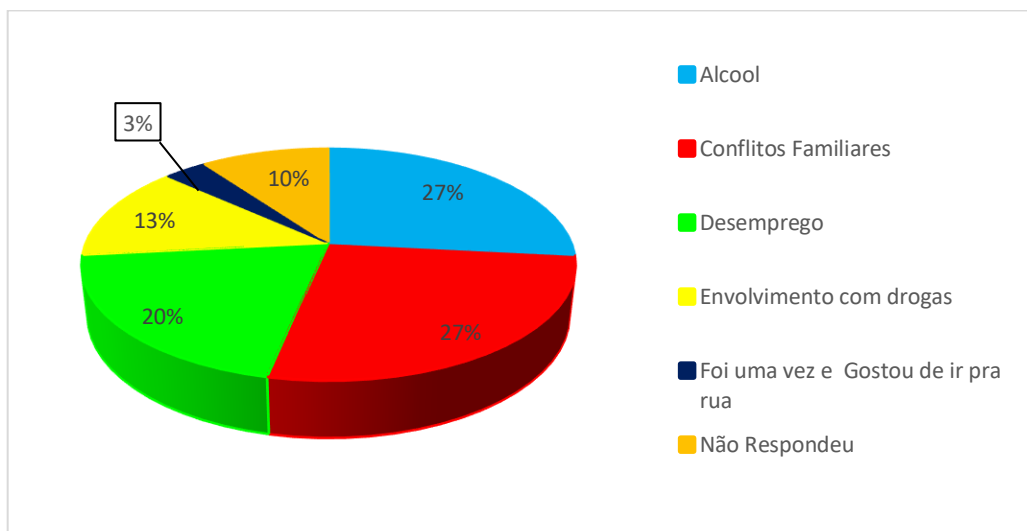
Ilustração 28 – Gráfico percentual da população em situação de rua, segundo o tempo em que mora na rua, Anápolis – 2018



Fonte: SIQUEIRA, T. A, 2018.

Os dados coletados no Albergue Noturno Bom Samaritano (Ilustração 28) revelaram que 34% dos entrevistados estão nas ruas a menos de 1 ano; 33% residem nas ruas por um período que varia de 1 a 5 anos; 13% entre o período 5 e 10 anos; 3% entre 10 e 20 anos; 10% a mais de 20 anos e 7% dos entrevistados não responderam a esta questão.

Ilustração 29 – Gráfico dos motivos que levam a situação de Rua – 2018



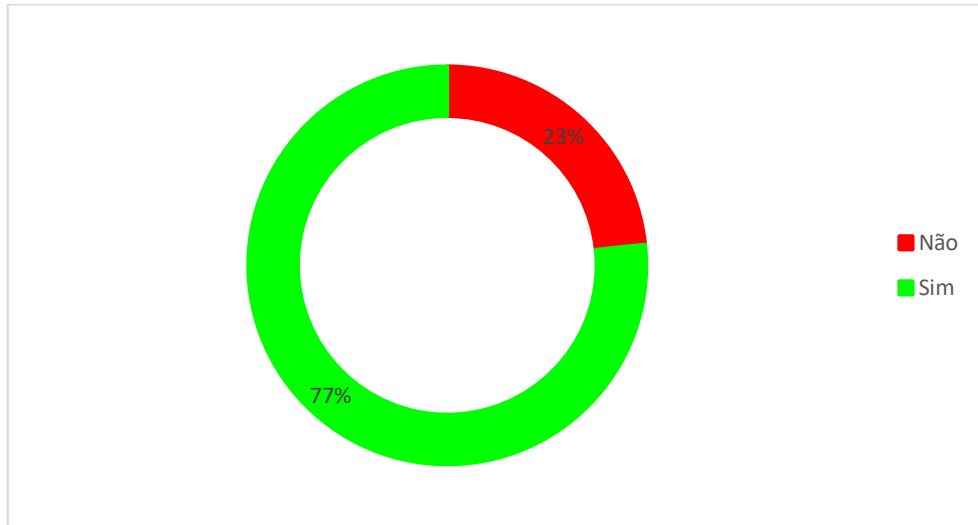
Fonte: SIQUEIRA, T.A, 2018

Dentre os motivos apontados como responsáveis pela condição de pessoa em situação de rua, (Ilustração 29), 7 % relatam que o álcool foi principal motivo; 27% apontaram os conflitos familiares; 20 % disseram que o principal motivo de estarem nas ruas foi o desemprego; 13% admitiram que o uso de drogas foi o principal motivo, 10% não responderam esta questão. Uma pessoa se emocionou ao ser indagada sobre o motivo de estar nas ruas. A emoção foi tão profunda que não foi capaz de concluir as respostas do questionário. Um dado interessante foi apontado por 3% dos entrevistados. Eles relataram que gostam de viver nas ruas. Também é importante destacar que durante a aplicação dos questionários foi possível perceber que muitos escondiam o real motivo de estarem nas ruas, talvez por vergonha ou medo de represálias.

Sobre os entrevistados que declararam gostar de viver nas ruas, Moraes (2008, p. 25) afirma que “com o passar do tempo, o indivíduo vai assumindo a identidade de um homem de rua, criando assim uma forte dependência com o mundo da rua”. Como apresentamos anteriormente, o homem é um ser marcado pelas condições de existência. Para Arendt (2007), à medida que o homem entra em contato com as coisas elas se tornam condição de sua existência. Desta forma, ao entrar em contato com a rua; bem como com as experiências que ela proporciona; uma série de condições de existência são produzidas. O que leva boa parte da população em situação de rua a permanecer nas ruas, rejeitando possibilidades de uma vida mediada por uma casa ou abrigo.

Outro aspecto importante são os documentos pessoais. As pessoas em situação de rua enfrentam dificuldades quando não possuem documentos: tanto no que diz respeito aos serviços de saúde, quanto nos socioassistenciais. Neste contexto, 77% dos entrevistados declararam possuir algum tipo de documento pessoal e 23% declararam não possuir nenhum documento, conforme a Ilustração 30.

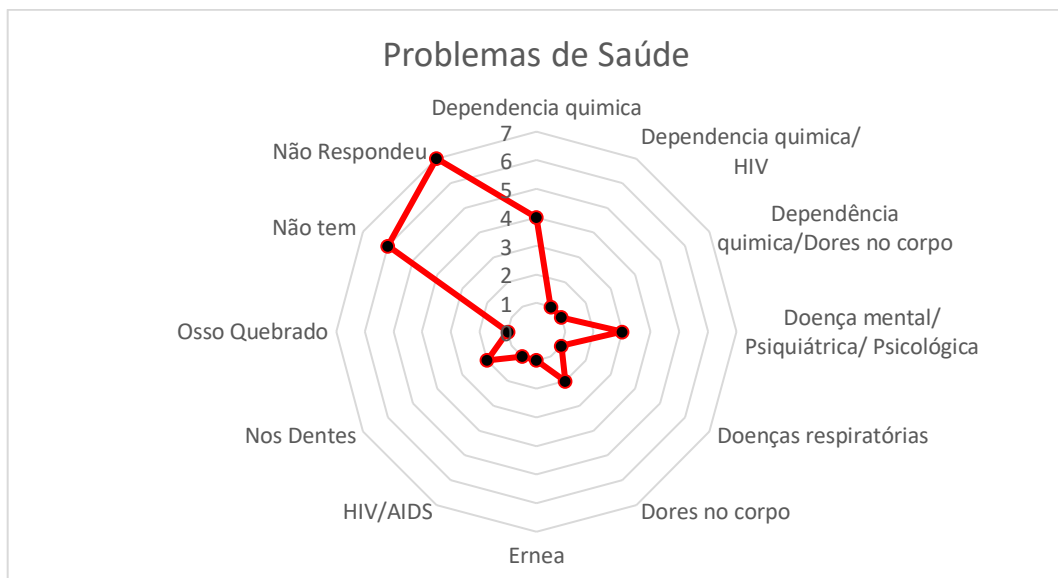
Ilustração 30 – Possui Documentos Pessoais



Fonte: SIQUEIRA, T.A, 2018

No que diz respeito às condições de saúde, o estado de vulnerabilidade faz com que a maioria dos entrevistados seja portadora de enfermidades físicas e mentais. A ilustração 31 indica que 25% dos entrevistados não responderam se possuíam ou não algum problema de saúde, 20% dos moradores de rua, que responderam ao questionário, declararam não ter nenhum tipo de problema de Saúde e 55% dos entrevistados declararam possuir algum tipo de problema de saúde.

Ilustração 31 – Problemas de saúde declarados e não declarados



Fonte: SIQUEIRA, T.A, 2018

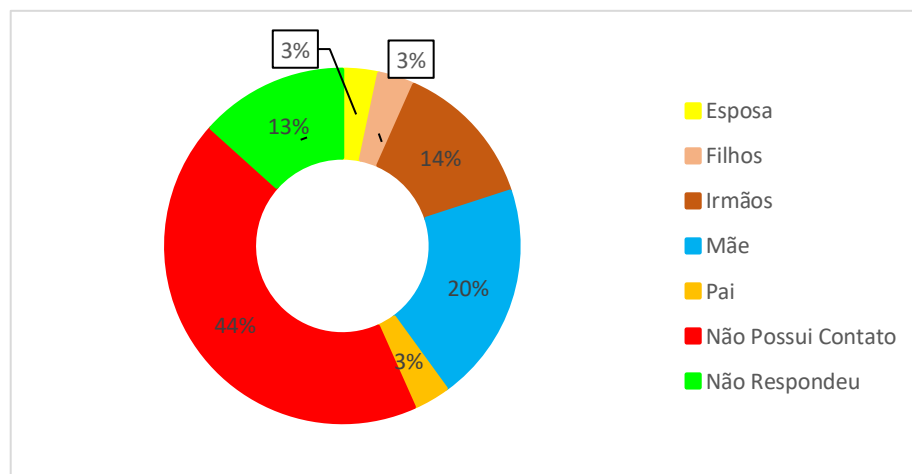
Dentre os 55% que declararam possuir algum tipo de problema de saúde, 19% disseram ser dependente químico, 10% relataram possuir doenças mentais/ psiquiátricas ou psicológicas, 7% disseram sofrer com dores no corpo e 7% com problemas nos dentes, 1 morador de rua estava com o braço quebrado, 6% afirmaram serem portadores do Vírus HIV, 3% disseram estar sofrendo com hérnias e 3% declararam possuir doenças respiratórias.

É importante considerar a relação das pessoas em situação de rua com suas famílias. Na realidade, todos os entrevistados já residiram em uma casa, com uma família. O que ficou evidenciado no processo investigativo, é que a condição de vulnerabilidade social extrema é um dos principais fatores que levam a condição de pessoa em situação de rua.

Na realidade, a precariedade de serviços básicos de saúde e educação, por exemplo, promove situações que, progressivamente, comprometem os vínculos afetivos no interior das famílias. Podemos destacar a ausência de encaminhamentos por parte dos agentes de saúde, que julgam a dependência química como falha moral. Outra situação comum é ausência de espaços escolares e conselhos tutelares minimamente estruturados, o que impede que importantes trabalhos preventivos sejam desenvolvidos.

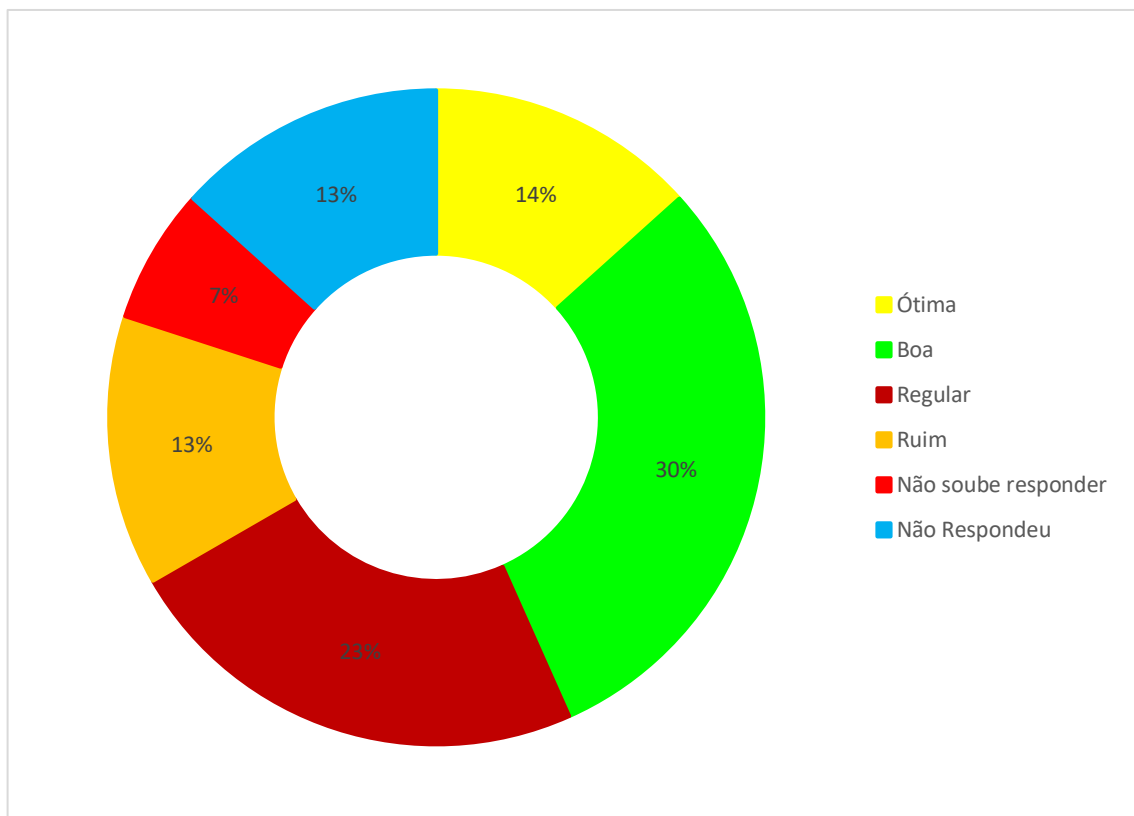
Os desgastes advindos do vício e das ações que variam entre a contravenção e o crime solapam a vida em família. Nesse sentido, a Ilustração 32 representa o contato deste segmento social com a família. Entre os entrevistados, 44% responderam que não possuem contato com a família e 56% afirmam que mantem algum tipo de contato, dos 56% que declararam ter contato com a família, 20% mantem contato apenas com a mãe, 14% com os irmãos, 3% com o pai, 3% com a esposa e 13% não responderam a esta questão.

Ilustração 32 – Gráfico contato com familiares



Julgamos ainda necessário compreender a situação financeira dos familiares com quem mantém contato. Assim procedendo, constatamos que 30% declararam que a situação financeira da sua família é boa, 23% acham que a situação financeira da sua família é regular, 13% disseram que a situação financeira da família é ruim; 20% não quiseram ou não souberam responder e apenas 14% afirmaram ser ótima a situação financeira de seus familiares, conforme a ilustração 33.

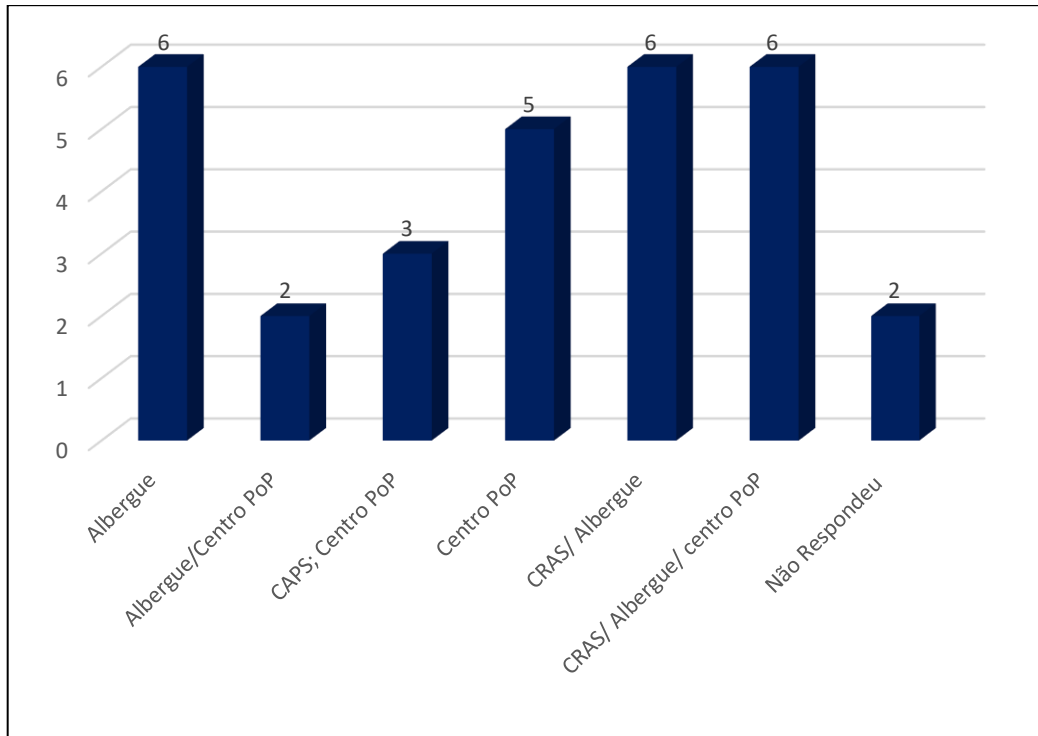
Ilustração 33 – Gráfico da Situação financeira dos familiares



Fonte: SIQUEIRA, T.A, 2018

Neste cenário, serviços socioassistenciais e as instituições de acolhimento, como o Albergue noturno Bom Samaritano, têm grande importância na vida destas pessoas. A ilustração 34 apresenta os principais serviços acessados pela população em situação de rua da cidade de Anápolis (GO).

Ilustração 34 – Principais serviços socioassistenciais acessados pela população em situação de rua em Anápolis



Fonte: SIQUEIRA, T.A, 2018

Dos 30 moradores de rua que responderam ao questionário, 6 relataram que procuram constantemente o Albergue, 2 vão ao Albergue e no Centro PoP, 3 no CAPS e no Centro PoP, 5 vão no Centro PoP constantemente, 6 dos entrevistados vão ao CRAS e ao Albergue, outros 6 vão ao CRAS, ao Albergue e ao Centro PoP diariamente e 2 não responderam essa pergunta.

Para entender melhor a importância destes serviços na vida destas pessoas, analisamos os dados registrados no Albergue Noturno Bom Samaritano, de abril de 2016 a abril de 2018. A tabela 2 apresenta o número de acolhidos por sexo e o total atendido neste período. Em 2016, entre os meses de abril e dezembro, foram acolhidos 360 homens e 22 mulheres, totalizando 382 pessoas. Entre janeiro e dezembro de 2017, foram acolhidos 461 homens e 30 mulheres, totalizando 491 pessoas. Em 2018, até o mês de abril, 200 pessoas foram atendidas, sendo 193 homens e 7 mulheres.

Tabela 2 – Moradores de Rua por sexo atendidos no Albergue Noturno Bom Samaritano 2016 – 2018

	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>
<b>Masculino</b>	360	461	193
<b>Feminino</b>	22	30	7
<b>Total</b>	382	491	200

Fonte: Caderno de Registros do Albergue Noturno Bom Samaritano, 2018.

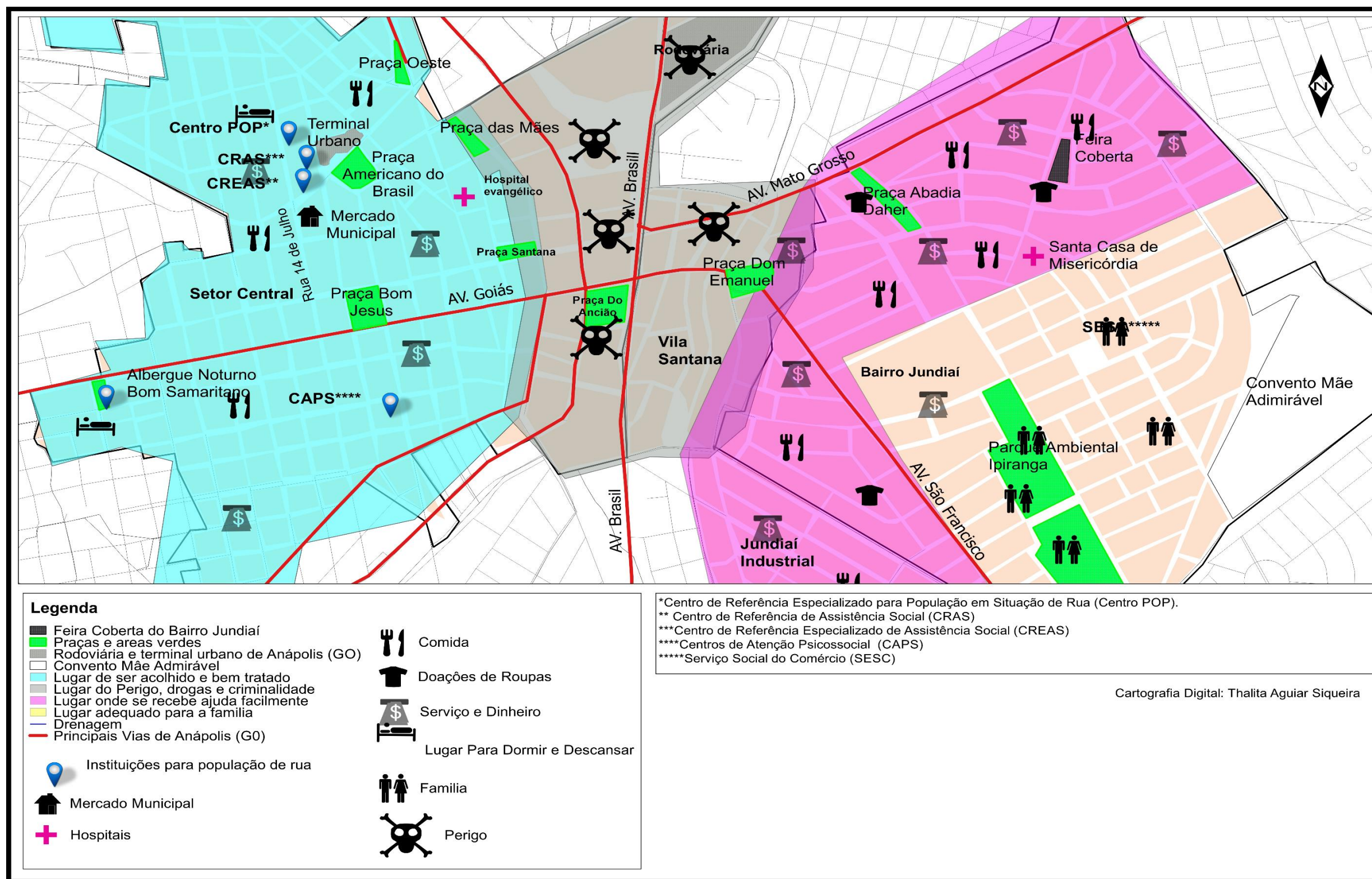
Destacamos que aplicamos os questionários a partir da adesão voluntária de 30 atendidos. Quanto às entrevistas, foram realizadas 18. Em relação ao quantitativo da população em situação de rua em Anápolis, “ Por tratar-se de uma população móvel e bastante heterogênea, que se desloca não só geograficamente, mas também econômica e socialmente, torna-se difícil precisar o número de pessoas que se encontram nas ruas da cidade”. (MORAES, 2008, p. 17).

Por esta razão e pelo fato dos moradores de rua não terem domicílio fixo, o Instituto Brasileiro de Geografia e estatística – IBGE, não realiza o recenseamento deste segmento populacional. Esta situação deve ser alterada a partir de 2020, pois uma sentença publicada, em 17 de janeiro de 2019, determina que as pessoas em situação de rua deverão ser incluídas na contagem do censo demográfico. A decisão foi resultado de Ação Civil Pública – ACP, proposta pela Defensoria Pública da União – DPU, perante o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e a União. A falta de contagem dessa população reflete a negligência do poder público com estes indivíduos; bem como a sua condição de invisibilidade perante a sociedade. O último dado oficial, em âmbito nacional, sobre a população em situação foi apresentado por meio de uma pesquisa encomendada pelo Ministério do Desenvolvimento Social – MDS de 2007/2008<sup>47</sup>, desde então não foi realizada nenhuma outra pesquisa em âmbito nacional.

Ressaltamos que a partir das informações apreendidas, registramos a percepção dos habitantes das ruas sobre os diferentes lugares por eles habitados na cidade de Anápolis. Desta forma, chegamos a uma representação espacial fundada nas suas experiências (Ilustração 35).

<sup>47</sup> BRASIL, Ministério do desenvolvimento social e combate à fome. Rua: aprendendo a contar: Pesquisa Nacional Sobre a População em Situação de Rua. Brasília (DF): MDS, Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009.

Ilustração 35 - Percepção dos Habitantes das Ruas sobre os espaços da Cidade de Anápolis (GO)



Fonte: SIQUEIRA, T.A, 2019.

A cartografia da percepção dos habitantes das ruas da cidade de Anápolis (GO) revela a existência de lugares de acolhimento, como é o caso do Centro PoP: “Aqui eu posso tomar um banho, posso me alimentar, tem vez que a gente não consegue lugar para almoçar e tomar um banho, a gente que é morador de rua aí aqui a gente tem essa ajuda.” (Informação Verbal)<sup>48</sup>. Eles registraram, também, lugares perigosos, das drogas e da Criminalidade: especificamente, a área da rodoviária, na Avenida Brasil; bem como o espaço da Câmara Municipal e da Praça do Ancião, marcam o perímetro em que a tensão está sempre presente. Segundo um entrevistado: “A Praça do Ancião, por que lá só é tráfico, só é a droga, toda hora a pessoa vai para lá e a polícia chega lá e não quer nem saber, já pensa que você é vagabundo e que você está vendendo droga lá. ” (Informação Verbal)<sup>49</sup>. Reforçando a percepção relativa a esta área, temos a fala de uma entrevistada: “Rodoviária não gosto, Avenida Brasil, câmara Municipal, praça do ancião eu detesto. ” (Informação Verbal)<sup>50</sup>,

A aproximação com os habitantes das ruas revelou que existem pessoas que frequentemente estão dispostas a auxiliá-los: comerciantes com estabelecimentos próximos à Santa Casa e à Feira Coberta, na Avenida Mato Grosso, e moradores do Bairro Jundiáí Industrial. Uma moradora de rua relatou que conhece gente na Avenida Mato Grosso e no Jundiáí Industrial. Ela destacou que sempre ganha comida e roupas e compartilha com seus colegas da rua. Um entrevistado ressaltou que tem muitos conhecidos “no Bairro Jundiáí, direto eu passo para a lá de manhã, eu vou lá dar umas voltas, na feira, é que tem uns colegas meus lá que bebe pinga lá também. ” (Informação Verbal)<sup>51</sup>

Outro lugar que apareceu diversas vezes nos relatos dos entrevistados é o Parque Ipiranga. Este espaço aparece nas falas dos moradores de rua como um lugar adequado para a família. Seus relatos reproduzem o discurso hegemônico: “O parque Ipiranga é o que mais chama a atenção é um lugar mais calmo e tranquilo, é um lugar mais família” (Informação Verbal)<sup>52</sup>.

---

<sup>48</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulana de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

<sup>49</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulano de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

<sup>50</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulana de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

<sup>51</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulano de. **Entrevista II**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

<sup>52</sup> Entrevista concedida por TAL, Fulano de. **Entrevista I**, [jan.2019], Entrevistador: Thalita Aguiar Siqueira. Anápolis, 2019.

No contexto da realidade investigada, o personagem Itaro faz com que desejemos emergir. Contudo, ele não promove o desejo de emergir para alcançar a luz e a vida sintética produzida em meio a tramas de agentes que almejam a redução das possibilidades de percepção para a potencialização da reprodução e da acumulação de capital. O personagem de Mãe (2016) promove o desejo de emergir para baixo: para as entranhas de nossa existência!

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O espaço urbano é marcado por complexidades e diferenciações, o que instiga investigações científicas sobre os mais variados temas. A segregação e a habitação são temas importantes nos estudos sobre o espaço urbano e, por isso, geram indagações que devem ser investigadas, tanto no âmbito acadêmico, como em outras esferas que regem a vida em sociedade.

No curso da pesquisa, ressaltamos a relação estreita existente entre o processo segregador e a questão do habitar: considerando sua dimensão mais ampla e não apenas os aspectos físicos da habitação. Especificamente, inserimos em nossa análise a questão da pobreza absoluta; bem como o processo de valorização diferencial do solo urbano, capitaneado por agentes situados de maneira privilegiada nas relações de poder. Agentes que, por meio de ações estrategicamente articuladas, promovem a valorização de algumas áreas e a desvalorização de outras.

Partindo da premissa que a vida em sociedade é composta por cidadãos posicionados em diferentes classes sociais, afetados de maneira distinta por processos segregadores, apresentamos duas dimensões da segregação urbana: uma dimensão material e concreta e outra no âmbito das relações mais abstratas e simbólicas. A dimensão material é revelada pelo consumo de produtos tangíveis e a dimensão imaterial é percebida a partir de percepções que qualificam o consumidor, perante a sociedade, a partir dos signos consumidos e incorporados a sua imagem.

Nesta perspectiva, salientamos que é no espaço da cidade que as relações sociais são estabelecidas com mais densidade. Como ressaltado pela pesquisa, as experiências, as percepções e a vida são realizadas por meio do corpo, o que pressupõe uma corporeidade reproduzida no espaço urbano. Ao buscar entender a experiência do homem, em um contexto de transformações reproduzidas incessantemente, em uma sociedade marcada pela desigualdade, privilegiamos a vida do homem que habita as ruas da cidade de Anápolis.

No decorrer da investigação, enfatizamos à relação estabelecida entre o processo segregador e os corpos dos sujeitos que habitam as ruas, com o intuito de apreender os sentidos por eles atribuídos aos objetos e fenômenos urbanos. Nesta perspectiva, verificamos que existem sujeitos que habitam as ruas e se apropriam de espaços urbanos fazendo uso de discursos que destacam a fragilidade de seus corpos no exercício da mendicância: olhos cegos, feridas inflamadas e infectadas, bengalas produzidas artesanalmente, dentre outras; e sujeitos que habitam as ruas e dialogam com a cidade e os outros segmentos que compartilham o espaço urbano a partir da corporificação de outros discursos. O que os aproxima é o fato dos espaços escolhidos pelos dois grupos, para permanecer por mais tempo ao longo do dia, revelar uma degradação estética reveladora de uma identidade com seus corpos.

Neste contexto, destacamos que é a partir do corpo que o homem se relaciona com o mundo e atribui significado e valor as coisas. É no mundo que ele assegura possibilidades de comunicação, por meio de linguagens marcadas por elementos universais e particulares, e são as dinâmicas do espaço urbano que revelam as contradições através de sua materialização inscritas nos corpos da cidade. Considerando estas questões, demos relevo a distinção percebida entre o morador de rua e o mendigo. De acordo com Moraes (2008), os moradores de rua cuidam melhor da higiene do corpo e realizam atividades econômicas na rua; enquanto o mendigo vive da mendicância e não apresenta cuidados com sua aparência e higiene.

Nesse sentido, a presente pesquisa revelou uma importante relação estabelecida entre os processos de segregação e refuncionalização, no curso da valorização desigual do espaço urbano. A relação entre estes dois processos foi fundamental para o entendimento das contradições presentes na redefinição das centralidades produzidas. Contradições derivadas de movimentos intencionalmente articulados com vistas a valorização e desvalorização de espaços urbanos.

As análises realizadas, a partir da conjugação dos processos de segregação e refuncionalização, possibilitaram a identificação da natureza da produção de espaços higienizados e espaços contaminados. O primeiro é marcado pela presença de auto-segregados; ou seja, de pessoas que optaram por se separar do “resto” da cidade, através do consumo de espaços simbolicamente embalados por conceitos urbanos repletos de virtudes prévias. Estes espaços virtualizados fomentam processos de refuncionalização caracterizados pela multiplicação do valor do metro quadrado comercializado. Quanto aos espaços contaminados, percebemos que estes são marcados pelo estado de abandono. Neles, seres errantes refuncionalizam lugares, mobiliários e edificações, tentando reproduzir precariamente suas existências marcadas por vulnerabilidades inscritas em seus frágeis corpos.

Assim, os espaços públicos envolvidos por processos de refuncionalização, marcados por ações segregadoras, apresentam expressivas diferenças estéticas que destacam a existência de lugares e habitantes higienizados e de lugares e habitantes contaminados. Nessa perspectiva, as pessoas em situação de rua têm mais liberdade para habitar lugares contaminados, pois os lugares higienizados possuem mecanismos de defesa que repelem sua presença, contanto, inclusive, com agentes públicos no processo de manutenção de uma ordem que afasta os habitantes da rua de espaços públicos específicos.

Entender a relação dos habitantes das ruas com o espaço urbano solicitou que analisássemos o espaço urbano. Para tanto, recorremos a autores como Correa (1995); Carlos (2007b); Lefebvre (2001); Harvey (1996); Maricato (2015) e Santos (2003). Estes autores não restringiram suas considerações aos fatores econômicos e culturais em sentidos isolados, contemplando a realidade como produto de relações complexas e contraditórias.

Nesta perspectiva, Lefebvre (2001) ofereceu contribuições de relevo, ao destacar que a cidade é produto de relações sociais, tanto imediatas (aquelas da “ordem próxima” dos grupos familiares ou de profissões), quanto distantes (aquelas da “ordem distante” das grandes instituições que regem a sociedade como a igreja e o Estado). O autor também contribuiu ao associar a cidade com uma obra de arte; bem como ao realizar uma análise da sociedade urbana a partir do estabelecimento de “sociedade burocrática do consumo dirigido” (LEFEBVRE, 1991, p.77).

Em um sentido próximo, Harvey (2004) apresenta possibilidades para o entendimento do empobrecimento da vida e da arte. Aproximando as duas perspectivas, verificamos que no mundo burocratizado e empobrecido em seu potencial artístico, habitar determinados lugares representa possibilidades e restrições vinculadas a um programa que deu curso e sentido a um lugar específico e pré-determinado.

Santos (2003), por sua vez, analisa o processo de globalização, denunciando a perversidade sistêmica, a partir das profundas desigualdades existentes. Desigualdades maquiadas pela ideologia dominante. Santos (1997) também apresentam interessantes possibilidades ao pensar o mundo a partir das zonas urbanas luminosas e opacas: a primeira como espaço da racionalidade e a segunda como espaço da criatividade.

Ao aproximar as ideias defendidas por estes autores, entendemos que a cidade não pode ser percebida e vivida a não ser pela linguagem. Essa constatação nos leva a contribuição de Harvey (2004), que destaca a existência de uma “economia política dos signos”, onde a ideia é limitar as possibilidades por meio de limitação das experiências. Um processo de programação

burocrática foi assumido por segmentos específicos. Neste interim, conceitos são criados e consumidos de forma a limitar experiências.

É neste cenário que enfatizamos o alerta feito por Merleau-Ponty (1999): os indivíduos produzem sua linguagem de forma diferenciada, reproduzindo, assim, distintas realidades. Neste contexto, não podemos negar que habitantes de rua reproduzam sua existência por meio de linguagens particulares. Para Merleau-Ponty (1999), é necessário identificar a existência de uma fala criativa, autêntica e expressiva, que o autor chama de fala falante. Segundo o filósofo, ela se distingue da fala falada, por esta ser destituída de autenticidade. A partir do raciocínio desenvolvido pelo autor, conseguimos distinguir as linguagens produzidas tanto nos espaços contaminados, quanto nos espaços higienizados. O conjunto de autores aqui destacados ofereceram elementos teóricos, metodológicos e conceituais importantes para o entendimento de realidades urbanas marcadas por processos contraditórios e segregadores.

Neste sentido, analisamos as repercussões desta realidade contraditória no espaço público e na vida das pessoas que o habitam, enfatizando as especificidades da cidade de Anápolis (GO). No curso da pesquisa, consideramos o processo histórico de produção das centralidades na cidade de Anápolis. Destacando as intencionalidades hegemônicas e marginais e investigamos como os habitantes de rua produzem uma linguagem própria, marcada por contra-racionalidades (SANTOS, 2006).

Ao tentar compreender a relação do homem descartado/segregado com os espaços descartados/segregados da cidade, optamos por cartografar sua percepção acerca dos espaços que ele habita. Para tanto, oportunizamos condições para que eles elaborassem mapas a partir de suas experiências. Seus registros ressaltaram sentimentos de tranquilidade e segurança, medo e desespero no espaço da cidade, resultando em uma cartografia das percepções dos habitantes das ruas de Anápolis.

Neste processo, percebemos que os espaços mais representativos para este segmento são caracterizados pela possibilidade da experiência criativa, que fogem dos padrões estabelecidos pelos agentes hegemônicos. Simultaneamente ao processo de elaboração da cartografia das percepções dos habitantes das ruas, realizamos entrevistas com este segmento populacional, buscando apreender suas experiências no espaço da cidade de Anápolis (GO). Também buscamos coletar dados através de questionários aplicados aos acolhidos no Albergue Noturno Bom Samaritano.

Por fim, buscando uma aproximação com a dimensão do mundo percebido e experimentado pelos habitantes de rua, recorreremos à literatura. Especificamente, nos reportamos a uma obra que aborda de forma criativa a relação entre os sentidos e o mundo. O

livro, “homens imprudentemente poéticos”, do português Hugo Mãe, proporciona um mergulho em um universo marcado por profundos questionamentos relativos às formas de perceber as relações e as coisas presentes no mundo. Os personagens travam relações que evoluem para um amadurecimento que redefine os valores atribuídos aos objetos e as relações. No fim da obra, o protagonista encontra refúgio em um espaço urbano público, passando a reproduzir sua vida através de diálogos com pessoas que antes julgava comprometidas, a partir do julgamento de suas ações. Desta forma, nos interessou entender como se dá à experiência de diferentes segmentos da sociedade no espaço urbano, privilegiando a relação do homem descartado/segregado com os espaços descartados/segregados da cidade de Anápolis (GO), por meio de suas experiências.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, O; VAINER, C; MARICATO, E. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ARENDT, H. **A condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001. 170 p.

CARDOSO, T.B. **Requalificação do tecido urbano através do uso da praça**. Lisboa. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. 2017.

CARLOS, A.F.A. **O Lugar no / do Mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007a. Disponível em < <http://www.fflch.usp.br/dg/gesp> > Acesso em: 04/08/2018.

CARLOS, A.F.A. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade: São Paulo: Labur Edições, 2007b. Disponível em:<<http://www.fflch.usp.br/dg/gesp>> Acesso em: 12/04/2018.

CASTELLS, M. **A questão urbana**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CALDEIRA, T.P.R. **Cidade de Muros**: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo. São Paulo: ed.34: Edusp, 2000.

CAVALCANTI, L.S. Uma geografia da cidade – elementos da produção do espaço urbano. In. \_\_\_\_ (org.) **Geografia da cidade**: a produção do espaço urbano de Goiânia. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.

CORRÊA, R.L. **O espaço Urbano**. São Paulo: 1995.

CLARK, D. **Introdução à Geografia Urbana**. São Paulo: DIFEL Difusão editorial S.A, 1985.

CRESPO, A.P.A; GUROVITZ, E. A pobreza como um fenômeno Multidimensional. **RAE-eletrônica**. V.1, nº 2, Jul-dez/ 2002. Disponível em: <<http://www.rae.com.br/electronica/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=1178&Secao=PÚBLICA&Volume=1&Numero=2&Ano=2002>> Acesso em: 16/07/2018.

CUNHA, Wânia Chagas Faria. **Dinâmica regional e estruturação do espaço intraurbano: um estudo sobre as influências do DAIA na economia anapolina a partir de 1990**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudo Sócio-Ambientais, 2009.

ESSENBURG, A.S. **A noção de obra de arte em Maurice Merleau-ponty**. Dissertação de mestrado. Departamento de Pós-graduação em filosofia da universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

FERREIRA, F.P.M. **População Em Situação De Rua, Vidas Privadas Em Espaços Públicos: O Caso De Belo Horizonte 1998 – 2005**. in Frederico Poley Martins Ferreira (eds.), Anais do XII Seminário sobre a Economia Mineira [Proceedings of the 12th Seminar on the Economy of Minas Gerais], Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais.

HARVEY, D. **Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: Editora Hucitec. 1980.

HARVEY, D. **Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: edições Loyola. 1996.

HARVEY, D. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HARVEY, D. O Direito a Cidade. **Lutas Sociais**, São Paulo, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), 2018.

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. Disponível em:<<http://www.professorreinaldosousa.com/livros/>> Acesso em: 10/03/2016.

LEFEBVRE, H. **A Vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LE GOFF, J. **Por Amor as Cidades**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

LOJKINE, J. **O estado capitalista e a questão urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LUZ, J. A inserção de Anápolis/GO no contexto da dinâmica regional, **Revista Anápolis Digital**. Volume 01, número 01, 2010. Disponível em: <[www.anapolis.go.gov.br/revistaanapolisdigital](http://www.anapolis.go.gov.br/revistaanapolisdigital)> Acesso em: 05/11/2017.

MÂE, V.H. **Homens Imprudentemente Poéticos**. São Paulo: Biblioteca Azul. 2016.

MARICATO, E. **Para entender a crise urbana**. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MELLO, M. **Brasília e Águas Lindas de Goiás: a loucura e a razão no processo de produção de um território**. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2009.

MELLO, M. Goiânia: Entre A Esquizofrenia Urbana E Os Devaneios Quixoteanos. **Bol. geogr., Maringá**, v. 34, n. 1, 2016.

MERLEAU-PONTY, M. **Textos selecionados** (Os pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1989.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MONTEIRO, Maria Odete de Araújo. **Pobreza extrema no espaço urbano: o caso dos moradores das ruas de Fortaleza-CE, Brasil**. Fortaleza, 2011. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Disponível em: <[http://www.uece.br/mag/dmdocuments/maria\\_odete\\_monteiro.pdf](http://www.uece.br/mag/dmdocuments/maria_odete_monteiro.pdf)> Acesso em: 05 ago. 2016.

MORAES, G.P. **A Influência Do Sagrado Na Transformação Social Dos Moradores De Rua – Missão Vida: Um Estudo De Caso**. Dissertação de Mestrado stricto sensu apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie, como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião. São Paulo, 2008.

PALOMBINI, L.L. **Moradores de Rua e suas relações com o espaço urbano**. Porto Alegre: **Para onde!?**. 2013

PEREIRA, A. D. A (longa) história da desigualdade na África do Sul. **Mal-estar na cultura**. Abril-Novembro, 2010. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/difusaocultural/adminmalestar/documentos/arquivo/AfricaDoSulDanileviczPereira.pdf>> Acesso em: 20/11/2016.

ROUSSEAU, J.J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SAFADI, S.O. Ocupação urbana, redes sociais e territorialização da resistência: o caso de Aparecida de Goiânia, Brasil. **urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management)**, 2017.

SAFADI, S.O. Territorialidades resistentes, autenticidades e ocupação urbana marginal ROCA. **Revista científico- educacional de la provincia Granma**. Vol.14 No. 4, octubre-diciembre 2018.

SANTOS, M. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico científico informacional**. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses Do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo 1988.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10ªed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: RECORD, 2001.

SANTOS, M. **A Natureza de espaço: técnica e tempo, Razão e emoção**. 4º ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SERPA, A. **O espaço Público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2017.

SILVA, Júlia Bueno de Moraes. **O interior e sua importância no Projeto Centralizador do Brasil: Anápolis anos 20-30**. Dissertação de Mestrado. Goiânia: Universidade Federal de Goiás – UFG, 1997.

SILVA, J.F. **O progresso como categoria de entendimento histórico: um estudo de caso sobre a modernização da cidade de Anápolis –GO (1930 – 1957)**. Dissertação (Mestrado em história), UFG, 2014. Disponível em:<<https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/D2014-10.pdf>> Acesso em: 10/11/2017.

SIQUEIRA, T.A. **Novo Paraíso: estigma e segregação no processo de produção de uma realidade urbana**. Monografia apresentada ao Departamento de Geografia do Câmpus Anápolis de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas – UEG, 2016.

SOJA, E. W. **Geografias Pós-Modernas: a Reafirmação do Espaço na Teoria Social Crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1993.

SOUZA, M. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

SOUZA. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SPOSITO, M.E.B. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 1997.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

VARANDA, W; ADORNO, R.C.F. Descartáveis urbanos: discutindo a Complexidade da

população de rua e o desafio para políticas de saúde. **Saúde e Sociedade**. V.13, n.1, p.56-69, Jan – Abri, 2004.

VASCONCELOS, P.A. A aplicação do conceito de segregação residencial ao contexto brasileiro na longa duração. **CIDADES**. São Paulo v. 1, n. 2, 2004, p. 259-274. Disponível em:<<http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/viewFile/478/508>> Acesso em: 29/03/2016

VASCONCELOS, P.A; CORRÊA, R.L; PINTAUDI, S.M (Orgs). **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: contexto. 2013.

VASCONCELOS, P.A. Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais nas cidades. In. VASCONCELOS, P.A; CORRÊA, R.L; PINTAUDI, S.M (Orgs). **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: contexto. 2013

VILLAÇA, F. **Espaço Intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

VOGEL, A; MELLO, M, A.S. **Quando a rua vira casa: A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de Bairro: Niterói**: Eduff, 4. Ed, 2017.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A****MODELO DE QUESTIONÁRIO**

Este questionário Faz parte da pesquisa Intitulada “A Segregação Espacial E A Refuncionalização Do Espaço Urbano De Anápolis: Quando A Rua Vira Casa”

Data: \_\_\_\_\_

**1.Sexo?**

Masculino  Feminino

**2.Idade?**

18 a 24 anos  45 a 60 anos  25 a 44 anos  Mais de 60 anos

**3. Qual a sua raça / cor?**

Branca  Negra  Parda  Amarela

Indígena  Outra. Qual? \_\_\_\_\_

**4. Você possui documentos Pessoais?  Sim  Não****4.1 Se sim quais?**

Carteira de Identidade  Carteira de trabalho  CPF  Título de eleitor  Certidão de Nascimento/casamento

CAD Único  Cartão SUS

**5. Origem ?**

Anápolis  Outra cidade ou Estado? Qual? \_\_\_\_\_

**6. Há quanto tempo está em situação de rua?**

Há menos de 01 ano  Entre 10 e 20 anos  Entre 01 e 05 anos  Mais de 20 anos (  
)Entre 05 e 10 anos

**7. Quais Motivos o levaram a situação de Rua?**

Envolvimento com Drogas  Álcool  Conflitos Familiares  Desemprego

**8. Você Possui Parentes Próximos?**

Sim  Não

**9. Com que Frequência você mantém contato com seus Familiares?**

Diariamente  Semanalmente  Mensalmente  Não possui contato

**10. Com quais familiares você mantém contato?**

Pai  Mãe  Irmãos  Filhos 19

**11. Qual é a situação financeira de seus familiares?**

Ótima  Boa  Regular  Ruim  péssima  Não sabe responder

**12. Sabe ler e escrever?**

Sim, sei ler e escrever.  Apenas escrever o nome.  Não sei ler nem escrever.

**13. Escolaridade**

Ensino fundamental completo.  Ensino Fundamental Incompleto.

Ensino Médio Completo.  Ensino Médio Incompleto.

Ensino Superior Completo.  Ensino Superior Incompleto.

Nunca frequentou a escola.

**14. O que faz principalmente para sobreviver?**

Construção civil/pedreiro/ pintor  Lava/guarda carros/flanelinha

Carga e descarga  Vendedor (doces, frutas, flores, jornais)

Catador de materiais recicláveis  Distribui panfletos

Limpeza/faxina  Reciclagem

Pede  Jardinagem

Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**15. Onde você consegue suas refeições?**

Compra.  Na casa de familiares.  No comercio.

Casas de Apoio/ Centro POP.  Pede Nas ruas.

**16. Qual o local onde dorme com mais frequência?**

Praças / parques / praças  Pontes/viadutos

Casas e prédios abandonados/mocós  Calçadas / Calçada

Hotéis/ Pensão  Albergue

Abrigo  Em sua casa

- Na casa de amigos  Na casa de parentes  
 Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**17. Quais os lugares em que passas bastante tempo durante o dia?**

- Praças / parques  Marquise  
 Ponte/viadutos  Beira do rio  
 Sinaleiro  Estacionamento  
 Rodoviária  Ponto do ônibus / Terminal de ônibus 20  
 Calçadas / Calçada  Em frente a comércio  
 Pelas ruas / perambulando  Casas de conveniência/abrigos  
 Tele centros  Outro. Especifique: \_\_\_\_\_

**18. Você acessa ou já acessou alguns desses serviços?**

- CRAS  CREAS  Albergue  
 CAPS  Centro POP

**19. Você tem Problemas de saúde? se sim quais?**

- Doenças de pele  DST  
 HIV / AIDS  Doença mental / Psiquiátrica / Psicológica /  Dependência química /Álcool Depressão / Dos nervos /Da cabeça  
 Doenças respiratórias/ Asma  Tuberculose  
 Diabetes  Hepatite  
 Doença cardíaca/Sofre do coração  Dores no corpo  
 Pressão alta  Nos dentes  
 Deficiência Física  Com atadura/ tala/ gesso  
Outra. Qual? \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B

### MODELO DE ENTREVISTA

Este questionário Faz parte da pesquisa Intitulada “A Segregação Espacial E A Refuncionalização Do Espaço Urbano De Anápolis: Quando A Rua Vira Casa”

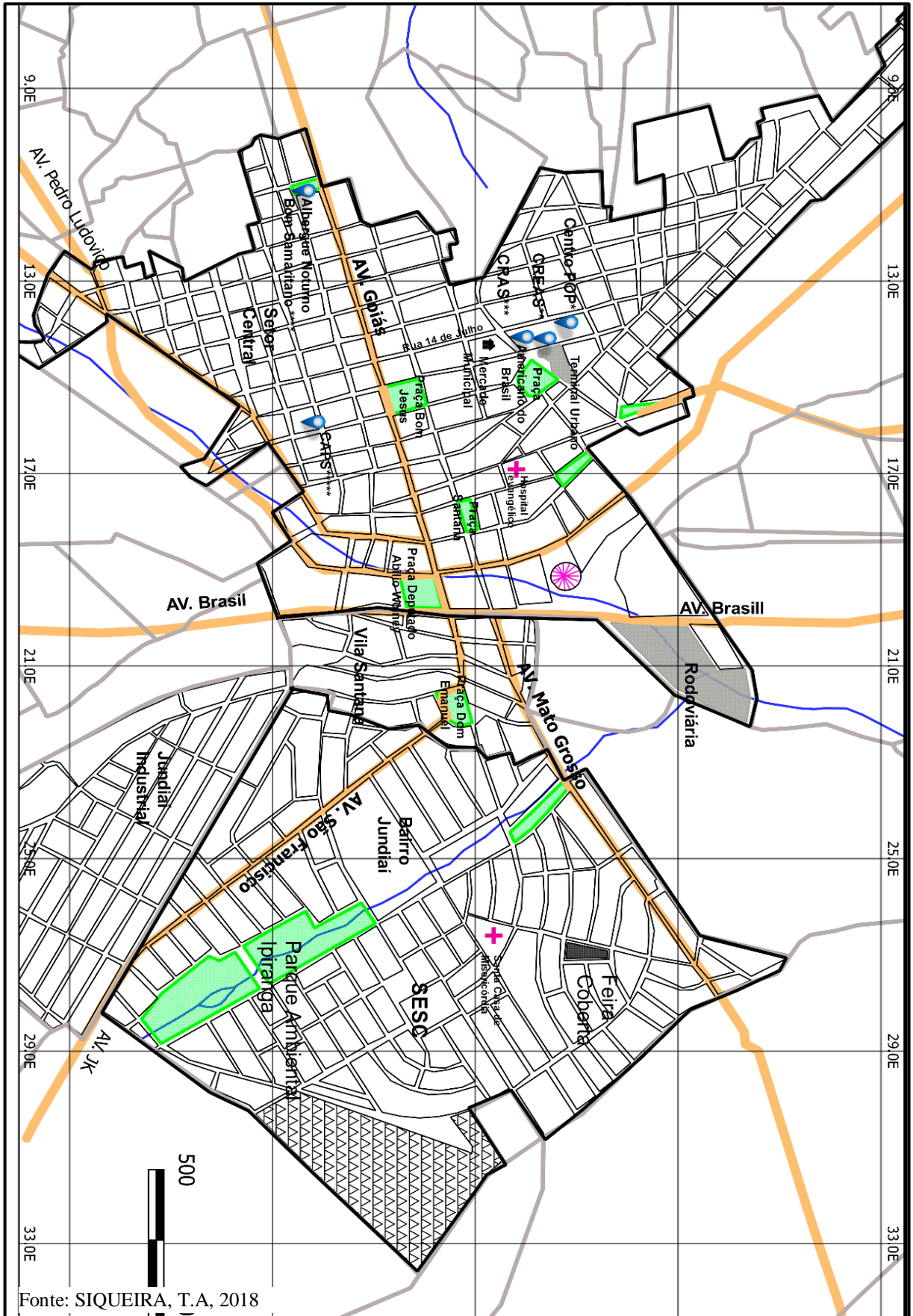
Data: \_\_\_\_\_

#### Perguntas

1. Você costuma frequentar quais praças da cidade?
2. Qual delas chama mais a sua atenção?
3. Você conhece este lugar a muito tempo?
4. Quantas vezes você vai nesse lugar por semana?
5. Como você se sente neste lugar?
6. Qual é a sua relação com as pessoas que permanecem nesse lugar? E com as pessoas que passam?
7. Você percebeu transformações neste lugar?
8. Conte-me uma experiência marcante que você teve neste lugar?
9. Você já viveu em outras cidades na condição de morador de rua? Você percebe diferenças entre estas cidades e Anápolis?
10. Observando o mapa do Setor Central e do Bairro Jundiaí, qual desses lugares você acha mais importante?
11. Em quais destes lugares você vai mais vezes?
12. O que te atrai neste lugar?
13. Em qual destes lugares você não vai?
14. Do que você tem medo neste lugar?
15. Desenhe o percurso que você faz durante o dia nestes Lugares.

### APÊNDICE C

#### Mapa do Setor Central e do Bairro Jundiá



Fonte: SIQUEIRA, T.A., 2018

**ANEXOS**

## ANEXO A

UEG - UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE GOIÁS



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A Segregação Espacial E A Refuncionalização Do Espaço Urbano De Anápolis:  
Quando A Rua Vira Casa

**Pesquisador:** THALITA AGUIAR SIQUEIRA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 88740118.5.0000.8113

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual de Goiás

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.744.429

**Apresentação do Projeto:**

A investigação apresentada está vinculada à Universidade Estadual de Goiás – UEG e ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanidades – TECCER. O produto da pesquisa será uma dissertação em nível de mestrado acadêmico. A temática principal da pesquisa refere-se à problemática das pessoas em situação de rua na cidade de Anápolis e as paisagens ocupadas por estas pessoas no espaço urbano, onde através da análise destas paisagens buscaremos apreender as percepções de mundo vivenciadas pelas pessoas em situação de rua. Como produto dessas análises buscaremos uma cartografia dos fluxos empreendidos por essas pessoas na cidade de Anápolis- GO, para tanto contaremos com o apoio da Associação Beneficente Bom Samaritano/ Albergue Noturno onde serão aplicados questionários e realizado entrevistas com os frequentadores.

Os passos metodológicos propostos para o desenvolvimento da pesquisa estão dispostos nas etapas relacionadas:

- Pesquisa bibliográfica em livros e trabalhos acadêmicos que apresentam a discussão de temas relacionados à segregação e a questão das pessoas em situação de rua. Nesta fase serão feitas fichas de leituras para contribuir posteriormente com a confecção do texto.
- Pesquisa em sites de órgãos e intuições oficiais para a obtenção de dados secundários e informações relacionadas à temática da pesquisa
- Fazer contato inicial com a Associação Beneficente Bom Samaritano/ Albergue noturno para

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 º Bloco III º Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1434 **E-mail:** cep@ueg.br

UEG - UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 2.744.429

verificar a possibilidade de participação da instituição na pesquisa.

- Elaborar questionários e entrevistas que serão posteriormente aplicados na Associação Beneficente Bom Samaritano/ Albergue Noturno;
- Os questionários elaborados (questionário e entrevista) levam em consideração os seguintes aspectos: dados pessoais como sexo, idade, documentos que possui; dados sobre a rotina nas ruas; a relação com familiares; e a saúde do participante. Na entrevista serão abordados assuntos que revelam a relação do morador de rua com o espaço urbano.
- Elaborar roteiros de campo que nortearão os trabalhos de campo que serão feitos na região central de Anápolis e na Associação Beneficente Bom Samaritano/ Albergue Noturno.
- Fazer os trabalhos de campo de acordo com os roteiros previamente elaborados, registrando as observações feitas.
- Na região central da cidade serão feitas observações a respeito das relações empreendidas pelo rua com o espaço urbano:
  - Nos trabalhos de campo realizados na Associação Beneficente Bom Samaritano/Albergue Noturno serão aplicados 50 questionários e 10 participantes serão entrevistados a fim de fazer o levantamento dos dados a serem mapeados. Além dos questionários e das entrevistas serão obtidos registros Fotográficos na Associação Beneficente Bom Samaritano/ Albergue Noturno.
  - Durante a realização dos questionários e entrevistas na Associação beneficente Bom Samaritano/Albergue Noturno. A abordagem se dará a partir da manifestação de interesse do morador de rua em participar da entrevista. Posteriormente em local apropriado fornecido pela Associação Beneficente Bom Samaritano o participante será informado sobre os aspectos principais da sua participação na pesquisa através do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), após o participante aceitar contribuir para a realização da pesquisa ele terá 30 minutos para responder o questionário.
  - A partir dos questionários respondidos serão selecionados 10 participantes para responder a entrevista. O participante terá 30 minutos para responder a entrevista. Também nos trabalhos de campo realizados na Associação Beneficente Bom Samaritano serão manuseados os prontuários a fim de buscar dados que contribuam com a pesquisa.
  - Considerando as observações feitas e os dados coletados em campo, como na pesquisa bibliográfica buscaremos mapear os fluxos e dinâmicas empreendidas pelos moradores de rua.
  - Os produtos cartográficos resultantes da coleta de dados serão analisados e interpretados para fazerem parte do produto final a dissertação.

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 ç Bloco III ç Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1434

**E-mail:** cep@ueg.br

UEG - UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 2.744.429

A amostra total da pesquisa será composta por 60 pessoas.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Compreender como a segregação está inserida no processo produtor de populações em situação de rua, evidenciando o papel do corpo na mediação deste segmento social com o espaço público de Anápolis – GO

Objetivos Secundário

-Relacionar processos segregadores com a apropriação do espaço público pela população em situação de rua.

-Avaliar a relação de corpos sem casa com o espaço público da cidade de Anápolis - GO.

-Mapear a trajetória dos moradores de rua na cidade de Anápolis, considerando sua percepção acerca do espaço urbano; bem como o papel de seus corpos na atribuição de sentidos aos equipamentos urbanos.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

De acordo com a pesquisadora o risco que a pesquisa pode oferecer é que no momento da entrevista ou do questionário o participante possa sentir um desconforto emocional. Para amenizar esse risco propõe a interrupção da entrevista e ou questionário e posterior retomada, caso aja consenso do participante. Outra possibilidade de amenizar o risco é ter apoio da equipe da Associação Beneficente Bom Samaritano/ Albergue Noturno e também do Núcleo de Apoio Psicológico da Universidade Estadual de Goiás caso seja necessário.

Os benefícios da pesquisa se relacionam a produção de conhecimentos voltados para a análise das condições de socioeconômicas a respeito da questão dos moradores de rua na cidade, o que pode contribuir com um melhor tratamento destas pessoas visando uma melhora em seu relacionamento com a sociedade a sua volta.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

De acordo com o escopo apresentado pelo pesquisador a investigação propõe fazer um mapeamento das pessoas em situação de rua na cidade de Anápolis e as paisagens ocupadas por estas pessoas no espaço urbano, levando em consideração as percepções de mundo vivenciadas

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 ç Bloco III ç Térreo

**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903

**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS

**Telefone:** (62)3328-1434

**E-mail:** cep@ueg.br

UEG - UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 2.744.429

pelos pessoas em situação de rua.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

No protocolo foram apresentados: Folha de rosto assinada pelo pesquisador e responsável da Instituição proponente, Termo de compromisso, TCLE com nova versão, Termo de anuência da Instituição coparticipante, aceite em participar da pesquisa da proposta pela UEG, autorização para manuseio de prontuários dos atendidos na Instituição coparticipante, Declaração do Núcleo de Apoio ao Discente da UEG.

**Recomendações:**

Colocar a opção Outros: \_\_\_\_\_, na questão nº 7 como resposta provável.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

As pendências apontadas na versão anterior foram todas sanadas nessa versão.

O TCLE, teve nova redação, atendendo às solicitações desse CEP. Os roteiros de entrevista e questionários foram apresentados. A declaração do núcleo de apoio ao discente da UEG foi apresentada de forma adequada.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UEG considera o presente protocolo APROVADO e que o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar o Relatório Final de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O modelo encontra-se disponível na página do CEP-UEG. O prazo para a entrega do Relatório Final é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, previsto para o segundo semestre de 2018.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1117879.pdf	20/06/2018 14:59:13		Aceito
Outros	Roteiros_questionario_entrevista.pdf	20/06/2018 14:22:10	THALITA AGUIAR SIQUEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE_2_versao.pdf	20/06/2018 14:20:23	THALITA AGUIAR SIQUEIRA	Aceito

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 ζ Bloco III ζ Térreo

**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903

**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS

**Telefone:** (62)3328-1434

**E-mail:** cep@ueg.br

UEG - UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 2.744.429

Ausência	TCLE_2_versao.pdf	20/06/2018 14:20:23	THALITA AGUIAR SIQUEIRA	Aceito
Outros	Declaracao_Apoio_Psicologico.pdf	20/06/2018 14:19:24	THALITA AGUIAR SIQUEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	27/04/2018 14:07:10	THALITA AGUIAR SIQUEIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_De_Rosto.pdf	27/04/2018 13:47:00	THALITA AGUIAR SIQUEIRA	Aceito
Outros	Autorizacao_UEG.pdf	26/04/2018 15:17:02	THALITA AGUIAR SIQUEIRA	Aceito
Outros	Autorizacao_Para_Manuseio_de_Prontu- arios.pdf	26/04/2018 15:15:18	THALITA AGUIAR SIQUEIRA	Aceito
Outros	Anuencia_Bom_Samaritano.pdf	26/04/2018 15:12:56	THALITA AGUIAR SIQUEIRA	Aceito
Outros	Termo_de_Compromisso.pdf	26/04/2018 15:12:20	THALITA AGUIAR SIQUEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	26/04/2018 15:05:27	THALITA AGUIAR SIQUEIRA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

ANAPOLIS, 28 de Junho de 2018

---

**Assinado por:**  
**Luciana de Souza Ondeí**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 ç Bloco III ç Térreo

**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO

**CEP:** 75.132-903

**UF:** GO

**Município:** ANAPOLIS

**Telefone:** (62)3328-1434

**E-mail:** cep@ueg.br